

Rodrigo Laufer

**VIDA INTERIOR:
DESAFIOS E CAMINHOS PARA O CULTIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Me. Wellington
Cristiano da Silva.

Florianópolis
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC.

Laufer, Rodrigo

Vida interior: desafios e caminhos para o cultivo /
Rodrigo Laufer; Orientador: Wellington Cristiano da Silva;
Florianópolis, SC, 2021.

121 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de
Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Vida interior 2. Interioridade Partilhada 3. Verdadeiro
Eu 4. Orientação Espiritual. II. Título.

Rodrigo Laufer

**VIDA INTERIOR:
DESAFIOS E CAMINHOS PARA O CULTIVO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 13 de Agosto de 2021.

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Me. Wellington Cristiano da Silva
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Me. Edimar Fernando Moreira
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Bel. Siro Manoel de Oliveira
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Dedico este trabalho a toda pessoa que busca encontrar seu verdadeiro eu e, assim, descobrir a vida nova em Cristo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me chama à vida em abundância.

À minha família, que me proporcionou a vida de fé.

À Arquidiocese de Florianópolis, pelas oportunidades oferecidas neste tempo de formação.

Aos professores, pela partilha de conhecimento, em especial ao Padre Wellington Cristiano da Silva, orientador desta pesquisa.

Ao Padre Vânio da Silva, por me acompanhar nestes anos da etapa da configuração.

À Sra. Miriam Siqueira, orientadora espiritual, por me acompanhar no caminho da vida interior.

À irmã Clea Fuck, pela revisão deste trabalho.

Aos meus irmãos seminaristas, pelo auxílio que prestaram na elaboração deste trabalho e pela amizade construída.

A única verdadeira alegria neste mundo é escapar da prisão de nosso falso eu e entrar, por amor, em união com a vida que mora e canta na essência de cada criatura e no próprio centro de nossa alma. No seu amor possuímos todas as coisas e podemos fruí-las encontrando Deus em todas elas. Assim, andando pelo mundo, tudo que encontramos, vemos, tocamos e ouvimos, longe de nos manchar, purifica-nos e planta em nós algo mais da contemplação e do céu.

(Thomas Merton)

RESUMO

Este trabalho, de cunho teórico-bibliográfico, tem como objetivo apresentar a importância e a profundidade da vida espiritual e propor caminhos para o cultivo de uma vivência interior. Tais caminhos possibilitam ao ser humano atingir a sua integração. Em um primeiro momento a pesquisa apresenta a natureza da vida interior na teologia espiritual e na mística contemporânea e a relação de amizade entre Criador e criatura. Em seguida, aborda alguns desafios para a vivência interior. E, por fim, oferece caminhos para o cultivo da vida interior. Para tanto a pesquisa conta com as contribuições de Thomas Merton, Henry Nouwen, e outros autores. É Deus quem desperta o ser humano para a vida interior, e, por meio dessa vivência, dá a ele a oportunidade da nova criação inaugurada em Cristo. É na interioridade que o ser humano descobre a si mesmo, relaciona-se com Deus e encontra toda a humanidade.

Palavras-chave: Vida interior. Interioridade partilhada. Verdadeiro Eu. Orientação Espiritual.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC – Catecismo da Igreja Católica

DCE – *Deus Caritas Est*

Doc100 – Documento nº 100 da Conferência nacional dos bispos do Brasil

EG – *Evangelii Gaudium*

FT – *Fratelli Tutti*

GEE – *Gaudete et Exsultate*

GS – *Gaudium et Spes*

LS – *Laudato Si*

PC – *Patris Corde*

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO | 17 |
| 1 A VIDA INTERIOR NA TEOLOGIA ESPIRITUAL E NA MÍSTICA CONTEMPORÂNEAS | 19 |
| 1.1 VIDA INTERIOR | 20 |
| 1.1.1 A vida humana na relação inicial com Deus e a ruptura do pecado | 24 |
| 1.1.2 O retorno ao Pai | 26 |
| 1.1.3 A vida do ser humano fragmentado | 28 |
| 1.1.4 O fim da vida interior | 31 |
| 1.1.4.1 Verdadeiro Eu..... | 32 |
| 1.1.4.2 Despertar do Eu interior | 36 |
| 1.2 INTERIORIDADE PARTILHADA | 37 |
| 1.3 FECUNDIDADE DA VIDA INTERIOR | 41 |
| 1.3.1 Vida interior que gera afetos..... | 42 |
| 1.3.2 Vida interior que gera solidão..... | 44 |
| 1.3.3 Vida interior que gera compaixão | 46 |
| 1.4 A VIDA ESPIRITUAL NA PERSPECTIVA DO PAPA FRANCISCO..... | 48 |
| 2 DESAFIOS PARA O CULTIVO DA VIDA INTERIOR | 53 |
| 2.1 FALSO EU | 54 |
| 2.2 ENFÂSE NA DIMENSÃO ANÍMICA | 58 |
| 2.2.1 Orgulho..... | 59 |
| 2.2.2 Perfeccionismo | 61 |
| 2.2.3 Individualismo | 65 |
| 2.3 ENFÂSE NA DIMENSÃO ESPIRITUAL..... | 68 |
| 2.3.1 Falsa religião | 68 |
| 2.3.2 Idolatria | 71 |
| 2.3.3 Espiritualismo | 72 |
| 2.4 ENFÂSE NA DIMENSÃO CORPORAL | 74 |
| 2.4.1 Secularismo | 74 |
| 2.4.2 Diluição nas massas | 76 |
| 2.4.3 Consumismo..... | 77 |
| 2.4.3.1 Degradação da natureza | 81 |
| 3 CAMINHOS PARA O CULTIVO DA VIDA INTERIOR | 85 |
| 3.1 ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL | 87 |
| 3.2 EXAME DE CONSCIÊNCIA | 93 |
| 3.3 CONTEMPLAÇÃO | 99 |
| 3.4 HUMILDADE..... | 103 |
| 3.4.1 Reconciliação | 105 |

| | |
|-----------------------------------------------|------------|
| 3.4.2 Integração das fraquezas..... | 108 |
| 3.4.3 Permanecer no Amor de Deus | 109 |
| CONCLUSÃO | 113 |
| REFERÊNCIAS | 115 |

INTRODUÇÃO

A vida interior ou vida espiritual é compreendida como um dom, um chamado para toda a humanidade, um convite feito pelo próprio Criador. A Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja evidenciam esse chamado como um encontro, profundo e pessoal, entre Criador e criatura. A vida interior não deve ser vista como contraponto, ou como fuga da vida exterior, mas como um aperfeiçoamento para uma vida em plenitude. Ao viver a partir de dentro, e não conduzido pela pura exterioridade, é possível ao ser humano um acesso mais pleno à vida e um encontro integrador consigo mesmo, com Deus e com toda a criação.

Cristo, o modelo de ser humano perfeito, viveu intensamente a sua interioridade. Muitos cristãos, pais e mães da Igreja, místicos e teólogos, ao assumirem a experiência de Jesus como horizonte a ser alcançado, buscaram atender a esse convite e deixaram relatos que descrevem a sua vivência interior. A partir desses relatos, também hoje, homens e mulheres se propõem a partilhar as suas experiências interiores.

Embora a vida interior seja apresentada, de maneira especial no cristianismo, como um ideal a ser vivido, é também natural do ser humano, como fruto do pecado, viver voltado para fora e conduzido pelas circunstâncias. Dessa maneira, torna-se mais exigente esse acesso a sua própria interioridade.

O intento deste trabalho é apresentar a importância e profundidade da vida espiritual e propor caminhos para o cultivo de uma vivência interior. O cultivo da vida interior conduz o ser humano para a superação da própria fragmentação, fruto do pecado. A pesquisa, de cunho teórico-bibliográfico, contará com a contribuição de teólogos e místicos contemporâneos e da Sagrada Escritura.

O Ser humano, por vezes fragmentado, encontra diversos desafios para o cultivo da vida espiritual, daí a importância de compreender o chamado à vida interior a partir da teologia espiritual e mística contemporâneas. A vida interior também corre o perigo de ser compreendida como uma mera ação intimista e fuga do mundo. Diante dessa realidade, propõe-se apresentar o modelo cristão de vida interior, fundado no mistério da encarnação de Jesus Cristo. Esse caminho, a partir da teologia espiritual, possibilita ao ser humano uma integração de seu ser, e do seu ser com Deus e a criação.

Primeiramente a pesquisa aborda a natureza da vida interior na teologia e na mística contemporâneas. Conta principalmente com as contribuições de Thomas Merton e Henry Nouwen que deram passos significativos para uma melhor compreensão e aproximação da vida

espiritual ao ser humano hodierno. Apresenta ainda conceitos-chaves como *verdadeiro eu* e *interioridade partilhada*, bem como a perspectiva de vida espiritual identificada no pontificado de Francisco.

A vida interior conduz o ser humano a sua plena realização, pois é o ponto de encontro entre Criador e criatura. Em cada ser humano, existe a possibilidade de uma vida nova, inaugurada em Jesus Cristo. Assim, a vida espiritual é a descoberta da presença de Deus na vida da própria pessoa. Por meio dessa presença é possível agir no mundo guiado pela ação do Espírito de Deus. A interioridade encontrada na vida espiritual não isola, mas integra a pessoa na comunidade, pois é uma interioridade partilhada. Gera, ao mesmo tempo, solidão, afeto e compaixão.

Num segundo momento o trabalho aborda alguns desafios que surgem para a vivência interior. Esses desafios são frutos do desequilíbrio que o ser humano vive ao enfatizar demasiadamente apenas uma de suas dimensões. Como fruto do pecado, o ser humano experimenta a sua vida e relações a partir de uma fragmentação. Não sente mais em si a unidade e integração das suas dimensões corporal, anímica e espiritual. Vive disperso, fragmentado e voltado para fora. No anseio de se encontrar adere a propostas que o dispersam ainda mais.

Por fim, ao considerar a compreensão de vida interior encontrada na teologia espiritual e mística contemporâneas, que são uma continuidade de toda a tradição espiritual cristã, são oferecidos caminhos de cultivo interior. Os caminhos apresentados não são novos, porém serão analisados em uma perspectiva atual. Como primeira e principal proposta, é apresentada a orientação espiritual, enquanto uma relação de ajuda para aquele que busca trilhar um caminho de configuração a Cristo. O despertar da vida interior é uma ação divina. Os caminhos para o cultivo da vivência interior serão fecundos se trilhados na perspectiva do encontro com Deus e consigo mesmo. Do encontro com o Criador surge a compreensão da relação de filiação entre o ser humano e Deus. Por meio da participação na filiação de Cristo, a pessoa chegará à vivência da fraternidade humana.

1 A VIDA INTERIOR NA TEOLOGIA ESPIRITUAL E NA MÍSTICA CONTEMPORÂNEAS¹

A vida interior é uma possibilidade para todo ser humano. Existe um mundo interior dentro de cada pessoa que pode ou não ser despertado e acessado. O ser humano criado por Deus, naturalmente, direciona-se para uma relação sempre mais intensa com seu Criador. Esse relacionamento acontece na experiência interior que a pessoa faz de Deus. Entretanto, o pecado, sinal de ruptura, ao entrar na relação da criatura com o seu Criador, altera a fecundidade de tal interação, e assim prejudica e até impossibilita o ser humano de se dar conta de que sua vida está direcionada para o citado fim. “O pecado intervém na relacionalidade, perverte a relação, porque perverte o amor. [...] é interrupção da relação, é isolamento, fechamento, é fazer do próprio eu o epicentro do universo, da criação.”² Entretanto, consciente, ou inconscientemente, todo ser humano tem um desejo de infinito, de algo que o transcenda, que lhe dê um sentido primordial para viver.

De acordo com a Tradição cristã, o desejo de infinito não pode ser saciado por completo na experiência terrestre. Porém, começa-se a atender esse desejo por meio da relação de amizade com Deus. A interação entre Criador e criatura precisa ser restabelecida e cultivada por meio da vivência interior, isto é, de uma vida não mais direcionada pela exterioridade e aparência, mas pelo próprio Espírito de Deus. É necessário um retorno ao Pai, que de acordo com Thomas Merton³ “[...] somente é

¹ Esse trabalho se debruça de modo especial na compreensão da vida interior a partir de teólogos e místicos contemporâneos que são uma continuidade de toda a tradição espiritual cristã. De modo especial se contará com a contribuição de dois autores espirituais, Thomas Merton e Henry Nouwen, que deram passos significativos na compreensão da vida espiritual para o ser humano de hoje. A teologia espiritual precisa se relacionar com as pessoas de cada tempo, com o intuito de aproximá-las do mistério de Cristo. Portanto, precisa utilizar uma linguagem que, sem esvaziar a profundidade e beleza do mistério, seja mais acessível. Sem, contudo, lançar mão de todo contributo dos grandes místicos da espiritualidade cristã, que com a partilha de suas experiências interiores colaboraram para a sólida tradição espiritual cristã.

² RUPNIK, Marko I. **O exame de consciência**: para viver como redimidos. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 20.

³ Thomas James Merton nasceu no dia 31 de janeiro de 1915, em Prades, na França. Filho de pai neozelandês e mãe estadunidense. Ao seis anos de idade sua mãe morreu vítima de um câncer e, em 1931 o seu pai morreu em Londres em

possível pelo desaparego e *morte* do eu exterior, para que o eu interior,⁴ purificado e renovado, possa cumprir sua função de imagem da Santíssima Trindade.⁵

Neste primeiro capítulo será apresentada a vida interior por meio da relação inicial com Deus, a consequência do pecado para a interação da criatura com o Criador e a possibilidade do restabelecimento da união com Deus Pai por meio da missão do Filho e do Espírito Santo. A partir disso, será explicitado o conceito de interioridade partilhada e a fecundidade da vida interior e por fim será visto como a vida espiritual é apresentada no pontificado do Papa Francisco.

1.1 VIDA INTERIOR

A vida interior,⁶ ou vida no Espírito,⁷ é a vida no sentido mais pleno da palavra, desejada por Deus para seus filhos e filhas, na qual

consequência de um tumor cerebral. Estudou e viveu em diversos países e falava fluentemente várias línguas. Após uma adolescência indisciplinada, mas intelectualmente promissora, converteu-se ao catolicismo em 1938. Dois anos após sua conversão ingressou na comunidade monástica da Abadia Cisterciense do Getsêmani, no interior dos Estados Unidos, onde recebeu o sacerdócio aos 34 anos. É autor de mais de sessenta livros e centenas de poemas e artigos, falando sobre os mais variados temas, como espiritualidade, direitos civis, pacifismo e ecumenismo. Sua obra é marcada pela profundidade de um religioso dedicado ao diálogo entre as grandes religiões. Morreu num acidente elétrico na Tailândia durante um encontro com líderes religiosos, em 1968.

⁴ Os termos *eu exterior* ou *falso eu* e *eu interior* ou *verdadeiro eu* são termos chaves para a compreensão da teologia espiritual de Thomas Merton. Com esses termos o monge trapista afirma a necessidade da vida interior, na qual o eu interior ou o verdadeiro eu, aquele criado por Deus como sujeito de relações emerge e direciona a pessoa para uma vida em harmonia, consigo mesma, com Deus e com toda a criação. Ao contrário do verdadeiro eu, o falso eu ou eu exterior é aquele que vive apenas da exterioridade, vive na ruptura do pecado e impossibilitado de relações fecundas, pois é criado no egoísmo e precisa auto preservar-se.

⁵ MERTON, Thomas. **A experiência interior**: notas sobre a contemplação. Org. William H. Shannon. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 53, grifo do autor.

⁶ As expressões vida interior, vida espiritual ou vida no Espírito, serão utilizadas neste trabalho para expressar a mesma ideia de vida em abundância que Jesus fala em Jo 10,10, que tem início na experiência terrestre e se concretizará na vida eterna. É a vida na qual a pessoa vive a sua relação de amizade com Deus e a

podem ser verdadeiramente quem são.⁸ “Em sentido estrito, a vida interior é a vida na qual se desperta a consciência espiritual e interior [...] e, enquanto não há esse despertar, o *homem interior* permanece morto ou ao menos dormente.”⁹ A experiência vivida por Santo Agostinho exemplifica esse chamado ao interior de cada ser humano. Em seu livro *Confissões*, o autor narra a sua experiência nestas palavras: “entrei, guiado por ti, no profundo do meu coração, e o pude fazer porque te fizeste minha ajuda. Entrei, e vi com os olhos da alma [...] a luz imutável [...] estava acima de mim porque me criou; eu lhe era inferior.”¹⁰ A partir de sua experiência interior, o santo aconselhava que, para encontrar a Deus, a pessoa não devia buscar fora de si, nas coisas, mas buscá-lo em seu interior.

Segundo Rupnik,¹¹ ao despertar para a vida no Espírito, o ser humano se relaciona com o Pai, e como a única humanidade que pode se relacionar com o Pai é o Filho, a pessoa espiritual é aquela que assume o Evangelho de Cristo, e em torno a este busca moldar a sua vida. É a

partir da harmonia dessa relação torna-se inteira para relacionar-se fecundamente com toda a criação.

⁷ A vida como um todo deve ser sustentada pelo Espírito e ser conformada nele [...]. Assim como, segundo Paulo (I Cor 12,3), a confissão de Jesus como o Cristo só pode ocorrer no Espírito, da mesma maneira, segundo Jo 4,23s., a verdadeira oração acontece no “Espírito e na verdade”. A fundamentação “Deus é Espírito” (4,24) confirma, também nesse caso, o caráter de presente que tem a existência espiritual: porque Deus se dá aos seres humanos no Espírito, assim como ele é luz e vida para eles (cf. I Jo 1,5; 4,8.16), estes podem ter acesso a Ele no Espírito. (BERND Jochen H. Pneumatologia. In SCHNEIDER, Theodor (Org.). **Manual de Dogmática**, v. 1. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 403-497. p. cit. 440).

⁸ CHITTISTER, Joan. **O sopro da vida interior**: a oração como experiência de misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 92.

⁹ MERTON, 2007, p. 129-130, grifo do autor.

¹⁰ AGOSTINHO DE HIPONA. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 154; Conf. VII,10.

¹¹ Marko Ivan Rupnik nasceu na Eslovênia em 1954. No ano de 1973 entrou para a companhia de Jesus. Estudou pintura na Academia de Belas Artes de Roma, e estudou teologia na Universidade Gregoriana, onde obteve o doutorado em missiologia. É professor de espiritualidade do Oriente cristão no Pontifício Instituto da Evangelização na Pontifícia Universidade Gregoriana. É diretor do Centro Aletti, que tem como objetivo a reflexão sobre a relação fé-cultura na Europa contemporânea, considerando a tradição cristã do Oriente e do Ocidente.

pessoa que faz uma experiência totalizante de Deus, que atinge corpo, alma e espírito, e assim, permanece na constante busca de Deus.¹²

Segundo Henri Nouwen¹³ é na vida interior que o ser humano liberto pelo Espírito pode apreciar a vida em plenitude¹⁴ e experimentar o fruto da missão de Cristo, que afirma: “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância.”¹⁵ O desejo de vida eterna para todos, expresso por Cristo, já é iniciado aqui na terra, ao acolher a vida de Deus no ser humano. Essa perspectiva abre o ser humano para a compreensão de que a vida marcadamente vivida fora de si, impulsionada e dominada pelas circunstâncias exteriores, “não é a única vida que temos. Há uma vida rica e profunda dentro de nós que nos chama, para além da transitoriedade desta, para a energia eterna da vida [...]”¹⁶ A vida interior é o lugar de Deus, é o lugar onde o ser humano pode se sentir em casa, e experimentar o amor de Jesus, que é manso, bondoso e misericordioso; neste amor a pessoa sente-se aceita e acolhida.¹⁷

Na vida interior todas as situações são acolhidas, tudo é integrado, pois todos os momentos ensinam e colaboram, inclusive os mais desafiadores, para que cada pessoa possa ser quem realmente é. Ela não é feita apenas de momentos bons e *espirituais*, em oposição a momentos maus e penosos. Todas as situações tornam-se oportunidades de perceber o Mistério de Deus,¹⁸ pois a vida espiritual é a vida de uma pessoa

¹² MONDONI, Danilo. **História e teologia da espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 90.

¹³ Henri Josef Machiel Nouwen nasceu na Holanda em 24 de janeiro de 1932. Foi ordenado sacerdote em 1957 e estudou psicologia na Universidade Católica de Nijmegen e, em 1964 se mudou para os Estados Unidos. Ensinou na Universidade de Notre Dame, Yale e Harvard. Escreveu mais de trinta livros e tornou-se um escritor muito admirado, sacerdote, conselheiro e guia-espiritual mundialmente famoso. Em 1985 entrou para a comunidade da Arca (fundada por Jean Vanier, para o cuidado de pessoas com deficiência) na França e um ano depois se mudou para a Comunidade da Arca em Daybreak, cidade próxima de Toronto no Canadá, onde veio a falecer no dia 21 de setembro de 1996.

¹⁴ NOUWEN, Henri J. M.; CHRISTENSEN, Michael J.; LAIRD, Rebecca J. **Formação Espiritual**: seguindo os movimentos do Espírito. Braga: Editorial A. O., 2017a. p. 31.

¹⁵ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002; Jo 10,10.

¹⁶ CHITTISTER, 2015, p. 67.

¹⁷ GRÜN, Anselm; HALÍK, Tomás. **Livrar-se de Deus?** Quando a crença e a descrença se encontram. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 197.

¹⁸ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 43, grifo nosso.

concreta com todas as suas circunstâncias,¹⁹ é uma vida encarnada.²⁰ E tem como meta a integração da pessoa e o fortalecimento da sua vida ética.²¹ A vida espiritual é, portanto, unidade. “É a vida do Espírito na carne; é chamada espiritual porque se serve de todas as coisas, mesmo as corporais, para a exaltação da alma em Deus”²²

A vida interior é a vida na qual “todas as suas ações, mesmo as exteriores, visam ao proveito interior,”²³ nela é necessário um processo de esvaziamento da mente e do coração. Esvaziar-se de conceitos elaborados, para acolher a revelação e a vida de Deus. Como fruto dessa experiência nasce a compreensão de que a vida é maior do que a vida de cada ser humano e que a história é maior que a história individual. Ao esvaziar-se, o ser humano abre o espaço que o Espírito Santo preencherá.²⁴

É na vida espiritual que a pessoa vai adquirindo uma consciência sempre maior da essencialidade da sua vida sacramental. Que toma consciência da importância do seu batismo que lhe confere a graça da vida nova em Cristo.²⁵ Assim a vida interior torna-se um convite para a abundância da vida, para um conhecimento crescente de Deus e de si mesmo, e a uma maior entrega de amor no serviço aos irmãos.²⁶ A vida espiritual é acolhida como “tudo aquilo que, na ação do Espírito Santo, une o homem a Deus não em uma relação qualquer, mas como filhos e filhas e, portanto, como irmãos e irmãs.”²⁷

Para a continuidade do trabalho é importante a compreensão de que hoje é necessário ao ser humano um esforço para a vivência interior. Isso, pois, como será exposto nos próximos pontos, a relação de proximidade entre Deus e o ser humano, é da natureza humana, Deus criou o ser humano para com ele se relacionar, mas, devido ao pecado, tal relação foi estruturalmente afetada.

¹⁹ BERNARD, Charles A. **Introdução à teologia espiritual**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 15.

²⁰ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 141.

²¹ BERNARD, 2014, p. 87.

²² POLLIEN, François de S.; TISSOT, Joseph. **A vida interior: simplificada e reconduzida ao seu fundamento**. 2 ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2019. p. 36.

²³ POLLIEN; TISSOT, 2019, p. 36.

²⁴ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 37.

²⁵ RUPNIK, Marko I. **Segundo o Espírito: a teologia espiritual no caminho com a Igreja do Papa Francisco**. Brasília: Edições CNBB, 2019. p. 113.

²⁶ MERTON, Thomas. **O homem novo**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 114.

²⁷ RUPNIK, 2019, p. 30.

1.1.1 A vida humana na relação inicial com Deus e a ruptura do pecado

O ser humano, criado à *imagem de Deus*,²⁸ é capaz de conhecer e amar seu Criador,²⁹ é chamado à comunhão pessoal com o Pai, o Filho e o Espírito Santo e, neles, com todos os seres humanos.³⁰ A narrativa da criação do ser humano apresenta que entre o Criador e a criatura existia desde o início uma relação desejada por Deus e correspondida pelo ser humano. No segundo relato da criação,³¹ é o homem que define o nome das outras criaturas e é responsável por cultivar e guardar as coisas criadas. Dessa forma Deus o faz também responsável pela criação – gerando assim uma relação de cooperação entre a criatura e o Criador. Na sequência da narrativa, é relatado que, após o pecado³² cometido por Adão e Eva³³, Deus caminha no jardim do Éden e os procura³⁴. Portanto, “a criação é um acontecimento entre Deus e o homem; o homem, cada

²⁸ As pessoas criadas à imagem de Deus são seres corpóreos cuja identidade, masculina ou feminina, os destina a um tipo especial de comunhão uns com os outros. [...] Os seres humanos são criados à *imago Dei* justamente como pessoas capazes de conhecimento e de amor pessoais e interpessoais. É em virtude da *imago Dei* neles que estes seres pessoais são também seres relacionais e sociais, compreendidos em uma família humana cuja unidade é ao mesmo tempo realizada e prefigurada na Igreja. (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*. Vaticano: 2004. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html>. Acesso em: 11 ago. 2020).

²⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1969. p. 143-256. p. cit. 154; GS 12.

³⁰ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2004, não paginado.

³¹ Gn 2,7-25.

³² Todo pecado é ofensa a Deus e produz uma ruptura da amizade do homem com Deus (pecado mortal) ou um estremeamento, maior ou menor, dessa amizade (pecado venial). Mas, além disso, é também *uma perturbação da ordem universal, que Deus dispôs por sua inefável sabedoria e sua infinita caridade, e destruição de bens imensos, tanto para o próprio pecador como para a comunidade humana*. (HORTAL, Jesus; **Os sacramentos da Igreja na sua dimensão canônico-pastoral**. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 188)

³³ Gn 3,1-23.

³⁴ Gn 3,8-11.

homem, foi criado para existir em relação com Deus, nisso consistirá sua condição de imagem.”³⁵ A humanidade não apenas foi criada boa, mas constituída em uma amizade com seu Criador e em harmonia consigo mesma e com toda a criação. Essa primeira criação só será superada pela glória da nova criação em Cristo.³⁶

Torna-se importante a compreensão de que, a partir da graça e da amizade estabelecida entre Criador e criatura, “devem ser vistas também as consequências antropológicas de harmonia do homem consigo mesmo, com os outros e com a natureza.”³⁷ Somente a partir da compreensão de que o ser humano foi criado por Deus na graça, e assim, que, desde o início, o Criador tenha oferecido a sua amizade, é que o pecado pode ser compreendido como ruptura da comunhão com Deus.³⁸ De acordo com a Sagrada Escritura, “o ser humano existe em relação com outras pessoas, com Deus, com o mundo e consigo mesmo. [...] o ser humano não é um indivíduo isolado, mas pessoa:”³⁹ um ser essencialmente relacional.”⁴⁰

Deus criou a pessoa por um ato de criatividade, por meio da *kénosis* do amor. Portanto, o fundamento da pessoa é o amor. Disso resulta a liberdade da pessoa para aderir a esse amor, ou negá-lo. Ao aderir ao amor a pessoa realiza a sua identidade, que é amor. Entretanto, ao atender um estado egoísta acaba por auto-destruir sua identidade.⁴¹ “Constituído por Deus em estado de justiça, o homem, contudo, instigado pelo maligno [...], levantou-se contra Deus desejando atingir seu fim fora dele.”⁴²

³⁵ LADARIA, Luis F. **Introdução à antropologia teológica**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2016. p. 51.

³⁶ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 107; CIC 374.

³⁷ LADARIA, 2016, p. 86.

³⁸ LADARIA, 2016, p. 86.

³⁹ Quando se fala da pessoa, quer se fazer referência tanto à irredutível identidade e interioridade que constituem o indivíduo particular como também à relação fundamental com os outros que está na base da comunidade humana. Na perspectiva cristã, esta identidade pessoal, que é também uma orientação para o outro, se fundamenta essencialmente sobre a Trindade das Pessoas divinas. O Deus cristão não é um ser solitário, mas uma comunhão entre Três Pessoas. (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2004, não paginado).

⁴⁰ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2004, não paginado.

⁴¹ RUPNIK, Marko I. **Para uma antropologia de comunhão**: pessoa, cultura da páscoa. Bauru: UDESC, 2005a. p. 266-267.

⁴² CONCÍLIO VATICANO II, 1969, p. 155; GS 13.

Essa consciência de existir, enquanto pessoa, na relação e para a relação, é exatamente o eu da comunhão. Depois do pecado – que é precisamente decair de uma existência como pessoa para uma existência como indivíduo natural, que tenta sobreviver a partir de si e das suas energias – fica ainda uma reminiscência dessa consciência do eu. Só que agora já não é de comunhão, mas individual. Esse eu torna-se, então, expressão da sua própria natureza, submetida aos limites da sua existência criada, e escrava das suas necessidades. Se Deus existe de tal modo que cada pessoa divina se exprime na sua natureza divina, após o pecado, o homem torna-se expressão da sua natureza.⁴³

O pecado é uma realidade que afeta o âmbito do amor. Portanto, subverte a relacionalidade da pessoa.⁴⁴ É o ser humano que por meio do pecado rejeita ser imagem e semelhança de Deus, rejeita encontrar no Deus da vida e do amor o fim último do seu agir e da sua vida.⁴⁵ Assim “o homem destruiu a devida ordem em relação ao fim último e, ao mesmo tempo, toda a sua harmonia consigo mesmo, com os outros homens e com as coisas criadas. Por isso [...] está dividido em si mesmo.”⁴⁶ O ser humano por si mesmo não é capaz de restabelecer essa harmonia com Deus e, conseqüentemente, consigo mesmo, com os outros e com toda a criação. Essa harmonia é restabelecida por iniciativa de Deus, que sempre se antecipa em relação ao ser humano.

1.1.2 O retorno ao Pai

Existe entre o Criador e a criatura uma imensa distância, que só pode ser superada pelas duas mãos de Deus, que, segundo Santo Irineu, são o Filho e o Espírito Santo. “Para recuperar o homem aquele modo da criatura feita à imagem e semelhança de Deus, o Pai envia o seu Filho que, pelo Espírito Santo e pela sinergia da Virgem de Nazaré, se fez homem.”⁴⁷

⁴³ RUPNIK, 2019, p. 66.

⁴⁴ RUPNIK, 2005a, p. 208.

⁴⁵ RUBIO, Alfonso G. **Antropologia teológica**: Salvação cristã: de quê e para quê? 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 264.

⁴⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1969, p. 155; GS 13.

⁴⁷ RUPNIK, 2019, p. 101.

Por missões sobrenaturais de sua própria vida, Deus vence as distâncias infinitas entre Ele e os espíritos criados para amá-lo. O Pai, que habita nas profundezas de todas as coisas e nas minhas próprias profundezas, comunica-me sua Palavra e seu Espírito. Recebendo-os, sou atraído para dentro de sua própria vida e conheço a Deus em seu próprio amor sendo um com Ele em seu Filho.⁴⁸

Cristo no mistério da encarnação uniu de maneira perfeita a natureza humana e divina. Pela graça batismal, o ser humano participa desse mistério da encarnação e, de maneira semelhante, através da habitação de Cristo na pessoa, é unido a Ele. Na humanidade também estão unidos humano e divino, e, como fruto dessa união, o ser humano é partícipe da filiação divina de Cristo.⁴⁹ Isso porque a encarnação, morte e ressurreição de Cristo possibilitaram ao ser humano o restabelecimento de sua vida espiritual, e, assim, tornaram possível a sua divinização. Portanto, o eu interior de cada pessoa, o lugar da habitação de Deus, pode ser despertado pela ação do Espírito Santo, e assim ser percebida a presença do próprio Salvador. Pela encarnação de Cristo, todo ser humano, em Cristo, pode ser seu verdadeiro eu e também uma única pessoa mística.⁵⁰ “No mistério da Encarnação é revelada a verdade de que o corpo humano, e a intimidade espiritual de comunidade como o Corpo de Cristo, é o lugar onde aprovou a Deus habitar (Colossenses 1,19).”⁵¹

A partir desse mistério o ser humano torna-se “lugar e acontecimento da auto-comunicação da Trindade”.⁵² No Filho, o Pai eleva a humanidade a uma condição filial, e a faz viver a comunhão filial como dom de si.⁵³ Portanto, em Cristo, por meio da presença do Espírito Santo, é superado o abismo que existia entre Deus e o ser humano. Cada pessoa torna-se outro Cristo.⁵⁴

⁴⁸ MERTON, Thomas. **Novas sementes de Contemplação**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 50-51.

⁴⁹ MERTON, 2017, p. 150.

⁵⁰ MERTON, 2007, p. 55.

⁵¹ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 140.

⁵² MARTÍNEZ, Nancy R. F. Na “escola” do Espírito: o peregrino aprende a “ler” a Deus. **Itaici**: revista de espiritualidade inaciana, ano 18, n. 77. p. 51-60, 2009. p. 51.

⁵³ RUPNIK, 2019, p. 101.

⁵⁴ MERTON, 2007, p. 66.

Entretanto, enquanto permanecer na terra, o ser humano encontrará dificuldades para acolher a luz que emana da missão do Filho e do Espírito. E, embora a natureza humana seja boa, as suas ações tendem a reforçar um falso eu, que nasce no egoísmo, e na auto-centralidade, ou seja, no pecado. Em contraposição com um verdadeiro eu que nasce da compreensão de que Deus habita o ser humano.

1.1.3 A vida do ser humano fragmentado

Na carta aos Romanos, o apóstolo São Paulo apresenta, a partir da sua própria experiência, a circunstância de fragmentação em que toda humanidade se encontra devido ao pecado.

Sabemos que a Lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido como escravo ao pecado. Realmente não consigo entender o que faço; pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto. Ora, se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa. Na realidade, não sou mais eu que pratico a ação, mas o pecado que habita em mim. Eu sei que o bem não mora em mim, isto é, na minha carne. Pois o querer o bem está ao meu alcance, não porém o praticá-lo. Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que ajo, e sim o pecado que habita em mim. Verifico, pois, esta lei: quando quero fazer o bem, é o mal que se me apresenta. Comprazo-me na lei de Deus segundo o homem interior, mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros. Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? Graças sejam dada a Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso. Assim, pois, sou eu mesmo que pela razão⁵⁵ sirvo à lei de Deus e pela carne à lei do pecado.⁵⁶

⁵⁵ Paulo utiliza o termo razão, correspondente a Noûs, noção grega para inteligência ou pensamento do homem, que é diferente da noção de pneuma no sentido sobrenatural ou mesmo de espírito no sentido bíblico de parte superior do homem. Porém, na carta aos Efésios 4,23 o apóstolo dos gentios afirma a necessidade de transformação espiritual da mente. É possível a constatação de que mesmo o apóstolo declarando que é pela razão que serve à lei de Deus, ele

O pecado que mora dentro de todo ser humano provoca uma cisão. É como um poder demoníaco que o divide impedindo-o de viver a vontade de Deus e agir em conformidade com sua razão. Paulo descreve uma experiência comum para a humanidade, a de não saber por que se age diversamente do que se pretendia agir. É, então, necessária a compreensão de que dentro de cada ser humano existe uma pressão que o impede de viver verdadeiramente a sua existência humana.⁵⁷ Mais adiante na mesma carta, o Apóstolo afirma:

Deus, enviando o seu próprio Filho em carne semelhante à do pecado e em vista do pecado, condenou o pecado na carne, a fim de que o preceito da Lei se cumprisse em nós que não vivemos segundo a carne⁵⁸, mas segundo o espírito. [...] Vós não estais na carne, mas no espírito, se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós, pois quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a ele. Se, porém, Cristo está em vós, o corpo está morto, pelo pecado, mas o Espírito é vida, pela justiça. [...] O próprio Espírito se une ao nosso para testemunhar que somos filhos de Deus.⁵⁹

Deus, no desejo de relacionar-se com sua criação, envia o seu Filho amado, que redime o ser humano do pecado, e o Espírito Santo, que age, incessantemente, para a santificação de todos. Mas, tanto a atuação do Filho como a do Espírito só podem ser sentidas ou compreendidas na vida

tenha a compreensão de que é somente por uma razão renovada no Espírito e pelo Espírito. (Rm 7,25 nota de rodapé)

⁵⁶ Rm 7,14-25.

⁵⁷ GRÜN, Anselm. **O Ser fragmentado**: da cisão à integração. 11 ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2020. p. 38.

⁵⁸ A compreensão dessa citação no presente trabalho não concorda com a dicotomia grega vista entre corpo e alma. Assim como o apóstolo dos gentios, ao falar das ações do corpo e do espírito, falava de um dualismo ético e não ontológico. A teologia que permeia este trabalho se funda no mistério da encarnação de Jesus Cristo, que assumiu todo o ser humano e o ser humano por inteiro. Dessa maneira tem-se uma compreensão da unidade do ser humano em si mesmo, e não de uma divisão entre corpo e espírito, como princípios do mal e do bem. Portanto o corpo e sua interação com a criação fazem parte da compreensão de vida interior.

⁵⁹ Rm 8,3b-16.

interior, no mais profundo do ser humano, em seu coração.⁶⁰ São Paulo, na Carta aos Efésios, ora em favor da comunidade de Éfeso a Deus Pai com estas palavras:

Por essa razão dobro os joelhos diante do Pai – de quem toma o nome toda família no céu e na terra –, para pedir-lhe que conceda, segundo a riqueza de sua glória, que vós sejais fortalecidos em poder pelo seu Espírito no homem interior, que Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor. Assim tereis condições para compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que sejais plenificados com toda a plenitude de Deus.⁶¹

Essa citação da Carta aos Efésios demonstra, primeiramente, que é o Espírito enviado do Pai que age na interioridade da pessoa. Essa ação do Espírito é experimentada inicialmente em seu interior, para depois emergir em suas ações, em seu mundo exterior. Sustenta também que o coração humano deve ser habitado por Cristo, ou seja, é dentro do ser humano que se estabelece a relação com Deus. Aponta ainda que essa experiência deve ser partilhada com outras pessoas, para que assim seja possível uma compreensão mais profunda do amor de Deus, que supera todo conhecimento.

O propósito da vida humana é o de conduzir todos os seus esforços e desejos para seu santuário interior e entregá-los a uma consciência interior que seja direcionada por Deus. Atingir este propósito é uma obra da graça.⁶² Aqueles que o atingem tornam-se sinal e testemunho para os outros, de que, sem adentrar nesse santuário interior, a vida se distancia

⁶⁰ “Na tradição judaico-cristã, a palavra *coração* refere-se à fonte de todas as energias físicas, emocionais, intelectuais, volitivas e morais. É onde reside a vontade; o coração faz planos e toma boas decisões. O coração é, portanto, o órgão central e unificador da nossa vida pessoal. O nosso coração determina a nossa personalidade e o lugar onde Deus habita, mas também o lugar ao qual Satanás dirige ataques ferozes, causando-nos dúvida, medo, desespero, mágoa, ímpeto para consumir em excesso.” (NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 17).

⁶¹ Ef 3,14-19.

⁶² MERTON, 2007, p. 133.

da sua origem e perde o seu sentido – permanecer em Deus – pois todos pertencem a Deus.⁶³ Portanto, o ser humano “deve passar pela morte espiritual em que seu eu exterior é destruído e seu eu interior se ergue da morte pela fé, vivendo novamente junto a Deus.”⁶⁴

A fragmentação do ser humano, fruto do pecado, é a luta interior vivida entre atender a finalidade de sua vida, ou seja, a relação com Deus, e a partir dessa com toda a criação, e um fechamento em si mesmo. É por meio da vivência interior que é possível ao ser humano superar esse estado de fragmentação. É, portanto, a experiência interior que permite à pessoa, ao encontrar-se com Deus, fazer a mesma experiência daqueles que eram libertos por Jesus do poder demoníaco. Jesus libertava as pessoas guiando-as ao seu verdadeiro eu, dando-lhes a possibilidade de novamente serem unas e inteiras.⁶⁵

1.1.4 O fim da vida interior

Seria insuportável para o ser humano se, depois de sua busca interior, encontrasse apenas a si e seus problemas.⁶⁶ Embora o conhecimento interior não ensine nada de novo em relação à Revelação, ele apresenta uma compreensão saborosa a respeito da vida.⁶⁷ De acordo com Santo Inácio de Loyola na segunda anotação de seus exercícios espirituais, “[...] não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas internamente.”⁶⁸ Outro autor espiritual da Idade Média chegou a compreensão semelhante: “‘quanto mais estou no meu íntimo, tanto mais saboreio a doçura’. Aquela doçura que é o mesmo Deus.”⁶⁹ Saborear e sentir são duas ações fundamentais na relação com Deus.

A viagem interior que o ser humano faz para se relacionar com Deus é realizada por meio de seus sentidos e operações, envolve seus sentimentos, não é algo apenas restrito ao intelecto, mas abarca todo o ser

⁶³ NOUWEN, Henry J. M. **Pobres palhaços em Roma**: reflexões sobre solidão, celibato, oração e contemplação. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 55.

⁶⁴ MERTON, 2007, p. 53.

⁶⁵ GRÜN, 2020, p. 19.

⁶⁶ GRÜN, 2020, p. 76.

⁶⁷ BERNARD, 2014, p. 144.

⁶⁸ LOYOLA, Inácio de. **Exercícios espirituais**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 13.

⁶⁹ LOUF, André. **Conselhos para a vida espiritual**. São Paulo: Mundo e Missão, 2016a. p. 39.

da pessoa. Somente assim essa experiência com Deus pode ser integrada e integradora. Ao destacar a importância do sentido do paladar, Santo Inácio e outros místicos fundamentam a importância de sentir e descobrir como uma situação, pessoa ou objeto externo são experimentados no interior do ser humano.⁷⁰ Esse sentir e saborear de que Santo Inácio fala, exemplifica a meta da vida interior, que é uma relação mais profunda com Deus, que vá além do intelecto. Ao experimentar profundamente a Deus, é possível glorificá-lo e por Ele ser santificado.

O ser humano, por meio de “sua interioridade, transcende o universo das coisas: tal é o conhecimento profundo que ele alcança quando reentra no seu interior, onde Deus, que perscruta os corações, o espera, e onde ele, sob o olhar do Senhor, decide da própria sorte.”⁷¹ Portanto, a perspectiva cristã de vida interior não se encerra em si mesma, mas é um passo para que se alcance a consciência de Deus. Ao adentrar em sua interioridade e descobrir o seu verdadeiro eu, o ser humano pode encontrar-se com Deus,⁷² que o interpela continuamente para que o experimente em sua profundidade.⁷³

1.1.4.1 Verdadeiro Eu

De acordo com Thomas Merton, a experiência de ir além do *eu* das aparências, daquele *eu* que vive de exterioridade e que pode ser entendido como o *falso eu*, ou *eu exterior*, permite encontrar o *verdadeiro eu*. Aquele *eu* que pode relacionar-se com Deus. Aqui não se trata de uma dicotomia, como se fossem duas pessoas habitando o mesmo corpo. O que o autor demonstra é que o *verdadeiro eu* ou *eu interior* “não é uma parte de nosso ser, [...]. Ele é como a vida e, de fato, é vida: é nossa vida espiritual em seu máximo, a vida pela qual tudo em nós é vivo e se move. Ele permeia, abarca e ultrapassa todo o nosso ser.”⁷⁴ O eu interior é o *eu* que é visto por Deus, em sua unicidade, dignidade, simplicidade e grandeza. Essa grandeza que Deus dá ao ser humano é a filiação divina,

⁷⁰ MENDONÇA, José T. **A mística do instante**: o tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 83.

⁷¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1969, p. 143-256. p. cit. 156; GS 14.

⁷² MERTON, 2007, p. 19.

⁷³ LOUF, André. **O homem interior**. São Paulo: Mundo e Missão, 2016b. p. 15.

⁷⁴ MERTON, 2007, p. 12.

que é possível ao gênero humano ao participar da filiação de Cristo.⁷⁵ O autor ainda afirma:

Existe um ponto onde posso me encontrar com Deus em um contato verdadeiro e experimental com sua infinita realidade. Esse é o “lugar” de Deus, seu santuário – é o ponto onde meu ser contingente depende de seu amor. Dentro de mim há um ápice metafórico de existência no qual meu criador me mantém sendo. Deus me “pronuncia” como uma palavra que contém um pensamento parcial de si mesmo. Uma palavra jamais poderá compreender a voz que a pronuncia. Mas, se eu for fiel ao conceito que Deus pronuncia em mim, se for fiel ao pensamento dele que eu estava destinado a encarnar, estarei repleto de sua realidade e o encontrarei em todo o meu ser, e não me encontrarei em lugar algum. Estarei perdido nele; isto é, encontrarei a mim mesmo. Serei *salvo*.⁷⁶

A plena existência do ser humano depende de um problema: descobrir a si mesmo ao descobrir a Deus, pois, ao encontrá-lo, encontrará a si mesmo, e ao encontrar seu verdadeiro eu, encontrará a Deus.⁷⁷ Para que a pessoa possa encontrar e ser seu verdadeiro eu, é preciso que ela abandone a ideia que fez de si própria, é preciso perder-se de si mesma, para se encontrar. É necessário que morra, para viver. Isto porque a ideia que a pessoa tem de si nasce do egoísmo, no qual ela é fundada. Quanto mais busca afirmar-se diante dos outros, mais se distancia de seu verdadeiro eu, pois permanece na mentira e ilusão.⁷⁸

A declaração de Paulo “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”⁷⁹ atesta que o apóstolo encontrou em Cristo uma nova identidade. A mística de Paulo revela que Cristo é a sua nova essência. Assim como Paulo, o cristão não é chamado apenas a uma relação de intimidade com Cristo, mas a identificar-se com Ele, passando Cristo a

⁷⁵ MERTON, 2007, p. 19, grifo do autor.

⁷⁶ MERTON, 2017, p. 48, grifo do autor.

⁷⁷ MERTON, 2017, p. 47.

⁷⁸ MERTON, 2017, p. 56.

⁷⁹ Gl 2,20.

ser seu verdadeiro ser, a sua essência interior.⁸⁰ “Deus, que encerra o segredo do meu ser, começa a viver em mim não só como um criador, mas como meu outro e verdadeiro eu.”⁸¹ E ainda, Cristo “mesmo se torna, então, a vida de minha vida, a alma de minha alma: mistério de amor.”⁸²

Na carta aos Filipenses, Paulo os convida a ter em si o mesmo sentimento de Cristo.⁸³ Nesse convite o ser humano é chamado a deixar de lado seus sentimentos fundados na ilusão de um *falso eu*, para assumir o sentimento de Cristo, seu verdadeiro eu. Pois, pelo batismo o ser humano está unido a Cristo, para viver como ressuscitado em Cristo uma nova vida.⁸⁴ De acordo com Anselm Grün, “Cristo é o cerne interior, através do qual encontramos nosso *Eu* verdadeiro.”⁸⁵ A vida nova em Cristo é uma vida de entrega, de dar e receber. De Deus o ser humano recebe o seu amor, no Espírito, e no mesmo Espírito retorna o seu amor ao Pai ao amar os seus irmãos e irmãs.⁸⁶

Da conformação ao seu verdadeiro eu brotará a oração: “o amor é a minha verdadeira identidade; a abnegação é meu verdadeiro eu; o amor é minha verdadeira personalidade; amor é meu nome.”⁸⁷ Da experiência de experimentar o amor de Deus no profundo da alma humana a caridade se manifestará no exterior.⁸⁸

Ao analisar a oração sacerdotal de Jesus, “a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. [...] Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade,”⁸⁹ Merton afirma que no cristão:

Seu eu interior é inseparável de Cristo, sendo, portanto, de um modo misterioso e único, inseparável de todos os outros *Eus* que vivem em

⁸⁰ GRÜN, Anselm. **Mística**: descobrir o espaço interior. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014a. p. 37.

⁸¹ MERTON, 2017, p. 51.

⁸² POLLIEN; TISSOT, 2019, p. 50.

⁸³ Fil 2,5.

⁸⁴ MARTIN, Ralph P. **Filipenses**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 107.

⁸⁵ GRÜN, 2014a, p. 33, grifo do autor.

⁸⁶ MERTON, 2017, p. 151.

⁸⁷ MERTON, 2017, p. 67.

⁸⁸ LISIEUX, Teresinha de. **Obras completas**: escritos e últimos colóquios. São Paulo: Paulus, 2002. p. 197.

⁸⁹ Jo 17,21-23.

Cristo, de tal forma que todos eles juntos formam uma só *Pessoa Mística*, que é Cristo. [...] Por essa razão, é claro que a realização espiritual do cristão não pode nunca ser uma simples afirmação individualista de sua própria personalidade isolada. O *Eu* interior é certamente o santuário de nossa mais pessoal e individual solidão, mas paradoxalmente é precisamente o que é mais solitário e pessoal em nós que está unido ao *Tu* diante do qual nos defrontamos. Não somos capazes de união profunda com o próximo até que o eu interior esteja suficientemente desperto para encontrar o espírito mais interior do outro.⁹⁰

A partir da oração de Jesus, é possível a compreensão de uma semelhança entre a unidade das pessoas divinas e a unidade formada pelos seres humanos na verdade e na caridade. Somente ao entregar-se ao outro como dom sincero de si mesmo, o ser humano pode se encontrar.⁹¹ Disso resulta que o cristão deve procurar a sua identidade não apenas em Deus, mas também nos outros. Pois, ao isolar-se dos demais como se a eles não pertencesse, jamais se encontrará.⁹² Essa compreensão ajuda a perceber que o eu interior, antes de ser algo que separa as pessoas, é unidade. Não existe para satisfazer o ego do eu exterior, mas relacionar-se. Entretanto, devido à ruptura do pecado, a única maneira que o ser humano tem de ser ele mesmo, aquele homem ou mulher que nasceu para ser, é identificando-se com Cristo que traz em si a razão e a plenitude de toda a humanidade.⁹³ Pois,

o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação. [...] Nele encontramos a total receptividade do Pai que deveria caracterizar a nossa própria existência, a abertura ao outro em uma atitude de serviço que deveria caracterizar as relações com nossos irmãos e irmãs em Cristo, e a misericórdia e o amor pelo

⁹⁰ MERTON, 2007, p. 33-34, grifo do autor.

⁹¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1969, p. 168; GS 24.

⁹² MERTON, 2017, p. 59.

⁹³ MERTON, 2017, p. 47.

outro que Cristo, enquanto imagem do Pai, mostra para conosco.⁹⁴

É fundamental ao ser humano o despertar da vida de Cristo em si, entretanto, é necessária a compreensão de que esse despertar é em primeiro lugar um movimento de Deus.

1.1.4.2 Despertar do Eu interior

O caminho espiritual não pode ser medido e nem é o ser humano quem escolhe despertar para a vida interior, mas o próprio Deus que escolhe e desperta suas criaturas.⁹⁵ “Não há, e nem pode haver, uma técnica especialmente planejada para descobrir e despertar o eu interior, pois este é, em primeiro lugar, uma espontaneidade que não pode senão ser livre.”⁹⁶ O eu interior é tão secreto quanto Deus, e portanto não pode ser captado e estudado como um objeto. Não pode ser encontrado e nem forçado a se manifestar, mesmo pela oração e contemplação.⁹⁷ O despertar do eu interior se realiza por um movimento misericordioso e amoroso de Cristo, que toca as profundezas do espírito humano. Esse movimento é a própria ressurreição de Cristo na vida da pessoa.⁹⁸

É possível então um processo de conscientização do eu interior, mas esse processo não pode ser medido de acordo com níveis de perfeição ou progresso.⁹⁹ Ele exige uma formação espiritual referente aos “*movimentos* que se estabelecem desde a mente até o coração, através da oração, nas suas muitas formas, que nos reconciliam com Deus, com os outros e com o nosso ser mais genuíno.”¹⁰⁰ É fundamental o papel do coração na formação espiritual, pois é por meio do coração que é possível ao ser humano perceber as outras pessoas, e na força do amor afastar-se de si para encontrar o outro.¹⁰¹ Portanto, o despertar do eu interior “é puramente uma obra do amor, e não pode haver amor onde não há um

⁹⁴ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2004, não paginado.

⁹⁵ MERTON, 2017, p. 24.

⁹⁶ MERTON, 2007, p. 11.

⁹⁷ GRÜN, 2014a, p. 47.

⁹⁸ MERTON, 2006, p. 111.

⁹⁹ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 16.

¹⁰⁰ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 16, grifo do autor.

¹⁰¹ RUPNIK, 2005a, p. 160.

outro para se amar. [...] não se desperta o *eu* mais profundo ao amar a Deus somente, mas ao amar também os outros homens.”¹⁰²

A pessoa pode, ao assumir uma disciplina espiritual, que a leve ao desapego, à humildade, à simplicidade, à solidão e ao silêncio, criar um ambiente favorável para que o eu interior se manifeste.¹⁰³ E assim seja capaz de ouvir o Deus que chama cada um de seus filhos e filhas para além de si, e ao mesmo tempo ao mais íntimo do seu ser, para que entre em contato com a verdadeira substância da vida.¹⁰⁴ Com o despertar do eu interior e por meio de sua vivência a partir da interioridade, o ser humano não se encontrará só, mas terá o verdadeiro acesso a Deus, ao próximo e a toda a criação.

1.2 INTERIORIDADE PARTILHADA¹⁰⁵

Quando a pessoa toma consciência de sua interioridade, não se vê só, pois esse não é um processo de isolamento ou fechamento. De acordo com André Louf,¹⁰⁶ “[...] a interioridade ultrapassa o sujeito que a experimenta, a tal ponto que este descobre ao mesmo tempo o que o liga a todos os outros homens,”¹⁰⁷ pois “somos membros uns dos outros.”¹⁰⁸ E Henri Nouwen afirma que, ao ser humano:

[...] é preciso que encare a sua vida como uma parte pequena de uma história maior. Tem de entender que a sua vida, agora, é parte do que os outros, ao longo da História, viveram antes de si e viverão

¹⁰² MERTON, 2007, p. 35, grifo do autor.

¹⁰³ MERTON, 2007, p. 12.

¹⁰⁴ CHITTISTER, 2015, p. 79.

¹⁰⁵ O conceito de interioridade assumido para este trabalho não é o mesmo da noção psicológica de introspecção, no qual o indivíduo faz uma análise de sua própria consciência.

¹⁰⁶ André Louf nasceu na Bélgica em 1929. Entrou para o mosteiro trapista de Mont des Cats na França em 1947 e, em 1963, foi eleito abade, função que exerceu por 34 anos. Em 1998 retirou-se a uma ermida junto ao mosteiro beneditino de Saint-Liboa em Aix-en-Provence. No final de sua vida, por problemas de saúde, voltou a viver em Mont des Cats, onde faleceu em 15 de Julho de 2010. É reconhecido como um grande mestre espiritual.

¹⁰⁷ LOUF, André. *Generati dallo Spirito*. Magnano: Edizioni Qiqajon, 2007. p. 59-82 apud COSTA, Alfredo S. **História e fundamentos da espiritualidade cristã**. Belo Horizonte: [s.n.] 2020. p. 1. Apostila.

¹⁰⁸ MERTON, 2017, p. 56.

depois de si. Que aquilo que está a viver agora, na perda de amigos, de familiares, nas suas expectativas de Jesus, faz parte de uma realidade imensamente grande de perdas passadas, presentes e futuras. E que à espreita está uma nova vida e uma alegria renovada.¹⁰⁹

Ao entrar em contato com Deus a partir da sua realidade mais profunda, o ser humano vai se configurando em uma nova criatura. Percebe a partir de dentro uma unificação com Deus, consigo e com toda a realidade que o cerca. Sente-se unido, em uma profundidade superior a toda a fragmentação, causada pelas rupturas sociais e as diferenças que confrontam entre si os seres humanos. Percebe a força reconciliadora de Deus através de Cristo, que busca reconciliar em si todas as criaturas.¹¹⁰

A interioridade assim compreendida é a vida de Deus em cada pessoa, que transcende infinitamente a sua idade, as qualidades, a época em que vive e a sua cultura. É uma realidade transpessoal e transhistórica, que constitui a parte de eternidade pela qual o ser humano se coloca em contato com a humanidade inteira.¹¹¹ Nessa perspectiva a oração que coloca o ser humano na presença de Deus brota do interior, do coração, do seu eu mais profundo, no qual não há divisões e distinções e é possível ser uno consigo mesmo, com Deus, com os outros e com toda a criação.¹¹²

A pessoa torna-se mais consciente de toda a circunstância em que está inserida. Começa a olhar o mundo a partir dos olhos de Deus. Ouve o choro dos pobres, enxerga, além de suas próprias vontades, as necessidades da humanidade. Ao viver a partir da presença de Deus dentro de si, o ser humano se torna guarda e responsável por seu irmão e irmã,¹¹³ e “recebe a missão de cuidar ativamente do mundo.”¹¹⁴ Torna-se possível superar o estado de divisão criado por todo aquele que assim como Caim não sente a responsabilidade por seu irmão, conforme a narrativa de Gênesis.¹¹⁵

¹⁰⁹ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 87.

¹¹⁰ BUELTA, Benjamín G. **Orar em um mundo fragmentado**. São Paulo: Loyola, 2007. p. 157.

¹¹¹ LOUF, 2020, p. 1. Apostila.

¹¹² NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 16.

¹¹³ CHITTISTER, 2015, p. 109.

¹¹⁴ SUDBRACK, Josef. **Mística: a busca do sentido e a experiência do absoluto**. São Paulo: Loyola, 2017. p. 99.

¹¹⁵ Gn 4,9.

Rupnik, em sua obra *Procuro meus irmãos*, faz uma análise aprofundada dos ensinamentos da história de José do Egito, que lançam luzes sobre a relação dos seres humanos hoje. Após analisar o reencontro de José com seus irmãos no Egito, o autor declara que “a missão de toda a pessoa que ora diante do seu Deus Pai é passar dessa relação filial com Deus à relação fraterna com os outros. Só assim poderá com todos dirigir-se ao Pai, numa verdadeira atitude filial.”¹¹⁶ Para Merton:

[...] o eu interior vê o outro não como uma limitação a si, mas como seu complemento, seu outro *Eu* e, em certo sentido, está mesmo identificado com o outro, de modo que os dois *são um*. Essa unidade no amor é uma das operações mais características do eu interior, o que significa que, paradoxalmente, o *eu* interior não está só e isolado, mas unido a todos simultaneamente em um plano superior, o qual é, de fato, o plano da solidão espiritual.¹¹⁷

Essa interioridade partilhada fundamenta a beleza e fecundidade da vida interior que tantos místicos, ou homens e mulheres simples, viveram ao conciliarem a intimidade com Deus e a união com toda a humanidade. “Quando nos dirigimos a Deus, o próximo não permanece *da porta para fora*. Nosso amor a Deus se expressa e se mantém em nosso relacionamento com o outro, no encontro com o outro.”¹¹⁸ Nessa perspectiva Nouwen afirma:

Quando rezo sozinho, entro no meu próprio coração e aí encontro o coração de Deus, que me fala de um amor para todos. Quanto mais me aproximo de Deus, mais perto estou de todos os meus irmãos e irmãs da família humana. Aí reconheço que esse é, realmente, o lugar onde meus irmãos e irmãs estão em comunhão com Deus e com cada um deles. [...] No recolhimento da oração em solidão, percebo que faço parte de uma família humana e quero estar com essa família e servir com ela.¹¹⁹

¹¹⁶ RUPNIK, Marko I. “**Procuro meus irmãos**”: lectio divina sobre José do Egito. São Paulo: Paulinas, 2005b. p. 90.

¹¹⁷ MERTON, 2007, p. 33, grifo do autor.

¹¹⁸ METZ, Johann B. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 93.

¹¹⁹ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 149.

Quando a experiência de Deus é verdadeira e não vivida apenas de maneira exterior ou para cumprir regras, é possível assim uma consciência maior a respeito de Deus, e percebe-se que Deus por sua natureza pode estar em todos os seres humanos. Ao viver essa experiência em sua interioridade, a pessoa se vê como membro da comunidade humana.¹²⁰ Assim toda experiência de Deus possui uma dimensão comunitária, pois não acontece apenas para um indivíduo, mas em vista de um povo.¹²¹

A espiritualidade cristã não só flui da comunidade como também cria comunidade. Ela nutre a vida no Espírito dentro de nós e entre nós. O Espírito de Deus habita no centro de nosso coração e é o centro da nossa vida em comunidade. De facto, aquilo que é mais pessoal acaba por ser o que é mais comum a todos; o que é mais íntimo acaba por ser o mais público; o que alimenta as nossas vidas individuais acaba por ser o melhor alimento para as nossas vidas enquanto povo de Deus a viver e atuar num mundo em sofrimento. [...] A comunidade espiritual é, antes de tudo, uma qualidade do coração que nos permite desmascarar as ilusões da nossa sociedade competitiva e encarar de frente a realidade. Na comunidade e por meio dela reconhecemo-nos como irmãos e irmãs em Cristo e filhos e filhas do mesmo Deus.¹²²

Na oração que brota da vida interior é possível escutar a voz de um Deus que ama pessoalmente a cada ser humano, e perceber um amor no qual ninguém é excluído. A pessoa compreende que Deus mora com ela, e que não estão sós. Na mesma morada estão outros filhos e filhas de Deus, acontece o encontro com seus irmãos e irmãs. A intimidade com Deus e a solidariedade com as pessoas não se excluem, antes, são aspectos inseparáveis da experiência interior.¹²³ Pois a ação responsável e a

¹²⁰ CHITTISTER, 2015, p. 109.

¹²¹ BUELTA, 2007, p. 159.

¹²² NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 29.

¹²³ NOUWEN, Henri J. M. **Mosaicos do presente**: vida no Espírito. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 17.

experiência interior são a mesma coisa,¹²⁴ ou seja, é possível encontrar-se com Deus tanto na intimidade quanto na ação transformadora.¹²⁵

Compreende-se assim que “para o catolicismo não há espiritualidade cristã sem a realização de uma copresença de outros crentes, com Cristo, na Igreja.”¹²⁶ A profundidade da vida interior deve ser buscada na solidão e também nas relações com as outras pessoas,¹²⁷ pois, para encontrar Deus não se pode prescindir da dimensão relacional da vida.¹²⁸ A partir dessa compreensão, a fecundidade da vida interior não está apenas e principalmente relacionada com o crescimento de virtudes na pessoa, mas na sua identificação enquanto ser criado à imagem de Deus.

1.3 FECUNDIDADE DA VIDA INTERIOR

No cristianismo a fecundidade está ligada ao conceito de doação, de entrega e de morte. O mistério de Cristo trouxe vida nova e, assim, restaurou a possibilidade de relação com Deus Pai. Tão grande mistério se realizou e foi plenamente fecundo, pois Cristo deu livremente a sua vida. “Por isso o Pai me ama, porque dou minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente.”¹²⁹ Assim também o ser humano é chamado a entregar a sua vida para que outros tenham vida. Em um primeiro momento, o ser humano é chamado a morrer para a vida de ilusão, ou seja, a vida do falso eu. Em segundo lugar, ele é chamado a entregar-se para que, com a doação de sua vida, outras pessoas acolham a vida nova em Cristo, que possibilita a verdadeira felicidade não na satisfação de suas vontades, mas no amor ao próximo. “Em verdade, em verdade, vos digo: Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto.”¹³⁰ Só quem é capaz de morrer para si mesmo, encontra a vida que Cristo anuncia. Só quem é capaz de amar ao próximo com as renúncias que o amor exige, encontra o verdadeiro sentido e alegria da vida. Pois “o dom do amor é o

¹²⁴ SUDBRACK, 2017, p. 98.

¹²⁵ BUELTA, 2007, p. 15.

¹²⁶ MONDONI, 2014, p. 90.

¹²⁷ GRÜN; HALÍK, 2017, p. 125.

¹²⁸ CARIAS, Celso Pinto. Fé cristã: resposta humana à iniciativa amorosa de Deus. In: RUBIO, Alfonso G. (Org). **O humano integrado**: abordagens de antropologia teológica. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 69-91. p. cit. 75.

¹²⁹ Jo 10,17-18a.

¹³⁰ Jo 12,24.

dom do poder e da capacidade de amar, e, por conseguinte, dar o amor plenamente é também recebê-lo. Assim, só um amor que é repartido pode ser conservado”,¹³¹ e ainda,

a única verdadeira alegria neste mundo é escapar da prisão de nosso falso eu e entrar, por amor, em união com a vida que mora e canta na essência de cada criatura e no próprio centro de nossa alma. No seu amor possuímos todas as coisas e podemos fruí-las encontrando Deus em todas elas. Assim, andando pelo mundo, tudo que encontramos, vemos, tocamos e ouvimos, longe de nos manchar purifica-nos e planta em nós algo mais da contemplação e do céu.¹³²

A vida espiritual permite ao ser humano olhar o mundo e as pessoas com novo olhar, e assim perceber a beleza de Deus, que se manifesta em sua criação. A pessoa movida pela sua interioridade é afetada pelas relações de uma forma nova, e a sua interação com Deus afeta a vida daqueles com quem ela se relaciona.

1.3.1 Vida interior que gera afetos

A partir dessa perspectiva de interioridade partilhada, torna-se mais claro que a experiência que cada ser humano tem com Deus não se encerra em si mesma, nem está circunscrita ao âmbito individual, mas, pessoal. Essa experiência com Deus é pessoal, pois o que constitui a pessoa são as suas relações mútuas.¹³³ Assim, a pessoa, ao se relacionar com Deus, acaba sendo um elo de relação entre Deus e as outras pessoas.

A relação da criatura com o Criador torna-a mais receptível para acolher a vontade de Deus, e assim colaborar em seu plano de salvação. Isso, pois a história da salvação continua a acontecer, e cada pessoa do gênero humano faz parte dela e é chamada a contribuir. Todos são chamados a colaborar na expansão do Reino de Deus. A graça resultante da pessoa que se descobre em Deus e descobre Deus em si impacta a vida

¹³¹ MERTON, Thomas. **Homem algum é uma ilha**. Campinas: Versus, 2003. p. 20.

¹³² MERTON, 2017, p. 247-248.

¹³³ BARRY, William A. **A direção espiritual e o encontro com Deus: uma indagação teológica**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 61.

de outras pessoas, pois quando uma pessoa faz a experiência de desmascarar as ilusões a sua volta, as vidas por ela tocadas também são iluminadas.¹³⁴

Em toda interação o ser humano é afetado, em algumas mais do que em outras. “A nossa história começou antes de nós e persistirá depois. Somos resultado de uma cadeia inumerável de encontros, gestos, boas vontades, causas, afagos, afetos.”¹³⁵ É possível experimentar a bondade de Deus na bondade de outras pessoas. Ser acolhido por Deus, ao ser acolhido por um vizinho. Experimentar o perdão misericordioso de Deus, quando a pessoa é perdoada por alguém a quem muito ofendeu ou prejudicou. Portanto, quanto mais uma pessoa experimenta do amor de Deus, mais poderá espalhar esse amor nas suas interações. E quem acolhe o amor do próximo está acolhendo o amor do próprio Criador, uma vez que o amor humano é participação do amor de Deus.

A relação de amizade com Deus, ao ser alimentada e vivida com intensidade, imprime marcas profundas na pessoa, que vão constituindo o seu ser, que conseqüentemente entra em relação com as outras pessoas. Toda a “pessoa em suas dimensões mais profundas fica afetada por esse encontro sempre aberto ao futuro de plenitude, além do que podemos perceber ou expressar.”¹³⁶ Uma pessoa que experimenta a misericórdia de Deus tende a ser misericordiosa. Aquele que se descobre pecador é capaz de acolher e perdoar. Quem experimenta a intensidade do amor de Deus pode amar sem medidas e sem nada esperar em troca, assim torna-se capaz do amor doação. Segundo Nouwen, “transmitimos aos outros aquilo que experimentamos em oração.”¹³⁷ A alegria que emana do encontro com Deus reflete-se em todas as dimensões da pessoa.

[...] quando estamos unidos a Deus no silêncio e na escuridão, e quando nossas faculdades estão elevadas acima do nível de sua atividade natural, repousando na pura, tranquila, incompreensível nuvem que rodeia a presença de Deus, nossa oração e a graça que nos é dada tendem, por sua própria natureza, a transbordar invisivelmente sobre todo o Corpo Místico de Cristo. Assim, vivendo invisivelmente ligados pelo laço do Espírito de

¹³⁴ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 47.

¹³⁵ MENDONÇA, 2016, p. 54.

¹³⁶ BUELTA, 2007, p. 61.

¹³⁷ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 47.

Deus, afetamos uns aos outros mais do que podemos imaginar, por meio de nossa própria união com Deus, por nossa vitalidade espiritual nele.¹³⁸

Essa compreensão reforça ainda mais a importância da relação de amizade que deve ser restabelecida e sempre mais cultivada entre criatura e Criador. Pois a experiência de amor resultante desta relação afetará a humanidade.

1.3.2 Vida interior que gera solidão

Assim como a pessoa é constituída pelas suas relações também o é pela sua solidão. A solidão na pessoa indica aquilo que é somente seu, aquilo que é incomunicável aos outros seres humanos. É fundamental que a solidão seja integrada na vida humana, pois só assim a pessoa saberá se distinguir da massa de outras pessoas. Só assim, saberá o que é seu e o que deve esperar dos outros, e conseqüentemente o que é dos outros e a eles deve dar.¹³⁹ Ao integrar a solidão na vida é possível acolher os frutos dessa dimensão da pessoa humana.

Thomas Merton, em sua autobiografia *A montanha dos sete patamares*, ao relatar uma experiência de retiro vivida em um convento trapista, declara:

E senti o silêncio profundo, oh! Tão profundo da noite, da paz, da santidade, me envolver com amor, com eterna segurança. Ah! A sensação do abraço daquele silêncio! Eu entrara numa *solidão* que tinha tudo numa inexpugnável fortaleza. E o silêncio que me cingia, também me falava, e falava mais alto e mais eloquentemente que qualquer voz.¹⁴⁰

Confirmando a tradição espiritual cristã e a vida de Jesus, que na solidão orava ao Pai, o autor descreve em sua experiência a fecundidade da solidão. Na solidão acontece um distanciamento das outras pessoas e das suas ideias e pensamentos para se ficar a sós com Deus. Ao experimentar a presença de Deus na solidão, a pessoa torna-se sensível e

¹³⁸ MERTON, 2017, p. 247-248.

¹³⁹ MERTON, 2003, p. 208.

¹⁴⁰ MERTON, Thomas. **A montanha dos sete patamares**. 5. ed. Rio de Janeiro: Petra, 2018. p. 392, grifo nosso.

capaz de escutá-Lo atenciosamente, para poder discernir qual a sua vontade.¹⁴¹ É no silêncio da solidão interior que a pessoa pode ser totalmente ela mesma, pode ser livre.¹⁴² Sem a solidão, “silêncio e recolhimento da vida interior, o homem perde o contato com as verdadeiras fontes de energia, clareza e paz.”¹⁴³

Assim como toda a dinâmica da vida interior, a solidão não é isolamento. A experiência de intimidade que se faz com Deus no íntimo do ser humano é fecunda em todas as outras relações. A solidão só faz sentido se gera, além do amor a Deus, o amor ao próximo também.¹⁴⁴ Pois na espiritualidade cristã, “amar significa abrir-se, romper o círculo do isolamento, habitar esse milagre que é conseguirmos estar plenamente conosco e com o outro.”¹⁴⁵ Nessa perspectiva Nouwen afirma:

A solidão é realmente o lugar do grande encontro, do qual outros encontros extraem seu significado. Na solidão, deixamos para trás nossas muitas atividades, preocupações, planos e projetos, opiniões e convicções, e entramos na presença de nosso Deus amoroso, nus, vulneráveis, abertos e receptivos. E ali percebemos que só ele é Deus, que só ele é amor, que só ele é zelo, que só ele é perdão. Na solidão, realmente podemos chamar Deus de nosso Pai, o Pai amoroso de todas as pessoas.¹⁴⁶

É fundamental, portanto, para o ser humano, que busca superar toda fragmentação causada pela ilusão de uma vida meramente exterior, encontrar a unidade. A unidade implica solidão. É necessário para a pessoa estar também fisicamente só, para se deixar interpelar por Deus. E não para uma experiência egoísta e narcisista que a separa das outras pessoas. Esse elemento de solidão é o que sustenta a compaixão pelos outros, pois na solidão a pessoa encontra Deus que é amor e ensina a amar.¹⁴⁷ A solidão torna-se uma experiência de conversão. O ser humano orgulhoso e cheio de si converte-se em alguém agradecido e capaz de

¹⁴¹ NOUWEN, 1997, p. 29.

¹⁴² GRÜN, 2014a, p. 125.

¹⁴³ MERTON, 2007, p. 219.

¹⁴⁴ MERTON, 2017, p. 60.

¹⁴⁵ MENDONÇA, 2016, p. 29.

¹⁴⁶ NOUWEN, 1997, p. 35-36.

¹⁴⁷ MERTON, 2017, p. 60-61.

perceber todos os seus talentos como dom de Deus. Na solidão acontece o encontro com o verdadeiro eu interior. Desse encontro a pessoa pode sair para encontrar seus irmãos e irmãs.¹⁴⁸ Segundo Mendonça:

O Deus vivo é uma comunidade. O Deus vivo não é alguém isolado, com quem mantenho uma relação unidirecional que não interessa mais ninguém, nem ultrapassa as fronteiras do eu e do você. O dinamismo trinitário, pelo contrário, é o movimento expansivo e inclusivo de Deus. O três é garantia da universalidade. Se acreditamos na Trindade, ela se torna o molde de uma vida aberta, inclusiva e partilhada.¹⁴⁹

Portanto, a verdadeira solidão, mais ainda do que física, é a solidão interior. Que permite ao ser humano a compreensão de não estar acima de ninguém, de não viver separado, segregado, pois a vida de santidade que brota da relação com Deus não separa os seres humanos em classes superiores ou inferiores, mas, antes, os une. É possível perceber que solidão não é separação.¹⁵⁰

Para encontrar a solidão interior é necessário o esforço de se libertar dos desejos, preocupações e apegos.¹⁵¹ Quando acessada, a solidão interior permite “entrar em solidariedade com todos os seres humanos e permitir que nossos corações virem o lugar de encontro não só com Deus, mas [...], com todos os seres humanos também.”¹⁵² Quanto mais a pessoa estiver em solidão com Deus, tanto mais estará unida à humanidade. Quanto mais junto estiver na verdadeira comunidade formada pelos seguidores de Cristo mais estará a sós com Ele.¹⁵³

1.3.3 Vida interior que gera compaixão

Ao fazer a experiência da vida interior, o ser humano percebe-se inserido no grande plano de salvação de Deus. Com a graça de Deus consegue abandonar por um tempo seu falso eu, pois sempre existirá a

¹⁴⁸ NOUWEN, 1997, p. 37-38.

¹⁴⁹ MENDONÇA, 2016, p. 53.

¹⁵⁰ MERTON, 2017, p. 63.

¹⁵¹ MERTON, 2017, p. 87.

¹⁵² NOUWEN, 1997, p. 39.

¹⁵³ MERTON, 2017, p. 72.

luta entre o falso eu e o eu verdadeiro, e perceber em seu caminho homens e mulheres necessitados de compaixão.

Essa experiência é possível para aqueles que, segundo Johann Baptist Metz, em sua obra *Mística de olhos abertos*, vivem uma experiência espiritual de solidariedade. A mística de olhos abertos “não é uma mística natural, sem face. Ela é muito mais uma mística que busca essa face, que leva os místicos ao encontro do outro, sofredor, ao encontro dos infelizes e vítimas do mundo.”¹⁵⁴ A parábola do Bom Samaritano, do Evangelho segundo Lucas, parece retratar bem essa experiência, pois primeiro passam os homens da religião, que viviam apenas uma experiência exterior, e seguem seu caminho. Sem sentirem o apelo que brota do encontro com o próximo, que revela a face de Deus, seguem de olhos e coração fechados. Mas aquele samaritano, que representa a pessoa que experimenta Deus em seu interior, não pode passar adiante, sente que suas entranhas se contorcem, sente em si a dor do próximo. A atitude do samaritano da parábola é narrada nestas palavras “chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão.”¹⁵⁵ A vida interior permite que todo ser humano seja capaz de assumir as atitudes do bom samaritano da parábola, pois “os que oram no *espírito de Jesus* não podem orar de costas para o *outro* que sofre.”¹⁵⁶ Assim é possível compreender que:

O que definitivamente mede a verdade de toda experiência de Deus é o amor, pois “Deus é amor”, e não exclui a ninguém, nem esquece o ser menor da criação. Aquele que contempla se transforma no contemplado, no processo sem fim de participar cada dia mais do ser mesmo de Deus que se expressa na entrega sem restrições à construção com Ele de seu reino.¹⁵⁷

Viver uma mística da compaixão, mais do que viver impulsionado por um mero sentimento, é acolher o modo de viver que é próprio de Cristo. É experimentar, a partir de uma relação de intimidade com Deus, a sua paixão, e a partir dessa paixão assumir um estilo de vida movido pela compaixão ao próximo. Esse encontro com a paixão de Cristo reflete-se em uma vida de compaixão diária, cotidiana, não de acontecimentos

¹⁵⁴ METZ, 2013, p. 21.

¹⁵⁵ Lc 10,33b.

¹⁵⁶ METZ, 2013, p. 126, grifo do autor.

¹⁵⁷ BUELTA, 2007, p. 160.

excepcionais.¹⁵⁸ O místico é movido interiormente pela compaixão, não apenas na dor e sofrimento do outro, mas quando seus direitos são negados e suas necessidades negligenciadas.¹⁵⁹ É preciso que da oração “surja uma ação do amor prático e da ajuda concreta ao próximo.”¹⁶⁰ De acordo com Chittister:

Aqueles que procuram, verdadeiramente, a Deus ficam mais sensíveis ao resto do mundo, porque se tornam, no dia a dia, mais parecidos com o Deus que amam, com o Espírito que lhes dá energia. Eles levam consigo, para que todos vejam, as exortações do Deus que os impele a encontrar o Deus que vive neles e que, ao mesmo tempo, os tiram para fora de si próprios.¹⁶¹

Ao viver a partir de sua interioridade, o ser humano vai cotidianamente assumindo o estilo de vida de Jesus, configurando-se a Ele. Assim, é o próprio Cristo que vive e se manifesta na pessoa que se relaciona com Deus e com toda a criação, participando do amor de Deus. O chamado à vida interior, portanto, é para todo ser humano, e aqueles que acolhem profundamente esse chamado acabam iluminando a vida de outras pessoas.

1.4 A VIDA ESPIRITUAL NA PERSPECTIVA DO PAPA FRANCISCO

Depois do caminho percorrido, é possível conectar o pontificado de Francisco com a perspectiva de vida interior aqui apresentada. O Papa Francisco é herdeiro da tradição inaciana que prioriza a experiência pessoal de cada ser humano e valoriza o contexto em que a pessoa está inserida e a sua interação com o Espírito Santo. De acordo com o Papa, a pessoa possui uma vida interior que não pode ser desprezada,¹⁶² e deve

¹⁵⁸ METZ, 2013, p. 69.

¹⁵⁹ MERTON, 2017, p. 32.

¹⁶⁰ HALÍK, Tomás. **Toque as feridas**: Sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação. Petrópolis: Vozes, 2016a. p. 87.

¹⁶¹ CHITTISTER, 2015, p. 110.

¹⁶² FRANCISCO. **Audiência Geral: catequese 31 – A meditação**. Biblioteca do Palácio Apostólico, 28 abr. 2021. Não paginado. Disponível em: <https

ser cultivado “um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, [...] o ardor apaga-se.”¹⁶³ E, ainda, “quando se diz que uma realidade tem *espírito* indica-se habitualmente uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária.”¹⁶⁴

Ao falar sobre a oração cristã, o Papa afirma que o cristão não reza por desejar uma plena transparência de si, ou por buscar o centro mais profundo do seu ego. Essas motivações até podem ser válidas, mas não são a razão da oração. O cristão busca na oração um encontro com o Outro, com o transcendente. A meta da oração é Deus, é encontrar-se com Deus. A paz interior, o autodomínio, a lucidez são alegrias recebidas da graça da oração cristã que é o encontro com Jesus Cristo.¹⁶⁵

Em primeiro lugar está o encontro com Deus, que dá início ao ser cristão. Como fruto desse encontro com Deus, que é relação, o indivíduo se descobre como pessoa. Da compreensão de experiência pessoal que é relacional, pois pessoa é relação, nasce uma forte conotação de eclesialidade. A experiência que nasce da relação com Deus resulta na experiência de ser Igreja.¹⁶⁶ Na experiência de se entender parte de um povo, do povo de Deus. Na história da Salvação, Deus salvou um povo. Portanto, a salvação não é alcançada por ninguém de forma isolada, mas ao aderir a esse povo de Deus. O criador atrai as pessoas por meio das relações interpessoais que são estabelecidas na humanidade.¹⁶⁷

Não é saudável amar o silêncio e esquivar o encontro com o outro, desejar o repouso e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço. Tudo pode ser recebido e integrado como parte da própria vida neste mundo, entrando a fazer parte do caminho de santificação. Somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, e

://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2021/documents/papafrancesco-20210428_udienza-generale.html>. Acesso em 29 maio 2021.

¹⁶³ FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 205; EG 261.

¹⁶⁴ FRANCISCO, 2013, p. 204; EG 261.

¹⁶⁵ FRANCISCO, 2021, não paginado.

¹⁶⁶ RUPNIK, 2019, p. 28.

¹⁶⁷ FRANCISCO. **Carta Encíclica *Gaudete Et Exsultate***. São Paulo: Paulus, 2018. p. 10; GEE 6.

santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão.¹⁶⁸

A Igreja apresentada por Francisco é formada por pessoas que buscam uma verdadeira vida no Espírito. Uma Igreja que toca as pessoas com amor, pois somente tocadas pelo amor são capazes de encontrar o Deus de amor. É uma Igreja de comunhão, onde se vive pela fé, e não por ideologias.¹⁶⁹ É uma Igreja em saída,¹⁷⁰ que vai ao encontro das pessoas e não permanece fechada em si, na sua autorreferencialidade. Uma igreja em direção da nova criação, “em direção à plenitude da comunhão em Cristo, para a manifestação da sua verdadeira natureza que é espiritual, e não uma sociedade paralela que vive segundo formas sociais naturais, melhoradas”.¹⁷¹ Nas palavras do Papa Francisco, “a Igreja nos faz encontrar a misericórdia de Deus que nos transforma, porque nela está presente Jesus Cristo, que confere a verdadeira profissão de fé, a plenitude da vida sacramental [...]”.¹⁷²

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a primeira de seu pontificado, o Papa Francisco apresenta a importância de, a partir da experiência de Cristo, sair de si para unir-se aos outros. Recorda que o Evangelho ensina a acolher o risco do encontro com o outro, com a sua presença física, com os seus sofrimentos, com todas as suas circunstâncias. Pois a verdadeira fé em Cristo é inseparável da entrega e doação de si mesmo, da unidade em uma comunidade, do serviço ao próximo.¹⁷³ A plenitude de vida que o ser humano é chamado a viver só é alcançada no amor, que não exclui a existência e a dor do outro, que não deixa ninguém caído pelo caminho.¹⁷⁴ A vida espiritual possibilita uma forma de pensar e agir segundo Cristo,¹⁷⁵ e um movimento que, antes de fechar-se em si mesmo, centra a sua atenção no outro,¹⁷⁶ pois o primeiro

¹⁶⁸ FRANCISCO, 2018, p. 18; GEE 26.

¹⁶⁹ RUPNIK, 2019, p. 29.

¹⁷⁰ FRANCISCO, 2013, p. 19; EG 20.

¹⁷¹ RUPNIK, 2019, p. 30.

¹⁷² FRANCISCO, Papa. **A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja.** Org. Giuliano Vigini. São Paulo: Paralela, 2014. p. 33, grifo do autor.

¹⁷³ FRANCISCO, 2013, p. 75-76; EG 88.

¹⁷⁴ FRANCISCO. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti*.** São Paulo: Paulus, 2020. p. 42-43; FT 68.

¹⁷⁵ RUPNIK, 2019, p. 31.

¹⁷⁶ FRANCISCO, 2020, p. 42-43; FT 68.

sinal da vida no Espírito é a abertura e o acolhimento.¹⁷⁷ Somente quando a humanidade é capaz de superar o individualismo e sair de si mesma na direção do outro pode desenvolver-se um estilo de vida novo.¹⁷⁸

A vida espiritual só começa verdadeiramente na existência humana quando surge a comunhão. Só inicia quando se acolhe a vida como um dom, como relação à maneira de Deus. Quando tudo que é humano começa a ser libertado de todo posicionamento autoafirmativo e autorreferencial, e se começa a viver de maneira relacional e livre. Sendo que somente a pessoa tem a consciência do eu relacional, que é chamado a viver em comunhão e manifestar o amor, a vida espiritual só é possível a pessoas.¹⁷⁹ Compreendendo que um fruto da vida espiritual é despertar o eu verdadeiro, percebe-se que “é impossível compreender a mim mesmo sem uma teia mais ampla de relações: e não só as do momento atual, mas também as relações dos anos anteriores que me foram configurando ao longo da vida.”¹⁸⁰

Segundo o Santo Padre, é preciso reconhecer que todos os cristãos podem cair na tentação de se desinteressar pelo próximo, especialmente o mais frágil. A humanidade cresceu em muitos aspectos, porém é analfabeta no ato de acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das sociedades. É comum olhar para o outro lado, ignorando as situações até que elas se tornem inevitáveis.¹⁸¹ A existência de cada pessoa humana está ligada a existências das outras pessoas humanas. A vida torna-se lugar de encontro.¹⁸²

O amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus, a ponto de se dizer, de quem não ama o irmão, que *está nas trevas e nas trevas caminha* (I Jo 2,11), *permanece na morte* (I Jo 3,14) e *não chegou a conhecer a Deus* (I Jo 4,18) [...] quando vivemos a mística de nos aproximar dos outros com a intenção de procurar o seu bem, ampliamos o nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor. Cada

¹⁷⁷ RUPNIK, 2019, p. 97.

¹⁷⁸ FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. Brasília: CNBB, 2015. p. 123-124; LS 208.

¹⁷⁹ RUPNIK, 2019, p. 107, grifo do autor.

¹⁸⁰ FRANCISCO, 2020, p. 52; FT 89.

¹⁸¹ FRANCISCO, 2020, p. 41; FT 64.

¹⁸² FRANCISCO, 2020, p. 42; FT 66.

vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus. Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus. Em consequência disto, se queremos crescer na vida espiritual, não podemos renunciar a ser missionários. A tarefa da evangelização enriquece a mente e o coração, abre-nos horizontes espirituais, torna-nos mais sensíveis para reconhecer a ação do Espírito, faz-nos sair de nossos esquemas espirituais limitados.¹⁸³

A compreensão de vida no Espírito do Papa Francisco pode ser confirmada em seu pontificado de uma forma concreta, tanto em seus discursos e documentos pontifícios, como em seus gestos cotidianos. O caminho para a Igreja e assim para todo cristão, apresentado pelo Santo Padre, brota do Evangelho e de uma verdadeira experiência de vida no Espírito, que não se encerra em uma existência individual, mas pessoal e comunitária que busca e aponta para Deus.

Após percorrer o caminho da vida interior a partir da teologia espiritual e da mística contemporâneas, e da compreensão de vida espiritual presente no pontificado do Papa Francisco, é possível perceber que o ser humano é chamado a ser “manifestação do amor de Deus.”¹⁸⁴ Fica claro que não são as práticas exteriores, muitas vezes forçadas, que expressam a fecundidade de uma vida espiritual, mas a sua autenticidade está em viver a vida como um dom¹⁸⁵ que é recebido no amor encarnado de Cristo e entregue livremente na experiência do amor-doação.

¹⁸³ FRANCISCO, 2013, p. 213-214; EG 272.

¹⁸⁴ RUPNIK, 2019, p. 108.

¹⁸⁵ RUPNIK, 2019, p. 108.

2 DESAFIOS PARA O CULTIVO DA VIDA INTERIOR

A vida espiritual dos cristãos é também compreendida como um combate contra os demônios. Se por um lado é apresentada à humanidade o caminho que deve trilhar, por outro lado surgem impedimentos para que tal caminho seja completado. Essa é a ação própria do demônio, ser e oferecer obstáculo para a vida espiritual.¹⁸⁶ Os desafios para a vivência interior são muitos e de diferentes ordens.

O ser humano fragmentado pelo pecado¹⁸⁷ vive a luta entre o seu ser mais autêntico e genuíno, o eu verdadeiro, e o seu eu irreal e exterior, o falso eu. Experimenta ainda uma fragmentação entre o bem e o mal, entre o pecado e a vontade de Deus que o leva a viver de maneira desintegrada as suas relações. A ruptura que o ser humano experimenta no mundo e em si mesmo atravessa a sua intimidade, fragmenta-o e o dispersa em diferentes direções.¹⁸⁸ “O homem está dividido dentro de si.”¹⁸⁹ Para esse ser humano fragmentado, que não se entende mais como corpo, alma e espírito, ou seja, que deve ter em si todas essas dimensões integradas, as relações tornam-se desintegradoras. Sem um núcleo unitivo vivificante o ser humano vive uma mentira, que é a distorção do seu próprio ser. Dessa maneira ele acaba se distanciando de seu destino, e na busca desesperada pela unidade interior acaba se ferindo e fragmentando ainda mais.¹⁹⁰ Esquece-se que é necessária a experiência de Deus para a superação da divisão interna.¹⁹¹

Por viver de maneira fragmentada, a pessoa tende a priorizar apenas uma das suas dimensões. Dessa maneira, ao priorizar a dimensão da alma, a pessoa tende ao orgulho, ao perfeccionismo e ao individualismo. Ao priorizar a dimensão espiritual, tende a falsa religião à

¹⁸⁶ SPIDLÍK, Tomás. **A arte de purificar o coração**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 33-34.

¹⁸⁷ Poder-se-ia dizer que o pecado tem especialmente significado para o próprio homem a queda do perceber-se unido para sentir-se *em mil pedaços*, fragmentado em tantos desejos, tantos pensamentos, tantas esferas da personalidade em luta entre eles, tantas necessidades e tantos padrões. Esta fragmentação é, então, efetivamente, um sinal deixado pelo pecado. (TENACE, Michelina. **Para uma antropologia de comunhão**: da imagem à semelhança: a salvação como divinização. Trad. Cláudio Antonio Pedrini. Bauru: UDESC, 2005. p. 65).

¹⁸⁸ BUELTA, 2007, p. 14-15.

¹⁸⁹ GRÜN, 2020, p. 37.

¹⁹⁰ RUPNIK, 2005a, p. 82.

¹⁹¹ GRÜN, 2020, p. 36.

idolatria e ao espiritualismo. E ao priorizar o corpo, tende ao secularismo, à diluição nas massas e ao consumismo.

Os desafios para que o ser humano alcance uma vida no Espírito são muitos, entretanto “a problemática principal do nosso tempo consiste na fragmentação da vivência humana, na atomização das mentalidades e na auto-afirmação do indivíduo.”¹⁹² A pretensão deste segundo capítulo não é a de esgotar os desafios, que são inúmeros. Poder-se-ia apresentar os desafios a partir dos sete pecados capitais, por exemplo. Porém, optou-se neste segundo capítulo por apresentar apenas alguns desafios decorrentes da fragmentação que limita o ser humano e que através da vivência interior ele é chamado a superar. O primeiro desafio abordado será o falso eu, que deturpa todas as dimensões do ser humano. Em seguida serão elencados desafios decorrentes de cada dimensão fragmentada do ser humano. Na dimensão da alma serão apresentados o orgulho, o perfeccionismo e o individualismo. Na dimensão do espírito serão apresentados a falsa religião, a idolatria e o espiritualismo. E, por fim, na dimensão do corpo serão apresentados o secularismo, a diluição nas massas, e o consumismo.

2.1 FALSO EU

Um primeiro desafio encontrado para a vivência interior é o da exterioridade. Por mais que a vida interior seja apresentada, de maneira especial no cristianismo, como um ideal a ser vivido, é também natural do ser humano, devido à situação desintegradora do pecado, viver voltado para fora e conduzido pelas circunstâncias. Existe uma oposição entre o *eu* interior, que se relaciona de forma profunda e autêntica com Deus e o *eu* exterior, que é apenas superficialidade e exterioridade. “O falso eu, no nível mais profundo, é o ser humano desconectado de sua relação com Deus. O problema é que [...] a relação do ser humano com Deus é a sua identidade.”¹⁹³

Este *eu* que atua no mundo, age externamente, e fala de si, não é o *eu* verdadeiro que foi unido por Cristo a Deus.¹⁹⁴ O *eu* exterior nem pode

¹⁹² RUPNIK, 2005a, p. 293.

¹⁹³ BONOWITZ, Bernardo. Mastigando as novas sementes de contemplação. In: PAISER, Fernando A. de S. (Org.). **Mertonianum** 100. São Paulo: Riemma, 2015. p. 37.

¹⁹⁴ MERTON, 2017, p. 22, grifo do autor.

colocar-se consciente diante de Deus e relacionar-se com um *Tu*.¹⁹⁵ São Paulo na *1ª Carta aos Coríntios* apontou para essa realidade ao afirmar que “[...] ninguém pode dizer: ‘Jesus é o Senhor’ a não ser no Espírito Santo.”¹⁹⁶ Pois esse *eu* exterior nem sempre consegue fazer distinção entre o seu ser e as outras pessoas e objetos. Pode ainda viver sem o uso de sua subjetividade e entregue a um mundo de objetos, no qual Deus é apenas um objeto a se ter posse.¹⁹⁷

De acordo “com a tradição mística cristã, enquanto se está envolvido pelas preocupações e desejos do eu exterior, não se pode encontrar o próprio centro interior e lá conhecer Deus.”¹⁹⁸ E o resultado de uma vida sem um centro interior tranquilo é a ilusão, na qual a pessoa ao se definir pelos seus resultados torna-se possessiva, defensiva e dependente de falsas identidades.¹⁹⁹ Sem um centro interior e consequente consciência do Deus que habita em si e assim no seu verdadeiro eu, a pessoa pode buscar a sua identidade no que os outros pensam a seu respeito. Pode se fundamentar em como reagem à sua forma de ser e o que esperam dela, assim, para encontrar a sua própria identidade, torna-se dependente das relações interpessoais.²⁰⁰

A cultura atual enfatiza a exterioridade, que deve ser brilhante e bem sucedida.²⁰¹ Inserida nessa cultura, a pessoa tende a assumir o mundo a partir de um ponto de vista econômico, técnico ou hedonista. Na busca de vantagens práticas, ela acaba se separando do contato direto com a realidade vista.²⁰² Essa exterioridade dificulta os relacionamentos e é oposta a uma vivência interior e fecunda, pois nela a pessoa apenas busca vantagens nas interações que possui e não se abre para o comprometimento, que deriva, por sua vez, de verdadeiras relações. Disso resulta para os seres humanos que “seus pensamentos e desejos não pertencem a Deus, e sim à ilusão, às paixões e às coisas externas,”²⁰³ estão totalmente submersos no irreal.²⁰⁴ Os filhos dessa cultura “são homens divididos entre Deus e o mundo. Sentem-se em casa e

¹⁹⁵ MERTON, 2007, p. 8, grifo do autor.

¹⁹⁶ 1Cr 12,3b.

¹⁹⁷ MERTON, 2007, p. 8, grifo nosso.

¹⁹⁸ MERTON, 2007, p. 24.

¹⁹⁹ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 53.

²⁰⁰ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 124.

²⁰¹ BUELTA, 2007, p. 41-42.

²⁰² MERTON, 2007, p. 32.

²⁰³ MERTON, 2007, p. 69.

²⁰⁴ MERTON, 2007, p. 132.

confortáveis apenas em seu eu exterior. Nunca buscam o que é mais profundo em seu próprio ser.”²⁰⁵

Quando o ser humano esquece a sua verdadeira identidade, de filho amado de Deus, perde e esquece também o rumo de sua vida.²⁰⁶ E quando não se vive de maneira livre e interior, as circunstâncias exteriores dominam a pessoa, fazendo-a apenas reagir às situações que se apresentam. E assim,

até nossos sentidos chegam incessantemente, pelo olhar dos donos deste mundo, imagens de nós mesmos que nos degradam, que nos convertem em consumidores, em etiquetas comerciais, que nos reduzem a nossa cor ou a nosso passaporte. De nossa razão se aproximam muitas lógicas diferentes com a magia sedutora das imagens e de sons impactantes, encarnados em ídolos bem sucedidos. Mecanismos poderosos nos podem elevar inflados e vazios como bolhas brilhantes de sabão, ou nos podem excluir como materiais descartáveis, negando-nos o direito a considerar-nos pessoas.²⁰⁷

Quando a pessoa vive em função do seu eu exterior, do seu falso eu, acaba por se distanciar de Deus, pois tudo que procura é fazer a sua vontade individualista e egoísta. Nesse apego ao falso eu, a pessoa não consegue amar a Deus ou as pessoas, apenas estabelece uma relação de utilidade. As outras pessoas e a criação são vistas como objetos a serem utilizados para sua própria satisfação e afirmação do seu eu. Não existe relação verdadeira, pois tudo é corrompido e pervertido. Começa-se a amar as coisas em prol do seu falso eu.²⁰⁸ Nessa circunstância a pessoa não consegue expandir-se, mas, ao contrário, encolhe e se retrai. Ela busca ser amada pelos outros, porém já não é mais capaz de amar. Quer ser valorizada, mas sem valorizar ninguém.²⁰⁹

O ser humano criado no amor, como imagem e semelhança de Deus, só pode se realizar no amor. Só sente-se integrado quando consegue amar.

²⁰⁵ MERTON, 2007, p. 69.

²⁰⁶ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 122.

²⁰⁷ BUELTA, 2007, p. 24.

²⁰⁸ MERTON, 2017, p. 34.

²⁰⁹ ARDUINI, Juvenal. **Antropologia**: ousar para reinventar a humanidade. São Paulo: Paulus, 2002. p. 101.

Não aceitar, não amar e não fazer a vontade de Deus é recusar a plenitude de minha existência. Se eu jamais me tornar o que estou destinado a ser, mas permanecer sempre o que não sou, passarei a eternidade contradizendo a mim mesmo, sendo, ao mesmo tempo, algo e nada, uma vida que não quer viver e está morta, uma morte que deseja estar morta mas não consegue atingir sua própria morte porque ainda tem de existir.²¹⁰

O ser humano distante de Deus e de sua vontade, precisará sempre encontrar situações que satisfaçam o seu desejo de infinito. Quando se está privado de se realizar no amor, o ser humano encontrará outros meios para uma aparente realização. De acordo com Merton “todo pecado começa com o pressuposto de que meu falso eu, o eu que só existe em meus desejos egocêntricos, é a realidade fundamental da vida a que tudo mais no universo está ordenado.”²¹¹

Assim como o pecado é uma realidade resultante da vida exterior, também os problemas que tanto afligem as pessoas estão relacionados com o eu exterior.²¹² Quando a pessoa permite que o mundo a encha com inúmeras coisas para ver, ouvir e ler, com inúmeras pessoas com quem deve estar e se preocupar, ela não pode acessar sua vida interior,²¹³ e conseqüentemente não consegue lidar sadiamente com os problemas.

Ao arrogar para si ares de interioridade, o eu exterior, em vez de mergulhar livremente nas profundezas da vida espiritual, experimenta apenas uma interiorização fingida, que não produz nenhum fruto, apenas alimenta ainda mais o seu superego.²¹⁴²¹⁵ Ao viver a partir de seu eu exterior, a pessoa não busca conhecer a si mesma, entender e enfrentar seus limites e acolher suas fragilidades. Normalmente o que faz é assumir um personagem de grandeza, que para se afirmar diante dos outros, usa de violência e persuasão. O que interessa para tal pessoa é apenas atender

²¹⁰ MERTON, 2017, p. 45.

²¹¹ MERTON, 2017, p. 46.

²¹² MERTON, 2007, p. 5.

²¹³ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 52.

²¹⁴ O conceito freudiano de superego corresponde a ideia do eu exterior de Thomas Merton. O eu exterior é ao mesmo tempo externo e enterrado no inconsciente. Dessa forma os recessos do inconsciente em que estão centrados os distúrbios neuróticos e psicóticos pertencem ao eu exterior. (MERTON, 2007, p. 37.)

²¹⁵ MERTON, 2007, p. 37.

seus desejos, satisfazer o seu prazer egoísta.²¹⁶ Ao viver apenas na exterioridade e movida pelas circunstâncias, a interação que a pessoa tem com Deus e com os outros torna-se automática e mecânica. A pessoa não reflete suas ações e, quando reflete, é apenas de maneira superficial. Acaba por imaginar-se espontânea e comunicativa, mas ao final não comunica a verdade de seu ser e nem consegue acolher a realidade das pessoas que a cercam, pois vive de maneira alienada e sem espontaneidade.²¹⁷

2.2 ENFÂSE NA DIMENSÃO ANÍMICA

A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual,²¹⁸ é unidade de corpo e de alma.²¹⁹ A unidade existente entre o corpo e a alma é “tão profunda que se deve considerar a alma como a *forma* do corpo, ou seja, é graças à alma espiritual que o corpo constituído de matéria é um corpo humano e vivo.”²²⁰ O ser humano é alma, princípio espiritual, e corpo, realidade material. “O espírito e a matéria no homem não são duas naturezas unidas, mas a união deles forma uma única natureza.”²²¹ Essa é a compreensão que o magistério da Igreja apresenta referente à natureza humana. Entretanto, São Paulo na carta escrita aos Tessalonicenses dirige-se a eles com estas palavras: “que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”²²² A Igreja ensina que essa divisão tripartida da pessoa não introduz uma divisão na alma. Nessa distinção, o espírito aparece como a parte mais elevada do ser humano, aberta à influência do Espírito, o *lugar* em que o Espírito habita no ser humano.²²³ Portanto, seja em uma visão dual, corpo e alma, ou tripartida, corpo, alma e espírito, o ser humano é chamado a viver a unidade. Para apresentar os desafios da vida interior nesse segundo capítulo, faz-se a opção pela visão tripartida do ser humano.

²¹⁶ MERTON, 2007, p. 69.

²¹⁷ MERTON, 2007, p. 130.

²¹⁸ CATECISMO..., 2000. p. 104; CIC 362.

²¹⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1969. p. 156; GS 14.

²²⁰ CATECISMO..., 2000. p. 105; CIC 365.

²²¹ CATECISMO..., 2000. p. 105; CIC 365.

²²² 1Ts 5,23.

²²³ 1Ts 5,23, nota de rodapé.

Os desafios a partir daqui elencados são frutos da fragmentação que o ser humano vive. Fragmentado pelo pecado, ele experimenta a dificuldade de encontrar a unidade interior entre as suas dimensões, anímica, espiritual e corporal. A falta dessa unidade faz com que o mundo e os relacionamentos sejam vistos e experimentados por meio de um desequilíbrio. Algumas pessoas fundamentam suas vidas e relações basicamente por meio de apenas uma das dimensões. Outras pessoas constantemente alteram entre essas dimensões, mas também não conseguem uma integração entre elas.

Ao enfatizar demasiadamente apenas a dimensão anímica, em detrimento das dimensões espiritual e corporal, surgem muitos desequilíbrios. Neste segundo ponto, serão apresentados três desses desequilíbrios que se apresentam como desafios para a vida interior: orgulho, perfeccionismo e individualismo.

2.2.1 Orgulho

O orgulho é um dos sete pecados capitais, que de acordo com o Catecismo da Igreja Católica “são chamados capitais porque geram outros pecados, outros vícios.”²²⁴ É um termo ambíguo, contendo equívocos na linguagem espiritual e religiosa.²²⁵ E aqui será entendido como soberba, presunção e vaidade. Orgulhoso então é aquele que é soberbo, cheio de si.²²⁶ O orgulho assim compreendido torna-se “o mais importante dos pecados, do qual decorrem todos os demais.”²²⁷ O orgulho conduz a uma vanglória, ou seja, uma glória vã. Essa vanglória diz respeito ao próprio ser humano e ao que imagina alcançar por si mesmo, e não à glória que é devida a Deus.

O orgulho faz com que a pessoa busque sempre mais o prazer de obter êxito em uma tarefa difícil. Assim a pessoa sente-se melhor que os outros, que não conseguem êxito em suas tarefas, sente-se mais santa e separada do restante dos pecadores. Esse orgulho torna-se um fogo devorador que é confundido com o amor de Deus e a ação do Espírito Santo.²²⁸ “Há algo desse verme no coração de todo homem religioso.

²²⁴ CATECISMO..., 2000, p. 501; CIC 1866.

²²⁵ BOFF, Lina. Orgulho. In: YUNES, Eliana; BINGEMER, Maria C. L. (Orgs.). **Pecados**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 140.

²²⁶ BUENO, Francisco S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da Língua Portuguesa**. V. 6. Santos: Brasília, 1974. p. 2766.

²²⁷ SANT’ANNA, Affonso R. Orgulho. In: YUNES; BINGEMER, 2001. p. 132.

²²⁸ MERTON, 2017, p. 58.

Assim que realiza algo que sabe ser bom aos olhos de Deus, tende a se apoderar dessa realidade como sendo dele.”²²⁹ De acordo com o Papa Francisco, uma tarefa que é realizada movida pelo orgulho, pela necessidade de aparecer e pela ansiedade, não pode ser algo santificador na vida de um cristão. Em cada ação, a busca deve ser a de identificar-se sempre mais com Cristo,²³⁰ e não a de ser reconhecido e recompensado. O orgulho tende a incutir na pessoa o pensamento que a salvação será alcançada por merecimento. O apóstolo dos gentios escreveu à comunidade de Éfeso, advertindo-os desse perigo: “Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é o dom de Deus, não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho.”²³¹

Quando a vida espiritual é compreendida como um prêmio conquistado, ela pode ser objetivada e, ao invés de servir a Deus, a pessoa passa a servir apenas a sua própria experiência interior. Nessa circunstância a pessoa assume a própria experiência subjetiva com tanto entusiasmo “que esta se torna mais importante que a verdade, mais importante que Deus. Uma vez encarada como objeto, a experiência espiritual se transforma em um ídolo; torna-se uma *coisa*, uma *realidade* à qual servimos”.²³² Esse entusiasmo se manifesta em uma crescente atitude orgulhosa, em que a pessoa valoriza tanto a sua experiência subjetiva que até é possível crescer na piedade e em virtudes aparentes ou numa boa vivência moral diante dos outros. Porém, poucos passos, ou nenhum, serão dados na vivência das virtudes teologais e na abertura para a vida nova em Cristo. “O orgulho fecha o homem sobre si e o impede de amar, de ser santo.”²³³

O objetivo da vida interior é descobrir Cristo que habita em cada pessoa, e por meio desse encontro com Deus e com a sua verdadeira essência, relacionar-se corretamente com toda a criação, santificando-se e glorificando à Deus. A espiritualidade, portanto, não pode se preocupar apenas no crescimento de virtudes pessoais. Ao viver a espiritualidade fundamentada no orgulho, a pessoa não alcança a liberdade interior, que é fruto de uma espiritualidade cristã autêntica, mas torna-se escrava de sua

²²⁹ MERTON, 2017, p. 57.

²³⁰ FRANCISCO, 2018, p. 19; GEE 28.

²³¹ Ef 2,9.

²³² MERTON, 2007, p. 154, grifo do autor.

²³³ OLIVEIRA, José A. N. **Perfeição ou santidade e outros textos espirituais**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 20.

própria experiência subjetiva. A pessoa acaba dando exclusiva importância ao que experimenta, acreditando que todas as suas inspirações provêm de Deus. Quando essa atitude é assumida, os piores erros são vistos como verdade.²³⁴ Sem perceber, a pessoa não se preocupa mais em estar em Deus, mas em ser bem vista diante dos outros e parecer alguém espiritual.²³⁵ O orgulho surge como uma falsa auto-realização, mas que na verdade é apenas a construção e fortalecimento de uma imagem ilusória.²³⁶ “O orgulho e a soberba, por serem um exercício de egocentrismo, terminam por acarretar uma série de distorções não apenas pessoais, mas sociais.”²³⁷

2.2.2 Perfeccionismo

A perfeição é para muitas pessoas como um certificado de seu êxito na vida e as conduz para uma batalha sem fim. Na vida espiritual, o risco da busca pela perfeição afasta as pessoas do seu fim, que é a integração de tudo que a pessoa é em si mesma, isso inclui as suas fragilidades e limites.²³⁸

Quando a atenção centra-se antes de tudo no exterior, e quando há uma necessidade obsessiva de perfeição em tudo (não para a glória de Deus, mas para a obtenção de paz interior), a verdadeira contemplação se torna impossível, pois esta pressupõe que o homem esteja livre de quaisquer interesses, sejam altos ou baixos, espirituais ou materiais. Isso não quer dizer que descuido e falta de disciplina sejam mais favoráveis à oração interior do que a observância regular. [...] A disciplina [...] favorece a contemplação. Mas, quando é sintoma de perfeccionismo legalista e pretensioso, mata então a vida contemplativa em sua raiz.²³⁹

²³⁴ MERTON, 2007, p. 155.

²³⁵ MERTON, 2007, p. 158.

²³⁶ MERTON, 2007, p. 77.

²³⁷ SANT'ANNA, 2001, p. 132.

²³⁸ BUELTA, 2007, p. 253.

²³⁹ MERTON, 2007, p. 164.

Uma pessoa obsessivamente perfeccionista até pode buscar uma vida espiritual, porém, nem sempre o intuito será o de se aproximar de Deus, pois poderá ser apenas o de ter uma espiritualidade perfeita, no que tange à moral e às virtudes. Inserida em uma sociedade que valoriza o progresso, as conquistas individuais e toda forma de vitória e superação de obstáculos, a pessoa perfeccionista pode confundir a vida espiritual com a ideia de uma consecutiva superação de níveis de perfeição. Disso resulta que “o perfeccionista se apresenta como obediente à vontade de Deus, e, muitas vezes, é apenas um serviço à própria necessidade de prestígio. Coloca-se, com seu perfeccionismo, acima dos outros.”²⁴⁰

De acordo com Nouwen, os grandes santos relataram a sua experiência espiritual no intuito de ajudar outras pessoas na relação com Deus, mas o fizeram de uma maneira livre; outros, menos santos, sistematizaram tais experiências. Essas sistematizações são importantes e didáticas, mas é necessário que não sejam tomadas como regra ao se falar da vida no Espírito, pois o vento do Espírito²⁴¹ “sopra onde quer.”²⁴²

A busca da perfeição é um projeto do homem, um ideal humano. Trata-se de um projeto fechado dentro do próprio eu orgulhoso, que exige o máximo de si, o máximo de esforço para não falhar em ponto algum, uma vez que o perfeccionista está convencido de que somente será amado por Deus e pelos demais se for perfeito. Nesse esforço ele tende a contar exclusivamente consigo mesmo, prescindindo de Deus e dos outros.²⁴³

Quando a perfeição se torna a meta de vida de um ser humano, ele acaba se fechando ao dom do amor. Pois o amor foge da perspectiva da perfeição. Na busca da perfeição, a pessoa nega o seu verdadeiro eu. De acordo com o Papa emérito Bento XVI, o ser humano não pode chegar a ser ele mesmo por meio do que faz, mas por meio daquilo que ele recebe. Portanto, o ser humano deve aguardar o dom do amor, pois o amor só pode ser recebido como dom. Para a experiência do amor é necessária a presença do outro, e é no amor recebido que se pode viver a experiência

²⁴⁰ GRÜN, Anselm. **Ser uma pessoa inteira**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 51.

²⁴¹ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 15.

²⁴² Jo 3,8.

²⁴³ OLIVEIRA, 2015, p. 15.

do verdadeiro eu. Dessa forma, o amor, que é a maior necessidade do ser humano e, ao mesmo tempo, a maior expressão de sua liberdade, evidencia que para ele alcançar a salvação é preciso receber, ou seja, ele depende do outro. Ao negar esse recebimento, o ser humano destrói a si próprio.²⁴⁴ Portanto, o perfeccionismo, que é o ato de depender do êxito diante das suas próprias atitudes, surge como um desafio para a vida interior ao negar a necessidade do amor recebido como condição para uma vida autêntica.

No Evangelho de Lucas Jesus conta a parábola do fariseu e do publicano, a qual confirma a ideia de que o processo de vida no Espírito, ou de santificação, não consiste em fazer coisas com perfeição. Consiste, antes, em assumir com humildade a própria humanidade e reconhecer a sua incapacidade de salvar-se por si próprio. O evangelista apresenta os destinatários da parábola – alguns que, convencidos de serem justos, desprezavam os outros²⁴⁵. Narra ainda que “o fariseu, de pé, orava interiormente deste modo: Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano; jejua duas vezes por semana.”²⁴⁶ Esta atitude de assumir a vida espiritual como uma meta de perfeição, que sirva para se auto-afirmar diante dos outros, que são considerados menos perfeitos ou pecadores, é um risco que corre todo o cristão. Jesus nessa parábola deixa claro que “a perfeição não justifica nem salva o homem.”²⁴⁷

A advertência de Jesus no Evangelho de Mateus: “deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito”²⁴⁸ é por muitas vezes incompreendida. Essa compreensão equivocada afirma a ideia de uma vida irrepreensível diante das leis, esquecendo-se de que o amor é o novo mandamento deixado por Jesus²⁴⁹ e é “um caminho que ultrapassa a todos.”²⁵⁰ Jesus faz essa advertência justamente depois de apresentar como o amor deve superar as leis. Dessa forma, a perfeição a que Jesus se refere é a do amor. “Ao longo da história da Igreja ficou bem claro que aquilo que mede a perfeição das pessoas é o seu grau de caridade.”²⁵¹

²⁴⁴ RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo**: Preleções sobre o Símbolo Apóstólico. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 197.

²⁴⁵ Lc 18,9.

²⁴⁶ Lc 18,11-12.

²⁴⁷ OLIVEIRA, 2015, p. 16.

²⁴⁸ Mt 5,48.

²⁴⁹ Jo 13,34.

²⁵⁰ I Cor 12,31b.

²⁵¹ FRANCISCO, 2018, p. 24; GEE 37.

Para a pessoa perfeccionista o fim último da vida torna-se a perfeição, que é vista como o topo de uma escada a qual se propõe com todas as suas forças subir. Ela compreende essa subida como a superação de suas falhas, limitações e vícios e a aquisição de virtudes e vitórias. Nessa perspectiva, a pessoa não suporta o pecado, não por entendê-lo como uma ruptura do laço de amor, mas por ver no pecado uma falha em sua busca de perfeição. Falha que é sempre compreendida como humilhação diante dos outros. Assim, a pessoa busca viver somente com o melhor de si, com aquele fragmento de si que pode ser admirado e elogiado, e as suas fraquezas e tendências obscuras são negadas e escondidas.²⁵² Na carta apostólica *Patris Corde* o Papa Francisco escreve que a história da salvação se realiza por meio da fraqueza humana, mesmo que muitas vezes se pense que Deus conte apenas com aquilo que a humanidade tem de melhor a oferecer, com a sua parte boa e vitoriosa. A verdade é que Deus cumpre os seus desígnios por meio e apesar da fraqueza humana.²⁵³

A perfeição na vida espiritual tende ao seguimento de normas e regras de conduta, de uma vida moral irrepreensível e no cumprimento rígido das *leis de Deus*. Esse código seguido pelo perfeccionista é elaborado sob o peso do constrangimento e da culpa. A consciência culpada cria um mundo, diante do qual, se uma regra for quebrada, ou um passo for dado errado, a autoimagem se desfaz em sentimentos de fracasso. A perfeição, quando humilhada pelo pecado e pelas fraquezas, leva a pessoa ao fechamento em si mesma. Desse modo não há possibilidade para a relação de amor com Deus e as outras pessoas. O perfeccionista, dentro dessa dinâmica de fechamento, acaba por tornar-se seu próprio juiz. Um juiz que a cada queda e sinal de fragilidade se autocondena.²⁵⁴ Em última análise, o perfeccionismo tende a tornar a pessoa cruel e desumana, pois, para atingir seus ideais, não aceita fracasso e imperfeição. Porém, o perfeccionismo não gera nenhuma transformação no mundo. A pessoa vive com todas as suas energias para cumprir um sistema de regras que impôs a si mesma, com o qual, porém, não

²⁵² OLIVEIRA, 2015, p. 15.

²⁵³ FRANCISCO. **Carta Apostólica *Patris Corde***. Vaticano: 2020. Não Paginado; PC 2. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20201208_patris-corde.html> Acesso em: 27 mai. 2021.

²⁵⁴ OLIVEIRA, 2015, p. 15-16, grifo nosso.

consegue contribuir para a transformação do mundo.²⁵⁵ Assim, a pessoa perfeccionista tende a um fechamento em si mesma.

2.2.3 Individualismo

Para a experiência interior, a solidão é um elemento importante, porém solidão não é separação. A solidão e o silêncio favorecem o despertar da vida interior, entretanto existe um perigo de confundir essa solidão necessária com isolamento e fuga da realidade. Essa confusão serve para afirmar, ainda mais, o eu exterior. Ao fugir da companhia de pessoas que não lhe agradam, o homem exterior não estará em solidão, mas apenas isolado com seus demônios.²⁵⁶ “Por isso, a experiência de Deus tem de estar também *integrada na realidade*, sem ficar presos a intimismos sem próximo nem história.”²⁵⁷ O cristão não pode alcançar uma realização espiritual por meio de uma afirmação isolada de sua própria personalidade. Tal atitude de retirar-se da companhia dos outros, sem um retorno à liberdade na ação, simplesmente conduz à paralisia do espírito, e desta forma o eu interior é impedido de despertar. É apenas uma interiorização fingida que impede um mergulho nas profundezas da verdadeira liberdade e espiritualidade, pois a pessoa permanece submetida às circunstâncias externas.²⁵⁸ A pessoa que se fecha em sua subjetividade poderá até ser religiosa e rezar muito, porém não experimentará um encontro verdadeiro com Deus.²⁵⁹ O recolhimento que brota da oração será apenas um “falso recolhimento do eu exterior para as suas próprias profundezas, recolhimento que aprisiona em vez de libertar e torna impossível qualquer contato com o eu interior do próximo.”²⁶⁰

Entretanto, de acordo com Rupnik, durante muitos séculos o cristianismo foi individualista, e a ascese buscava especialmente o aperfeiçoamento do indivíduo. Mesmo com toda a formação catequética, a grande quantidade de leituras espirituais e teológicas, é presente uma cultura individualista dentro da Igreja.²⁶¹ O individualismo infiltrou-se até mesmo nas reflexões teológicas. Essa perspectiva individualista é

²⁵⁵ GRÜN, 2016, p. 52.

²⁵⁶ MERTON, 2017, p. 60.

²⁵⁷ BUELTA, 2007, p. 34, grifo do autor.

²⁵⁸ MERTON, 2007, p. 34-35.

²⁵⁹ RUBIO, 2019, p. 143.

²⁶⁰ MERTON, 2007, p. 36.

²⁶¹ RUPNIK, 2019, p. 84.

contrária ao Novo Testamento, o qual apresenta o cristão sempre na comunidade eclesial. A vida em comunidade assume papel importante no desenvolvimento do ser humano, pois ela não prejudica, mas, antes, estimula o amadurecimento da identidade pessoal.²⁶²

No individualismo, “a satisfação de si torna-se critério determinante. Em consequência, as outras pessoas só têm valor e contam, enquanto são úteis e capazes de produzir e oferecer algo.”²⁶³ O eu individual não consegue compreender o alcance da relacionalidade, pois entende tudo com a chave de leitura do seu próprio eu.²⁶⁴ De acordo com o Papa Francisco,

o grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado.²⁶⁵

Segundo a tradição cristã, o ser humano é individualidade e comunitariedade, é identidade e solidariedade. E só pode se realizar, ou seja, atingir o fim para o qual foi criado, se não negar nenhuma dessas dimensões. A abertura que a pessoa terá com Deus passa pela capacidade de abertura aos outros. Portanto, uma cultura que favoreça sempre mais o

²⁶² RUBIO, Alfonso G. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e reflexão cristãs**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2001. p. 314.

²⁶³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2019. p. 36; Doc 100,49.

²⁶⁴ RUPNIK, 2019, p. 82.

²⁶⁵ FRANCISCO, 2013, p. 3; EG 2.

individualismo e o cultivo egoísta de si próprio é preocupante e torna-se impedimento para um verdadeiro relacionamento com Deus. E, como resultado desse fechamento em si mesmo, além da impossibilidade da relação autêntica com Deus, podem-se compreender tantas situações de exclusão social, de pobreza extrema e negação da dignidade do outro.²⁶⁶ Isso, pois o pecado faz a humanidade falhar na liberdade. O ser humano que antes, na sua liberdade, respondia ao chamado de Deus à comunhão, já não consegue mais atender a esse convite.²⁶⁷ No individualismo o ser humano torna-se incapaz de “compreender o alcance real da relação, porque lê todas as coisas com a chave de leitura do próprio eu.”²⁶⁸

O ser humano perde a sua originalidade não apenas quando está diluído na multidão, mas também quando se isola da criação, da realidade, da história, para encerrar-se em si mesmo.²⁶⁹ Isso porque “o pecado consiste, de modo particular, em rejeitar a imagem enquanto relação, isto é, situação dialogal, trancando-se sem qualquer saída na própria identidade.”²⁷⁰ Para se afirmar como um ser real, a pessoa acaba se separando das outras pessoas e criando um muro de distinção entre elas.²⁷¹ Vivendo dessa maneira, “sua busca de felicidade se torna uma fuga de Deus e de si mesmo; uma fuga que leva a pessoa cada vez mais para longe da realidade.”²⁷²

Para Thomas Merton, existe um grande perigo para as pessoas que buscam uma vivência espiritual mais profunda, o de confundir a contemplação cristã com essa atitude de individualismo e com a heresia do quietismo, que, segundo o autor,

fecha o homem em si mesmo, em uma solidão completamente egoísta, que exclui tanto os outros homens quanto o próprio Deus. O quietismo, embora guarde uma certa semelhança superficial

²⁶⁶ AMADO, Joel P. Realmente livres? A ambiguidade antropológica dos ambientes urbanos. In: RUBIO, Afonso G. (Org.) **O humano integrado: Abordagens de antropologia teológica**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 23-46. p. cit. 39.

²⁶⁷ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2004, não paginado.

²⁶⁸ RUPNIK, 2019, p. 82.

²⁶⁹ BUELTA, 2007, p. 42.

²⁷⁰ RUPNIK, 2005a, p. 19.

²⁷¹ MERTON, 2017, p. 56.

²⁷² MERTON, 2007, p. 52.

com a contemplação cristã, é, na verdade, sua mais completa contradição.²⁷³

Quando se vive apenas como indivíduo, negando a relação, que é constituinte do ser pessoa, o ser humano se afirma a partir das diferenças existentes com os outros seres humanos. Em vez de encontrar a felicidade ao ajudar os outros, precisa se distanciar e assumir uma posição de destaque, de superioridade em relação ao outro. Para ser feliz, o outro não pode ser feliz também, e assim, ao se colocar acima daqueles que não possuem o que ele tem, o indivíduo acaba se esquecendo daqueles que têm aquilo que ele deseja e não pode alcançar. Quem vive assim dividido vive na morte, e não pode se encontrar, pois já deixou de ser uma realidade, vive em uma ilusão.²⁷⁴ “Quem vive na divisão não é uma pessoa, mas apenas um *indivíduo*,”²⁷⁵ e indivíduo não vive espiritualmente, portanto não está aberto a acolher a vida como uma experiência de fé. Toda tentativa de uma experiência existencial a partir da fé será facilmente subvertida do seu significado relacional para o âmbito individual.²⁷⁶ Ao contrário desse individualismo, na experiência interior o ser humano alcança a compreensão de que “Jesus nunca nos deixará no vazio de uma experiência espiritual que nos encerra em nossa própria complacência.”²⁷⁷

2.3 ENFÂSE NA DIMENSÃO ESPIRITUAL

Quando o ser humano enfatiza apenas a dimensão espiritual, em detrimento das dimensões anímica e corporal, acaba compreendendo o mundo e as relações com um desequilíbrio próprio da falta de tal integração. Neste terceiro ponto serão apresentados três desafios para a vida interior: a falsa religião, a idolatria e o espiritualismo.

2.3.1 Falsa religião

Muitos cristãos encontram nas igrejas apenas um discurso moralizante, entristecido e pesado, que não toca o coração. A religião muitas vezes apenas assume o caráter de repetição de ritos, que não dizem

²⁷³ MERTON, 2007, p. 146.

²⁷⁴ MERTON, 2017, p. 57.

²⁷⁵ MERTON, 2017, p. 56.

²⁷⁶ RUPNIK, 2019, p. 83.

²⁷⁷ BUELTA, 2007, p. 25.

nada ao ser humano de hoje. Essa é uma consequência do fechamento ao Espírito, que renova todas as coisas. Os dogmas, em vez de apresentarem as verdades da fé, servem para excluir aqueles que não se adequam às regras.²⁷⁸ Portanto, “existe uma espécie de fé religiosa *dura* e rígida, que não é realmente viva ou espiritual, mas reside inteiramente no eu exterior e é produto do convencionalismo e do preconceito sistemático.”²⁷⁹ O mundo atual está cheio de uma forma de religião externa, que não toca o interior da pessoa, entretanto, como se sabe desde Agostinho, Deus se encontra do lado de dentro, na interioridade de cada ser humano.²⁸⁰

A fé cristã não pode se reduzir a uma mera convicção ou exposição de verdades de fé, pois não se fundamenta em uma doutrina, mas na pessoa de Jesus Cristo. Ser cristão não é apenas aderir a um sistema de normas morais, mas, antes, por meio do seguimento de Jesus Cristo, participar da vida de Deus.²⁸¹ Conforme o que o Papa emérito Bento XVI afirma na encíclica *Deus Caritas Est*, “no início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim, o rumo decisivo.”²⁸² Do encontro com Cristo nasce a fé, que, mais do que certezas a respeito do mistério de Deus, é aquilo que está implícito nas atitudes de um cristão.²⁸³ É necessário que aqueles que transmitem a fé tomem consciência de que Deus é a profundidade de toda a realidade, e não apenas uma matéria a ser conhecida ou objeto a ser dominado.²⁸⁴

Pois,

quando a religião perde seu fervor e se torna estereotipada, o adorador passa a viver em um nível em que a fé é muito fraca e diluída demais para conduzir a qualquer despertar interior. Em vez de apelar ao eu mais profundo, a religião que assim envelheceu se contenta em animar as emoções

²⁷⁸ BUELTA, 2007, p. 155.

²⁷⁹ MERTON, 2007, p. 79, grifo do autor.

²⁸⁰ HALÍK, Tomás. **Não sem esperança**: o retorno da religião em tempos pós-otimistas. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 135.

²⁸¹ HALÍK, Tomás. **A noite do confessor**: a fé num mundo de incerteza. Petrópolis: Vozes, 2016b. p. 62.

²⁸² BENTO XVI. **Carta encíclica *Deus Caritas Est***. São Paulo: Loyola, 2006. p. 7; DCE 1.

²⁸³ HALÍK, 2016b, p. 92.

²⁸⁴ HALÍK, 2016b, p. 72.

inconscientes do eu exterior. Nesse caso, já não há um verdadeiro despertar interior e a segurança recebida na adoração ritual já não é espiritual, pessoal e livre.²⁸⁵

Para que a Igreja cumpra seu papel e guie as novas gerações ante suas necessidades espirituais, é necessário compreender o cristianismo como um estilo de vida com profunda dimensão espiritual e marcadamente solidário.²⁸⁶

Outra realidade que marca uma religião que não atende ao fim de ligar o ser humano com Deus é a do desejo por poder. O ser humano estimulado pelo pecado tem a necessidade de poder, e a falsa religião para atrair o ser humano se molda a essa busca de poder. Oferece então o poder espiritual e com ele a religião é vista como algo superior às outras realidades, pois tem a figura de um Deus poderoso e burocrata que é o chefe de todas as coisas. Ao se aproximar desse Deus poderoso a pessoa tem garantido o seu sucesso e atendido o seu intento de poder. Ela recebe um tipo de perfeição mágica, que a torna infalível diante dos outros e garante o acesso a um tipo de sala interior, na qual os outros não têm permissão para apontar as suas falhas.²⁸⁷

Ainda pode ser verificado em uma falsificação da religião, tendências como as do gnosticismo e do pelagianismo. No gnosticismo a pessoa fica “fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam,”²⁸⁸ mas não a levam à transcendência. “Assim, talvez sem se aperceber, essa ideologia autoalimenta-se e torna-se ainda mais cega. Por vezes, torna-se particularmente enganadora, quando se disfarça de espiritualidade desencarnada.”²⁸⁹

Enquanto os gnósticos ocupam o lugar do mistério e da graça com o poder atribuído à inteligência, os pelagianos ou semipelagianos atribuem esse poder à vontade humana e ao esforço pessoal.²⁹⁰ Ao assumir a experiência religiosa nessa perspectiva, a pessoa “só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir

²⁸⁵ MERTON, 2007, p. 40-41.

²⁸⁶ HALÍK, 2016b, p. 146.

²⁸⁷ MERTON, 2007, p. 187-188.

²⁸⁸ FRANCISCO, 2013, p. 80; EG 94.

²⁸⁹ FRANCISCO, 2018, p. 25; GEE 40.

²⁹⁰ FRANCISCO, 2018, p. 28; GEE 48.

determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado.”²⁹¹ É justamente a falta do reconhecimento dos limites humanos um grande empecilho para que a graça de Deus atue. Ao não reconhecer as suas limitações, o ser humano não consegue ver os passos reais e possíveis que Deus lhe solicita em cada momento da sua vida.²⁹² Porém é ensino constante da Igreja que a justificação não se realiza pelas obras ou esforços humanos, mas pela graça e pela iniciativa de Deus.²⁹³

2.3.2 Idolatria

Na experiência de uma falsa religião, o ser humano experimenta o fruto do pecado que o leva da contemplação do amor de Deus para a concepção de uma ideia sobre Deus. Ao comparar-se com Deus, o ser humano se julga semelhante a Ele, e essa ação o torna ingrato com seu Criador. Como consequência não consegue mais perceber o amor do Criador para consigo e dessa maneira cria uma falsa imagem de Deus. Esse é o caminho da idolatria, que é justamente colocar no lugar de Deus as falsas imagens que se fazem d’Ele, que são criadas a partir das falsas ideias sobre Ele.²⁹⁴

Na falsa ideia criada sobre Deus “não existe a imagem do Deus bom da Sagrada Escritura que cria para e a partir do amor, mas uma ideia falsa de Deus, esclerosada pela história, a imagem de um Criador que usa de modo arbitrário o seu poder.”²⁹⁵ É portanto difícil para o ser humano, com essa falsa ideia e consequente falsa imagem de Deus, acessar à sua interioridade e lá encontrar-se com seu Criador, consigo mesmo e com toda a criação. O ser humano que passa a contemplar uma falsa imagem de Deus acaba escolhendo um caminho de distanciamento de Deus e consequente auto-afirmação.²⁹⁶

Na perspectiva da idolatria, são colocadas no lugar de Deus não apenas falsas imagens da divindade, mas também coisas, das quais os seres humanos tornam-se escravos. “O ser humano substitui Deus com objetos, pensando que os mesmos poderão comunicar-lhe uma realidade

²⁹¹ FRANCISCO, 2013, p. 80; EG 94.

²⁹² FRANCISCO, 2018, p. 29; GEE 50.

²⁹³ FRANCISCO, 2018, p. 30; GEE 51.

²⁹⁴ TENACE, 2005, p.59.

²⁹⁵ TENACE, 2005, p.128.

²⁹⁶ RUPNIK, 2005a, p. 238.

que é essencialmente divina.”²⁹⁷ Segundo o Papa Francisco, “a adoração do antigo bezerro de ouro (cf. Ex 32, 1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano.”²⁹⁸ O Catecismo da Igreja Católica ensina que a idolatria “continua a ser uma tentação constante para a fé. Ela consiste em divinizar o que não é Deus”²⁹⁹ e “é uma perversão do sentido religioso inato do homem.”³⁰⁰ O idólatra, portanto, é possuído por um desejo que resulta em utilitarismo e egoísmo.³⁰¹

Assim, a criatura, que foi desejada pelo Criador para estarem em relação, fecha-se em si e age como se fosse autossuficiente, colocando-se no lugar do Criador. Porém, Deus

só começará a falar através das nossas vidas com uma condição: *que abandonemos o trono de Deus por nós ocupado, de forma consciente ou inconsciente* – porque está tão distante do lugar que nos foi atribuído, que a voz que se nos dirige, chamando por nós, não o consegue alcançar. Enquanto brincarmos, fingindo ser Deus, ou colocarmos algo no seu lugar, adorando-o como deus, não poderemos encontrar Deus.³⁰²

É justamente a adoração do verdadeiro e único Deus, que é capaz de libertar o ser humano do fechamento em si mesmo, da escravidão do pecado e da idolatria do mundo.³⁰³

2.3.3 Espiritualismo

Outra dificuldade para a vivência interior é o espiritualismo, que surge como uma busca pelo transcendente que nega toda a realidade encarnada. Cresce o número de pessoas no mundo inteiro que buscam em correntes espiritualistas, especialmente orientais, uma fuga do mundo, uma negação dos problemas existentes e uma espécie de paz que nega o

²⁹⁷ RUPNIK, 2005a, p. 229.

²⁹⁸ RUBIO, 2019, p. 55.

²⁹⁹ CATECISMO..., 2000, p. 559; CIC 2113.

³⁰⁰ CATECISMO..., 2000, p. 556; CIC 2114.

³⁰¹ LEPARGNEUR, Hubert. **A secularização**. São Paulo: Duas Cidades, 1971. p. 127.

³⁰² HALÍK, 2016b, p. 106, grifo do autor.

³⁰³ CATECISMO..., 2000, p. 552; CIC 2097.

sofrimento. “Ideias religiosas nativas acomodam-se *naturalmente* junto ao misticismo oriental e ao paganismo da deusa antiga. Nenhum credo canaliza a crença, somente *guias do espírito* que orientam para direções inofensivas de segurança.”³⁰⁴ Em uma pseudo-contemplação, dentro de uma corrente de espiritualismo “surtem oportunidades de racionalização fatalmente convenientes para alguém que esteja simplesmente fugindo da realidade exterior para dentro de si mesmo.”³⁰⁵

Muitos praticantes dessas espiritualidades orientais acabam por equipará-las a algum esporte que exige dedicação e treino, a cursos psicoterápicos e mesmo ao autoconhecimento pessoal. Portanto, algo que exige uma mudança de estilo de vida, que pode contribuir para uma maior qualidade de vida, porém que apenas enfatiza o bem estar individual. Essas espiritualidades orientais, antes de serem oferecidas no Ocidente, sofrem um processo de castração moral. Dessa maneira encontram sempre mais seguidores devido ao fato de se eximirem do comprometimento moral e social.³⁰⁶

Muitas pessoas procuram na experiência religiosa um tipo de terapia, algo que as liberte das inúmeras preocupações existentes. Na busca de respostas imediatas e que as eximam de responsabilidade, muitas pessoas procuram experiências ligadas a gurus e que possuam elementos religiosos de diversas culturas. Essas pessoas buscam um encontro com Deus sem comprometimento com alguma instituição ou com as pessoas e a realidade que as cercam. Negam ainda importantes elementos de discernimento, que confirmam a autenticidade de uma verdadeira experiência com Deus.³⁰⁷ Uma maneira para perceber que uma espiritualidade não condiz com o cristianismo é quando essa “significa uma franca rejeição do fardo de nossos tempos, uma fuga para a irrealidade e para a ilusão espiritual, que nos leva a não compartilhar das misérias dos outros homens.”³⁰⁸ “Algo *espiritual* que oferece caminhos despidos de qualquer responsabilidade moral não pode ser fonte da esperança, é antes uma esperança falsa, uma ilusão, um entorpecente.”³⁰⁹

Na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium o Papa Francisco afirma que:

³⁰⁴ LYON, David. **Pós modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 95

³⁰⁵ MERTON, 2007, p. 160.

³⁰⁶ HALÍK, 2018, p. 33-34.

³⁰⁷ BUELTA, 2007, p. 154.

³⁰⁸ MERTON, 2007, p. 175.

³⁰⁹ HALÍK, 2018, p. 34, grifo do autor.

o regresso ao sagrado e a busca espiritual, que hoje caracterizam a nossa época, são fenômenos ambíguos. Mais do que o ateísmo, o desafio que hoje se nos apresenta é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro. Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo que os chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus.³¹⁰

De acordo com Merton, “um ascetismo estulto e maniqueu pode dar ao indivíduo uma atitude patológica em relação à realidade. [...] há grande perigo de ele se tornar um pseudomístico que foge para dentro de suas próprias trevas interiores”³¹¹ Dessa forma, a paz que o ser humano moderno busca alcançar por meio das mais variadas técnicas e espiritualidades não o leva a uma transcendência verdadeira, mas o deixa cada vez mais inserido em sua própria imanência.³¹²

2.4 ENFÂSE NA DIMENSÃO CORPORAL

Outros desafios para a vida interior surgem quando a pessoa enfatiza especialmente a sua dimensão corpórea, negligenciando as suas dimensões espiritual e anímica. Nesse contexto, o ser humano compreende o mundo e as relações com um desequilíbrio próprio da falta de tal integração. Neste quarto ponto serão apresentados três destes desafios: o secularismo, a diluição nas massas e o consumismo.

2.4.1 Secularismo

O processo de secularização não deve ser visto unilateralmente, como algo negativo para a religião, pois comporta aspectos que são considerados positivos. No processo histórico, elementos da cultura, como economia, política, filosofia e literatura, deixaram de ser totalmente dependentes da religião. Tal processo desencadeou uma libertação dos

³¹⁰ FRANCISCO, 2013, p. 76; EG 89.

³¹¹ MERTON, 2007, p. 161.

³¹² HALÍK, 2018, p. 34.

mitos, das magias, das assombrações, das alienações ligadas ao sagrado, que os fiéis viviam, além de libertá-los do poder abusivo que algumas autoridades espirituais exerciam.”³¹³ Embora considerando o aspecto positivo que pode resultar de tal processo de secularização, aqui será enfatizado o aspecto negativo, o secularismo, que se traduz em uma atitude pragmática ou dogmática de pensar que a humanidade pode se realizar sem a ação e presença de Deus.

O processo de secularização resulta em uma sociedade submersa no secularismo, que é justamente um sistema que não considera mais a influência da religião e de Deus na vida humana. “O mundo secular pretende construir-se sem Deus.”³¹⁴ Merton, ao considerar que a raiz do secularismo é a privação de Deus, afirma:

Na sociedade secular, o próprio homem é alienado; é mais uma *coisa* que uma pessoa, porque está submetido ao governo do que lhe é inferior e exterior. Está sujeito às suas sempre crescentes necessidades, sua inquietude, insatisfação, ansiedade e seus temores, mas, acima de tudo, à culpa que o reprova por ser infiel à verdade que leva dentro de si. Para escapar a essa culpa, ele então mergulha ainda mais fundo na falsidade.³¹⁵

O ser humano que vive imerso no secularismo tem uma atitude essencialmente ativa, não sendo capaz de uma vida contemplativa. Dessa maneira, ao ter uma visão puramente secular, o ser humano acaba por odiar-se interiormente, ainda que transmita outra mensagem. Isso, pois não tolera estar consigo mesmo, e dentro de si encontrar um espaço de transcendência.³¹⁶ “O homem, entrando na sociedade secular, revisa a concepção das suas relações com a sociedade, com os outros homens, com a natureza, consigo mesmo, e, portanto, e inevitavelmente, com o próprio Deus.”³¹⁷ Ao negar Deus, a humanidade assume o mundo de maneira inteiramente material, e dessa maneira o utiliza erroneamente contra a ordem de Deus.³¹⁸ O secularismo ainda produz um ser humano

³¹³ LEPARGNEUR, 1971, p. 8.

³¹⁴ LEPARGNEUR, 1971, p. 25.

³¹⁵ MERTON, 2007, p. 74.

³¹⁶ MERTON, 2007, p. 77.

³¹⁷ LEPARGNEUR, 1971, p. 20.

³¹⁸ LEPARGNEUR, 1971, p. 111.

grosseiro que desrespeita a realidade ao tentar encaixá-la ao seu próprio modo egoísta de ser e de pensar.³¹⁹

2.4.2 Diluição nas massas

Nos dias atuais, a maior tentação para o ser humano não é a solidão física, mas a imersão na massa de outras pessoas. O maior perigo para a humanidade não é a fuga para as montanhas e os desertos, mas a fuga para um grande mar de irresponsabilidade que é a multidão. A solidão mais perigosa é aquela vivida pelo ser humano perdido na multidão, que não se percebe só, porém já não está em verdadeira relação com as outras pessoas. Inserido nas massas, a pessoa não sente mais a responsabilidade pela sua própria história.³²⁰

A sociedade contemporânea vive um processo de massificação, o que pode ser percebido nas transformações culturais e inclusive nas religiões. Juntamente com uma pluralidade de religiões, surge então uma massificação no interior das religiões, que agora também se apresentam como um espetáculo a ser consumido. Nesse contexto surge a parte religiosa do homem-massa de Ortega Y Gasset. Uma pessoa que não busca o aperfeiçoamento individual, que não mergulha no caminho interior e apenas se satisfaz com a novidade que lhe é apresentada, sem reflexão e crítica. Verifica-se que nem todas as formas de religião se importam com o crescimento pessoal e com a vida interior de cada fiel,³²¹ mas, antes, preocupam-se em reunir multidões.

Destaca-se então como desafio a grande tentação do ser humano moderno da imersão na massa das outras pessoas. Essa imersão surge, também, como uma forma de solidão na qual a pessoa não considera os seus riscos e, ao mesmo tempo, não assimila a responsabilidade para com o seu próximo. Entretanto não está livre das ansiedades e preocupações existentes nas sociedades das massas. A ligação é apenas exterior, pois o fato de estar em meio a outros não garante a vivência em comunhão. Cada indivíduo se torna insensível e assim não se importa, nem ouve ou pensa, mas apenas é empurrado pela multidão. Viver em meio a outros sem nada compartilhar, além de ruídos e distração geral, é a pior forma de

³¹⁹ MERTON, 2007, p. 79.

³²⁰ MERTON, 2017, p. 61-62.

³²¹ CARVALHO, José Jorge de. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, Maria C. L. (Org.). **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 149.

isolamento, pois separa a pessoa da realidade de maneira quase imperceptível, divide-a e a separa dos outros e de seu verdadeiro eu.³²² Em um mundo massificado, a pessoa encontra-se sozinha, pois os interesses individuais são privilegiados e a dimensão comunitária da existência é fragilizada.³²³

Viver em meio a outros, nada compartilhando com eles, a não ser o ruído comum e a distração geral, isola o homem da pior maneira, separa-o dos outros homens e do seu verdadeiro eu. Nesse caso, o pecado não é a convicção de não ser como os outros, mas a crença de que basta ser como eles em qualquer outro pecado.³²⁴

Um ser humano que viva apenas ou na maior parte do tempo conduzido pelo eu exterior, e disperso na multidão, não é capaz de assumir o verdadeiro protagonismo da sua vida e nem de alcançar o fim de sua existência.

2.4.3 Consumismo

Muitas são as chamadas estratégias de marketing que servem para criar novas necessidades na vida das pessoas. Tais estratégias visam a incutir na mente humana uma necessidade por determinado produto ou serviço, e, se não falharem, criarão novos consumidores. Isso porque o ciclo de produção e consumo não pode parar. Nesse ciclo que não tolera interrupções “as mercadorias *têm necessidade* de ser consumidas e, se a necessidade não for espontânea, se não se sentir necessidade dessas mercadorias, acontecerá que essa necessidade será produzida.”³²⁵ Muitas pessoas são tão influenciadas por esses mecanismos “que acabam por ser arrastadas pelo turbilhão das compras e gastos supérfluos.”³²⁶ Quando se dão conta, já não conseguem mais se libertar do prazer de comprar, do prazer de satisfazer necessidades fabricadas por grandes empresas, que apenas visam ao lucro.

³²² MERTON, 2017, p. 60-63.

³²³ FRANCISCO, 2020, p. 16; FT 12.

³²⁴ MERTON, 2017, p. 63.

³²⁵ GALIMBERTI, Umberto. **Os vícios capitais e os novos vícios**. São Paulo: Paulus, 2004. p. 72, grifo do autor.

³²⁶ FRANCISCO, 2015. p. 121; LS 203.

A humanidade está dominada por uma economia de mercado, que penetra todos os espaços da Terra e que configura em grande medida a cultura atual. As grandes corporações investem muito dinheiro em publicidade para superar suas concorrentes, e essa publicidade ocupa grande espaço na paisagem que as pessoas contemplam diariamente. Uma contemplação que traz para dentro de cada pessoa as lógicas vorazes do mercado. Para que o mercado cresça é necessário criar não apenas consumidores, mas, consumidores viciados. Verdadeiros viciados em seus produtos, espetáculos e serviços, e admiradores dos ídolos que constantemente são criados. Esses ídolos fabricados pelo mercado são colocados em todos os espaços, para que constantemente sejam lembrados e tornem-se o modelo de vida feliz a ser atingida.³²⁷

Dentro dessa dinâmica da cultura de consumo não são consumidos apenas produtos ou serviços, mas a própria pessoa humana torna-se objeto de consumo, o corpo humano é visto como fonte de lucro. Cria-se cada vez mais a necessidade de satisfação sexual.

O *eros* degradado a puro *sexo* torna-se mercadoria, torna-se simplesmente uma *coisa* que se pode comprar e vender; antes, o próprio homem torna-se mercadoria. Na realidade, para o homem, isso não constitui propriamente uma grande afirmação de seu corpo. Pelo contrário, agora considera o corpo e a sexualidade como a parte meramente material de si mesmo para usar e explorar com proveito. Uma parte, aliás, que não vê como um âmbito de sua liberdade, mas antes como algo que, a seu modo, procura tornar simultaneamente agradável e inócuo. Na verdade, encontramos-nos diante de uma degradação do corpo humano que deixa de estar integrado no conjunto da liberdade de nossa existência, deixa de ser expressão viva da totalidade de nosso ser, acabando como que relegado ao campo puramente biológico. A aparente exaltação do corpo pode bem depressa converter-se em ódio à corporeidade.³²⁸

Inserida na cultura do consumismo, a pessoa tem a sensação de poder acolher as inúmeras possibilidades de mundo, de identidade e de

³²⁷ BUELTA, 2007, p. 49.

³²⁸ BENTO XVI, 2006, p. 12; DCE 5.

escolhas que são oferecidas. Não é capaz de perceber a privação de escolha que tal cultura do consumo, de forma sutil, impõe na sociedade.³²⁹ Os ídolos que são criados encarnam um estilo de vida ao qual todas as pessoas são convidadas a aderir, não apenas superficialmente, mas a partir de dentro. Esse convite, que é acolhido por meio de uma contemplação diária de toda a publicidade criada para formar novos consumidores, estabelece comportamentos viciantes nas pessoas.³³⁰ O que é oferecido a esses novos consumidores não são apenas bens artísticos e de consumo, mas inclusive bens intelectuais e religiosos.³³¹

Não se trata simplesmente de consumir produtos, mas sim de assumir diante da vida posturas existenciais de competência, hedonismo, desencanto, fuga... Têm tanto êxito que, às vezes, se tem a impressão de que certos tipos de comportamentos religiosos são uma tradução mimética do estilo de vida que estes ídolos promovem. Constrói-se uma bolha de espiritualidade isolada da realidade dura para pacificar-se, como se constrói um hotel paradisíaco e exclusivo para que descanse e se delicie a elite do mundo. Também existem espiritualidades *cinco estrelas*.³³²

Outros traços da sociedade de consumo vigente são a inconsistência das coisas e a dissolução da duração temporal. A inconsistência das coisas é fomentada pelo ciclo de produção-consumo que faz com que os produtos sejam projetados para tornarem-se rapidamente inutilizáveis e trocados por outros. Já a dissolução da duração do tempo desestrutura nos consumidores a dimensão de tempo, que antes era feita de passado, presente e futuro, agora reduzindo-se a um presente sem ligação com o passado e o futuro. Inserida numa sociedade em que os objetos duráveis são substituídos por produtos destinados a se tornarem rapidamente obsoletos, a humanidade não encontra pontos de referência para fundar a sua identidade.³³³ A cultura do consumismo passa

³²⁹ GALIMBERTI, 2004, p. 76.

³³⁰ BUELTA, 2007, p. 50.

³³¹ LYON, 1998, p. 88.

³³² BUELTA, 2007, p. 50, grifo do autor.

³³³ GALIMBERTI, 2004, p. 76.

a imagem de um mundo fugaz, no qual floresce uma crise de identidade. Tudo torna-se passageiro e descartável.

Quando o mundo que está fundamentado em objetos e sentimentos duráveis perde seu lugar para um mundo habitado por imagens evanescentes, que se diluem e dissolvem com a mesma rapidez com que apareceram, torna-se sempre mais difícil distinguir o que é sonho e o que é a realidade. O indivíduo que não se manifesta a partir de si mesmo aprende a se ver a partir do olhar dos outros. Valoriza mais a imagem de si mesmo que as suas próprias capacidades. Inserido nessa circunstância, a pessoa não é julgada por seu caráter, mas a partir do que possui e da imagem que representa. Nesse contexto consumista, a pessoa tenderá a fazer da sua própria vida uma representação, olhar-se-á com os olhos dos outros. Fará de si mesmo um dos tantos produtos de consumo no mercado.³³⁴

É tão grande a energia empregada para se adequar ao ritmo que a cultura do consumo dita que a pessoa não tem mais força para uma viagem interior, para um encontro com seu verdadeiro eu. Todas as necessidades superficiais que são criadas subtraem o tempo e o espaço que a criatura deve ter com seu Criador. Todo esse mecanismo que leva sempre mais a uma busca de satisfações egoístas faz com que a pessoa torne-se autorreferencial, e, assim, se isole sempre mais em sua própria consciência. Quanto mais desejos, maior será a sua voracidade e necessidade de satisfação. E quanto menos a pessoa estiver em relação com as outras pessoas e as reais necessidades da vida, mais vazia de sentido estará. Quanto mais vazio estiver o seu coração, mais necessitará de objetos para preencher o vazio de uma vida sem sentido existencial.³³⁵

O ser humano consumista pode “tornar-se sempre mais insensível àquilo que está à sua volta, seja a pobreza que padecem tantos, seja a negligência em relação ao cosmos e à terra, pondo em risco a vida e o futuro do planeta onde todos vivem.”³³⁶ Essa insensibilidade é vista na relação que a humanidade estabelece com a natureza.

³³⁴ GALIMBERTI, 2004, p. 76.

³³⁵ FRANCISCO, 2015, p. 122; LS 204.

³³⁶ BINGEMER, Maria C. L. **Teilhard de Chardin: Um místico em comunhão com o universo.** Disponível em: <<https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/299>>. Acesso em: 29 abr 2021.

2.4.3.1 Degradação da natureza

Em um mundo em que os objetos não são mais criados para durarem, e sim para rapidamente serem trocados por outros novos e melhores, alimentando a cadeia de produção-consumo, a natureza sofre gravemente as consequências. “A falta de preocupação por medir os danos à natureza e o impacto ambiental das decisões é apenas o reflexo evidente do desinteresse em reconhecer a mensagem que a natureza traz.” Já os antigos padres, como Orígenes e São Basílio, ensinavam que é pela reação à beleza presente na criação que a criatura é atraída para a beleza invisível e incompreensível de Deus.³³⁷

Quando nos relacionamos com as árvores, os rios, as montanhas, os campos e os oceanos considerando-os objetos que podemos usar de acordo com as nossas pretensas ou reais necessidades, a natureza permanece opaca e não nos revela a sua verdadeira essência. Quando uma árvore não é mais do que uma potencial cadeia, deixa de nos revelar tudo o que pode sobre crescimento; quando um rio é apenas um depósito para os desperdícios industriais, não pode mais falar-nos acerca de movimento; e quando uma flor não é mais do que o modelo para um ornamento de plástico, tem muito pouco a dizer sobre a beleza da vida. Os nossos rios sujos, os céus poluídos, os montes arrasados pela exploração mineira e as florestas devastadas são sinais opacos na nossa sociedade que se manifestam como poluição e desastres ecológicos, revelando a nossa relação falsa com a natureza.³³⁸

Sendo que “o pecado é também a negação da criação,”³³⁹ “fica igualmente perturbada a relação entre o homem e o mundo criado. Este não é visto como dom que solicita a responsabilidade do homem, mas como o seu domínio absoluto e arbitrário.”³⁴⁰ Dessa atitude de degradação da natureza resulta uma insensibilidade não apenas diante da criação, que

³³⁷ A NUVEM DO NÃO SABER. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1987. p. 12.

³³⁸ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 39.

³³⁹ RUBIO, 2001, p. 193.

³⁴⁰ RUBIO, 2001, p. 185.

não é mais acolhida como um meio para chegar ao Criador, mas um desprezo pelo próprio Criador de tal natureza. Quando o próprio criador é desprezado, muito mais o são as suas criaturas. “A humanidade que trata o mundo como um mundo a ser jogado fora trata também a si mesma como uma humanidade a ser jogada fora.”³⁴¹ Ao aderir a esse estilo de vida consumista, que degrada criação, criatura e Criador, principalmente em meio às tantas desigualdades, a humanidade só aumentará a violência e a destruição recíproca.³⁴² É necessário acolher com atenção a advertência do Papa Francisco que afirma que “cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta significa cuidar de nós mesmos.”³⁴³

Diante dos desafios aqui apresentados e de todos os existentes para o despertar da vida interior, é necessário permanecer disponível para o encontro com Deus e confiar em sua ação, assim como exortava São Paulo: “[...] por isso não nos deixamos abater. Pelo contrário, embora em nós o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia a dia.”³⁴⁴ A superação da fragmentação que o ser humano vive, embora não seja possível de maneira completa, mais que uma obra alcançada por suas próprias forças, é resultado da graça de Deus. Nessa perspectiva Anselm Grün reflete que:

Só quando eu me apresentei a Deus, com toda a minha impotência de superar a cisão com minhas próprias forças, senti de repente uma enorme e profunda paz interior. Posso apresentar-me a Cristo como sou, verdadeiramente. Sou totalmente amado por ele, totalmente aceito. Isso me liberta da fragmentação interna. De repente sinto uma grande clareza interna e uma forte harmonia comigo mesmo. Posso me deixar cair nos braços benevolentes de Deus, e sinto nisso toda a minha totalidade, minha cura, o fim da fragmentação.³⁴⁵

Embora a situação de pecado interfira na relação da criatura com o Criador, Deus continua a buscar a humanidade ferida e, de diferentes maneiras, possibilita o acesso e o cultivo a uma interioridade em que o ser

³⁴¹ ANDERS, G. 1980, apud GALIMBERTI, 2004, p. 73.

³⁴² FRANCISCO, 2015, p. 122; LS 204.

³⁴³ FRANCISCO, 2020, p. 18; FT 17.

³⁴⁴ 2Cr 4,16.

³⁴⁵ GRÜN, 2020, p. 43.

humano se torna verdadeiramente livre para amar e ser amado. “Aquele que se tornou uno consigo mesmo, que participa da unidade de Deus, torna-se simples, singelo, e ilumina este mundo com uma luz muito límpida.”³⁴⁶ E essa unidade é possível a todo aquele que descobriu o coração como centro unitivo. O coração “impede o desenvolvimento unilateral de qualquer dimensão do ser humano. É o órgão que se faz ouvir todas as vezes que exageramos numa dimensão isolada, qualquer que seja ela, inclusive quando é espiritual.”³⁴⁷

³⁴⁶ GRÜN, 2020, p. 15.

³⁴⁷ RUPNIK, 2004, p. 48.

3 CAMINHOS PARA O CULTIVO DA VIDA INTERIOR

A vida cristã é o caminho de um discípulo, uma contínua vivência de relação com Jesus Cristo. Tal caminho, para que seja fecundo e íntimo, levando o cristão à adesão da vida nova em Cristo, deve ser vivido a partir do mais profundo do ser humano, da sua vida interior. A tradição espiritual cristã, ao longo de mais de dois mil anos, encontrou alguns caminhos para o cultivo e a vivência interior. Alguns deles são frutos da experiência direta dos primeiros apóstolos com Jesus Cristo. Outros caminhos derivam da experiência de fé dos pais e mães da Igreja dos primeiros séculos. Outros, ainda, foram surgindo ao passar dos séculos, por meio da experiência pessoal que muitos santos e santas fizeram de Deus, dentro do contexto em que estavam inseridos, e posteriormente serviram de inspiração para outras pessoas. Dando vida às conhecidas escolas de espiritualidade, como a carmelita, a inaciana, a beneditina, a franciscana, etc. Todos esses caminhos reconhecidos e sugeridos pela Igreja são um grande auxílio para a vida espiritual de todo cristão.

Sendo o ser humano único e irrepetível, a forma de relacionar-se com Deus, consigo mesmo, com os outros e toda a criação também será. Portanto, embora existam caminhos já trilhados, cada pessoa em particular descobre dentro desses caminhos conhecidos ou novos, quais são os passos que ela é chamada a dar. Deus se manifesta na estrutura antropológica de cada ser humano. Jamais violenta essa estrutura. Para cada ser humano existe um caminho único.

Deus não quer que sejamos meros executores de um programa de vida que ele fixou com antecedência e sem a nossa participação. A vontade de Deus não é um projeto existente fora de nós, ou à margem de nossa vida. A vontade do Senhor sobre mim não a encontro fora de mim, mas em mim, no meu eu mais profundo. Neste sentido, *fazer a vontade de Deus* não consiste em seguir um caminho já traçado diante de mim e que me foi imposto coercitivamente. Deus quer que eu encontre o meu próprio caminho, ao caminhar livremente sob o seu olhar.³⁴⁸

³⁴⁸ QUEVEDO, Luiz G. Saber escutar, para saber escolher: oração e discernimento. **Itaici**: revista de espiritualidade inaciana, ano 21, n. 100. p. 5-16, 2015. p. 13.

A partir dessa compreensão, é necessário afirmar que entre os caminhos de cultivo para a vida espiritual, existem aqueles que são propostos para todo cristão: A participação nos sacramentos, de maneira especial na Santíssima Eucaristia e na reconciliação; a oração pessoal e comunitária; a *lectio divina*; o jejum; os exercícios de piedade; como a oração do santo rosário; a prática das obras de misericórdia espirituais e corporais. A Igreja ensina que todos esses caminhos devem ser vividos no âmbito da liturgia, que é a fonte de toda espiritualidade cristã. “Desde sua origem, a Igreja acredita que a liturgia seja sua ação mais eficaz, porque nela Deus, por ação de seu Espírito, age de modo infinitamente mais eficiente e potente do que em qualquer outra atividade.”³⁴⁹

Neste último capítulo, levando em consideração os caminhos consagrados e propostos pela Igreja como meios ordinários para o cultivo da vida espiritual serão apresentados alguns outros caminhos. Os caminhos apresentados não são novos, porém a proposta é lançar um novo olhar sobre eles a partir da teologia e mística contemporânea. Isso, pois, “é preciso propor autênticos caminhos espirituais, para evitar novas formas de eticismo e moralismo,”³⁵⁰ já existentes em alguns caminhos da vida interior.

Um primeiro e decisivo passo, depois da tomada de consciência de que é Deus que escolhe despertar o ser humano para a vida interior, é o da formação espiritual. A sociedade atual supervaloriza o progresso, o sucesso e o carreirismo. Quanto mais uma pessoa é capaz de superar níveis, mais bem vista e sucedida ela se torna. Nesse contexto, a vida espiritual tende também a ser orientada para o desempenho. É fundamental abandonar essa visão de medidas e de desenvolvimento quando se fala da vida no Espírito. A formação espiritual, antes de ser apenas níveis ou etapas em um caminho de perfeição, está ligada com os movimentos que acontecem da mente ao coração. Para a formação espiritual é necessária uma viagem interior até o coração.³⁵¹

A vida interior, em última análise, só pode ser despertada por ação de Deus, e tudo o mais que o ser humano faça para cultivá-la só fará sentido se for movido pela ação do Espírito Santo. É Deus quem desperta, conduz, leva ao termo. O papel da criatura é o mais simples e difícil ao mesmo tempo, é o papel da rendição. Da entrega total ao Criador, do

³⁴⁹ BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: CNBB, 2014. p. 205.

³⁵⁰ RUPNIK, 2004, p. 12.

³⁵¹ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 15-19.

barro de que se é constituído, para que por Ele seja moldado, modelado, remodelado. É necessário retomar as palavras que Deus dirige ao seu povo, por meio de Jeremias: “Eis que, como a argila na mão do oleiro, assim sereis vós na minha mão, ó casa de Israel!”³⁵²

Portanto, os caminhos aqui propostos só serão fecundos, se trilhados com a única motivação de encontrar-se com seu verdadeiro eu e nele com Deus, ao mesmo tempo, de encontrar Deus e nele a si próprio. São caminhos que conduzem ao cultivo da vida interior, mas devem ser trilhados com o auxílio daquele que é o único Caminho, a Verdade e a Vida.³⁵³

Por primeiro e como principal proposta será apresentada a orientação espiritual, que será mais fecunda se for vivida juntamente com as propostas seguintes. Da mesma forma, as demais propostas farão mais sentido se vividas com o auxílio da relação estabelecida na orientação espiritual.

3.1 ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL³⁵⁴

Um passo importante para a vivência interior é o da orientação espiritual. “[...] a grande queixa dos místicos, como Teresa de Ávila e João da Cruz, era a falta de guias espirituais para os conduzirem pelos bons caminhos, permitindo-lhes distinguir entre espíritos criativos e destrutivos.”³⁵⁵ O Acompanhamento, ou orientação espiritual cristã, é um carisma, um ministério, que está a serviço do crescimento na fé dos seguidores de Cristo. É a ajuda que um cristão solicita a outro, estabelecendo entre eles uma relação e “é no interior dessa relação que

³⁵² Jr 18,6b.

³⁵³ Jo 14,6.

³⁵⁴ Para falar dessa prática presente desde os primórdios da Igreja, embora o termo mais difundido dentro da espiritualidade cristã seja o de direção espiritual, serão utilizados os termos orientação e acompanhamento espiritual. Orientação vem de Oriente – onde nasce o sol. O oriente do cristão, o sol nascente, é o próprio Cristo. Acompanhamento remete ao papel que um cristão desempenha na caminhada de outra pessoa, como um companheiro de viagem. E Espiritual, pois o foco está na vida interior, no coração, no centro de onde brotam todo bem e mal que as pessoas pensam e fazem. Faz-se essa opção para evitar qualquer conotação equivocada a respeito dessa prática. Uma vez que o termo direção espiritual possa reforçar a compreensão de alguém que busque um diretor para dirigir a sua vida, delegando a ele a responsabilidade por suas escolhas, acertos e frustrações.

³⁵⁵ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 20.

está para ser percorrido um caminho.”³⁵⁶ Essa ajuda visa a contribuir para uma escuta mais atenta da comunicação pessoal de Deus, para uma melhor resposta ao seu chamado e para uma relação mais íntima. A meta da orientação espiritual é a intensificação da relação da criatura com o Criador³⁵⁷ por meio de uma formação espiritual, que de maneira consciente e profunda, leve a pessoa a viver uma vida espiritual a partir do coração.³⁵⁸

A prática da orientação espiritual ganhou um caráter mais formal no momento em que os primeiros cristãos resolveram retirar-se no deserto. No deserto vive-se a experiência das grandes tentações do inimigo. Fazendo-se necessário o auxílio de alguém que possa ajudar a superar as tentações e a ouvir a voz de Deus. Nesse contexto, a “*direção* era, pois, a resposta de Deus a uma necessidade criada na alma pela provação e pela compunção, e comunicada por um representante carismático do Corpo Místico, o *Abbas*, ou Pai espiritual.”³⁵⁹ Posteriormente, “no âmbito monástico vai se dar a invenção de um novo tipo de direção espiritual, destinado a influenciar profundamente a tradição cristã sucessiva, seja no Oriente, seja no Ocidente.”³⁶⁰ Nesse contexto os monges assumiram o papel da orientação espiritual. Com o passar dos séculos, esse papel passou a ser uma atribuição em grande parte dos ministros ordenados. Hoje cresce o número de cristãos leigos e leigas que percebem esse chamado e preparam-se para desempenhar tal ministério no seio da Igreja.

A orientação espiritual é uma dinâmica relacional, que implica uma capacidade de estabelecer relações profundas. Nela são estabelecidos três níveis de relação. A principal é entre a pessoa orante e Deus, posteriormente, entre o orientador e Deus, e entre o orientador e a pessoa orante. As três relações são fundamentais para garantir a fecundidade do processo de acompanhamento espiritual, que consiste em ajudar a pessoa orante a crescer na relação com Deus e a discernir a sua vontade.

³⁵⁶ LOUF, 2020. p. 4. Apostila.

³⁵⁷ BARRY, William A.; CONNOLLY, William J. **A prática da direção espiritual**. São Paulo: Loyola, 1985. p. 22.

³⁵⁸ NOUWEN, Henri J. M.; CHRISTENSEN, Michael J.; LAIRD, Rebecca J. **Acompanhamento Espiritual**: sabedoria para percorrer o longo caminho da fé. 2. ed. Braga: Editorial A. O., 2017b. p. 13.

³⁵⁹ MERTON, Thomas. **Direção espiritual e meditação**. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 17, grifo do autor.

³⁶⁰ COSTA, Alfredo S. **História e fundamentos da espiritualidade cristã**. Belo Horizonte: [s.n.], 2020. p. 25. Apostila.

Existem vários tipos de relações humanas. É lícito pensar que a relação de acompanhamento constitua não somente um caso particularíssimo entre as relações humanas, mas também um caso privilegiado. Eis dois seres que estão presentes um ao outro, chamados a percorrer um trecho do caminho juntos! Entre eles algo deve acontecer, está para ter lugar um evento. Um evento no sentido forte do termo. Será muito mais do que uma troca de um saber ou a concessão de um conselho. [...] Aquele que busca um acompanhador solicita mais que um saber, é mais do que sabedoria. É uma vida em profundidade que ele aspira. Uma vida que não é aquela daquele a quem ele se dirige, mas sim a sua mesma vida, aquela que no momento presente ainda repousa no mais profundo do seu coração. Em outras palavras: ele busca nascer, ou renascer, a um nível mais íntimo do próprio ser, e vagamente pressentiu que o acompanhador a quem ele se dirigiu pode ajudá-lo a parir esta vida nele.³⁶¹

A relação que se origina no acompanhamento espiritual entre orientador e orientando não é a de um mestre sábio que oferece conselhos para um iniciante na caminhada. “É, antes, uma relação de amizade entre um amigo e um conselheiro. Daí a virtude que se requer na direção espiritual ser mais a *docilidade* do que a obediência, e a docilidade é uma questão de prudência.”³⁶² Essa relação de amizade, porém, não é a mesma que existe entre dois amigos. No caso da direção espiritual, existe um ministério a ser desempenhado. É uma relação profética entre duas pessoas que buscam perceber a presença de Deus na vida da pessoa orante. A orientação espiritual “pode ser considerada como a forma central da qual todas as outras formas de assistência pastoral se irradiam.”³⁶³ Segundo Rupnik, o colóquio espiritual que a pessoa orante tem com o seu orientador,

não significa abertura a um amigo qualquer, mas a uma pessoa que entende de vida espiritual, que tem experiência nela e, por isso, é capaz de olhar-nos

³⁶¹ LOUF, 2020, p. 4. Apostila.

³⁶² MERTON, 1965, p. 54.

³⁶³ BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 25.

com o olho espiritual, vendo como a salvação age em nós, como a nossa vida pode se abrir a ela e, por sua vez, transmitir a salvação aos outros, realizando-se assim no amor.³⁶⁴

O que sustenta a orientação espiritual é que o Espírito fala com o ser humano, se comunica. É a autocomunicação de Deus que torna possível a orientação espiritual. A escuta que acontece na orientação espiritual acontece por meio do Espírito Santo. A orientação é possível, pois Deus dotou o ser humano de um dinamismo, um movimento interno, uma contínua ação do Espírito que o leva para fora de si, na direção daquele que o criou.

O pressuposto fundamental da orientação espiritual é a certeza de que Deus deseja e quer se comunicar diretamente com a sua criatura.³⁶⁵ O processo de orientação espiritual só inicia quando o diálogo entre a pessoa que procura orientação e quem orienta é a experiência da relação com o Senhor. Muitas pessoas não conseguem relacionar-se sadiamente com Deus, devido às falsas imagens que d'Ele criaram ao longo da sua vida. É fundamental o papel do orientador para ajudar a quebrar tais imagens, e favorecer a acolhida de uma nova imagem, autêntica, que conduza a uma relação mais benigna com Deus.³⁶⁶

O verdadeiro e único orientador é o Espírito Santo, é ele quem deve conduzir todo o processo. Aquele que acolhe o carisma da orientação espiritual é apenas um diácono do Espírito, presta-lhe um serviço, exerce uma *diakonia*. A primazia na orientação espiritual é do Espírito Santo. Sendo uma *diakonia* do Espírito, o objetivo fundamental é ajudar a descobrir o desejo, o sonho de Deus no coração da pessoa, aquilo que a faz se realizar no plano de Deus, na liberdade. É uma ajuda para a plenificação da liberdade, para que a pessoa assuma a sua vocação e missão específicas no mundo.

A orientação espiritual ajuda a descobrir qual o caminho que o Espírito está fazendo na vida do orientando. Busca descobrir as marcas de Deus escritas na vida da pessoa, que conforme São Paulo é uma carta de Cristo. “Sois uma carta de Cristo, entregue ao nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações.”³⁶⁷ É o próprio Espírito que ajuda

³⁶⁴ RUPNIK, Marko I. **O discernimento**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 35.

³⁶⁵ LOYOLA, 2012, p. 20.

³⁶⁶ BARRY, 2005, p. 81.

³⁶⁷ 2Cor 3,3.

a reconhecer as marcas de Deus e tudo aquilo que colabora ou não com o seu Reino na vida do orientando.

Para Nouwen, o acompanhamento espiritual oferece as condições para criar um espaço sagrado, no qual Deus pode agir. Nesse espaço sagrado, a pessoa reserva um tempo e uma parte de si, impedindo que toda a sua vida seja preenchida por outras ocupações. Cria-se como que um *lugar* em que Deus se manifesta através da oração e partilha. Nesse processo, Deus age de maneiras novas e surpreendentes.³⁶⁸

Aproveitaremos melhor da direção espiritual se formos encorajados a desenvolver nossa simplicidade natural, nossa sinceridade, nossa franqueza e nossa integridade espiritual. Em uma palavra, a sermos *nós próprios* no sentido mais elevado do termo. Assim, a utilização sadia e generalizada desse importante meio de chegar à perfeição auxiliará os cristãos a manter um contato vital com a realidade de sua vocação e de sua vida, em lugar de se perderem num emaranhado de ficções devotas.³⁶⁹

Na orientação espiritual, o orientando deverá deixar fluir seu verdadeiro eu. Para que isso aconteça, é necessária uma atitude de humildade. O orientador espiritual precisa conhecer o que se passa na mente e no coração do orientando. Conhecer seus desejos, expectativas, frustrações e motivações. O ato de revelar-se por inteiro ao orientador, inclusive apresentando aquilo que existe de mais sombrio, é uma fonte de graça. É fundamental o abandono do instinto de autodefesa e autojustificação.³⁷⁰ Quando os sentimentos são reprimidos, não existe a possibilidade de transformação. Somente ao manifestar o sentimento discutindo com uma pessoa mais experiente na caminhada, é que os sentimentos podem ser transformados.³⁷¹ Isso, pois, “ao sugerir-nos alguma coisa errada, o diabo procura convencer-nos a não contar nada ao

³⁶⁸ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017b, p. 13, grifo do autor.

³⁶⁹ MERTON, 1965, p. 10, grifo do autor.

³⁷⁰ MERTON, 1965, p. 37-38.

³⁷¹ GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. **Espiritualidade a partir de si mesmo**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 45.

padre espiritual. De fato, quando um pensamento mau é revelado, facilmente se consegue vencê-lo.”³⁷²

Contudo, o orientador espiritual cristão, diferentemente de outras religiões, não é um guru, um mestre que conta com uma iluminação especial. No cristianismo, o papel da orientação espiritual é assumido por uma pessoa de fé, que se coloca ao lado de outro cristão ou cristã para acompanhá-los em seu percurso, ajudando-os a permanecer em Deus,³⁷³ e não alguém que irá solucionar problemas.

Nouwen elenca três práticas que são úteis e devem ser vividas junto ao acompanhamento espiritual, para que ele seja fecundo. A primeira e principal prática que deve acompanhar o processo de orientação espiritual é a disciplina do coração. Por meio da introspecção e oração, a pessoa começa a ver Deus, que habita em seu coração. A oração interior é uma forma de escuta atenta a Deus que lhe fala do centro do seu ser. É possível então a compreensão de que orar não é apenas ouvir o coração, mas ouvir com o coração. Dessa forma a pessoa apresenta-se a Deus com tudo que é e possui, sem nada esconder ou negar.

A segunda disciplina essencial no acompanhamento espiritual é a disciplina do Livro, a *lectio divina*. É fundamental escutar, de forma íntima e pessoal, a Palavra de Deus. Por meio da leitura e meditação de um texto sagrado, a pessoa é conduzida em profundidade à oração. É Deus que fala ao íntimo da alma e convida à oração. É por meio da escuta e meditação atenta da Palavra que se é conduzido no caminho da verdadeira obediência interior. Com a prática diária da *Lectio Divina* é possível uma profunda transformação que modifique a própria identidade, os atos e a vida de fé.

A terceira chave para o acompanhamento espiritual é a disciplina da Igreja ou da comunidade de fé. Essa prática consiste na compreensão de ser parte de um povo, de uma comunidade de fé, e viver relacionando-se com esse povo. Por meio da vida de Cristo recordada na comunidade e na liturgia experimenta-se a ação de Deus. Escutar a Igreja é ouvir a voz daquele que a conduz, para assim assumir o seu lugar na vida litúrgica da Igreja.³⁷⁴ “Temos experiências pessoais de Deus, mas é em comunhão que somos formados como povo de Deus.”³⁷⁵

³⁷² SPIDLÍK, 2005, p. 35.

³⁷³ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 29.

³⁷⁴ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017b, p. 14-18.

³⁷⁵ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 28.

A direção espiritual ajuda as pessoas a darem atenção e a partilharem com outro membro da comunidade experiências de Deus e, nesse processo, aprenderem a discernir o que é autenticamente de Deus do que não é. Dessa maneira, também aprendem a falar de suas experiências de Deus com outros membros da comunidade. O ministério da direção espiritual é, assim, formativo da comunidade religiosa que Deus deseja.³⁷⁶

A orientação espiritual não deve ser compreendida como um luxo destinado a um grupo de elite da espiritualidade.³⁷⁷ Antes “quem leva a sério a vida espiritual e deseja um encontro profundo com Deus apercebe-se imediatamente da necessidade de formação e de acompanhamento.”³⁷⁸ De acordo com Merton,

Um dos maiores benefícios que um guia espiritual pode trazer à vida de oração contemplativa de seus penitentes é ajudá-los a reintegrar toda a sua existência, tanto quanto possível, numa base simples, natural, ordinária, onde possam ser plenamente *humanos*. A graça pode, então, operar neles e torná-los plenamente filhos de Deus.³⁷⁹

A experiência espiritual não é alheia à história da pessoa, e acontece constantemente, podendo ser aceita ou não. Nada fica fora do ato de salvação. Toda a experiência humana faz parte do acontecer de Deus, e a orientação espiritual se coloca a serviço do acontecer de Deus na experiência humana. É um processo integrador que busca ajudar a pessoa a escolher aquilo que mais a conduz para o seu fim, a configuração com Cristo.

3.2 EXAME DE CONSCIÊNCIA

Dentro dessa dinâmica de acompanhamento espiritual, a prática do exame de consciência surge como uma ferramenta muito importante para

³⁷⁶ BARRY, 2005, p. 112.

³⁷⁷ MERTON, 1965, p. 20.

³⁷⁸ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 22.

³⁷⁹ MERTON, 1965, p. 50-51, grifo do autor.

fomentar o conteúdo que será levado para o colóquio com o orientador espiritual. O exame de consciência é uma prática espiritual presente na Igreja desde os seus primórdios. Porém, tal prática ao longo dos séculos perdeu sua eficácia, devido ao exagerado moralismo e legalismo que a acompanhavam. Outro fator para o enfraquecimento do exercício do exame de consciência é o fato de muitas vezes estar exclusivamente ligado à confissão. A visão e prática equivocadas do exame de consciência resultaram para muitas pessoas em escrúpulo, depressão, desânimo, ansiedade psicológica, entre outros problemas. Como reação a esse período de forte conotação moralista, surgiu um tempo de redescoberta da psicologia, ao ponto de quase substituir a vida espiritual, apresentando-se como uma espiritualidade secularizada. Nesse contexto a prática do exame de consciência foi substituída por exercícios predominantemente psicológicos.

É uma necessidade dos fiéis de hoje redescobrir caminhos e meios para a vivência interior e para o amadurecimento de sua vida espiritual. Redescobrir caminhos que os ajudem a viver como remidos, assumindo a vocação confiada por Deus a cada ser humano. Portanto, se faz necessária uma proposta do exame de consciência que vá ao encontro de tais necessidades, e não esteja mais desligada, como nas últimas gerações, de uma visão integral da vida espiritual e de toda contribuição teológica e antropológica, que são seus fundamentos.³⁸⁰

Percebendo a importância da prática do exame de consciência e como ele foi desvirtuado ao longo dos séculos, é necessário revisitar a beleza de tal prática. Para que, ao encontrar os elementos constituintes do exame de consciência, e trazendo-os à luz do Evangelho e da teologia cristã, ele possa ser apresentado aos homens e mulheres contemporâneos.

Na intimidade da consciência, o homem descobre uma lei. Ele não a dá a si mesmo. Mas a ela deve obedecer. Chamando-o sempre a amar e fazer o bem e a evitar o mal, no momento oportuno a voz desta lei lhe soa nos ouvidos do coração. [...] A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem onde está sozinho com Deus e onde ressoa sua voz. Pela consciência se descobre, de modo admirável, aquela lei que se cumpre no amor de Deus e do próximo.³⁸¹

³⁸⁰ RUPNIK, 2004, p. 9-11.

³⁸¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1969, p. 157-158; GS 16.

Portanto, o exame de consciência não está ligado apenas a uma prática exterior, que consiste exclusivamente em evitar atos pecaminosos, mas, antes de tudo, é uma prática interior, que busca purificar o coração.³⁸² O exame “é um encontro real com Deus em Jesus, que faz com que nos possamos ver diante dele, com ele e com os outros.”³⁸³ E nesse encontro, a pessoa vê a si, aos outros e todas as circunstâncias que viveu a partir do olhar misericordioso de Deus. “Tal exame, de fato, significa descobrir nossa real identidade, tal como ela se manifesta no complexo articular-se da vida, no dia a dia.”³⁸⁴ A identidade que deve emergir do exame de consciência é a de filho e filha que se sente desejado e amado por Deus Pai, em Jesus, no mistério da sua encarnação, e no Espírito que santifica e possibilita a relação entre criatura e Criador.

Para o exame de consciência são fundamentais a caridade e o uso das faculdades da inteligência e da memória, que são doadas pelo Espírito Santo. Sendo que a caridade é a mais alta forma de inteligência é ela que ilumina o intelecto. A caridade consegue ver o nexo de cada coisa com todo o resto, pois a caridade é propriamente o nexo de tudo, é aquilo que dá sentido para toda existência e relação; A inteligência da caridade ajuda a ver cada detalhe da vida humana na sua verdade e na relação com o todo. A memória está intrinsecamente ligada ao Espírito Santo, doador da caridade, sendo Ele o princípio da memória.³⁸⁵ E todo o processo do exame de consciência deve ser feito diante da Palavra de Deus³⁸⁶, que ilumina todas as sombras. Nessa perspectiva:

Examinar a si mesmo significa ver-se em relação ao Protótipo. É um exercício que serve para tomar cada vez mais consciência de si em relação àquilo que se é chamado a ser e, portanto, a se ver cada vez mais integralmente. [...]. De fato, é preciso esclarecer que a integração da pessoa não significa simplesmente uma perfeição conforme um ideal projetado. Aquilo que nos faz íntegros é a relação verdadeira com nosso Criador e redentor, ou melhor, sentirmo-nos abraçados pelo olhar de amor do Redentor que une

³⁸² SPIDLÍK, 2005, p. 14.

³⁸³ RUPNIK, 2004, p. 18.

³⁸⁴ CENCINI, Amedeo. **Viver reconciliados:** aspectos psicológicos. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 55.

³⁸⁵ RUPNIK, 2004, p. 29.

³⁸⁶ CENCINI, 2012, p. 55.

toda a nossa pessoa, nossa história, nosso futuro. Sem o pano de fundo da integração, compreendida desta maneira, não podemos fazer o exame de consciência, porque não sabemos em referência a que coisa estamos nos examinando. Ao ignorarmos isso, corremos o risco de cair novamente em esquemas, abstrações e moralismos despersonalizantes.³⁸⁷

Vivido dessa forma o exame de consciência contribui para a formação de uma consciência madura e prudente que conduz para uma integração de si e ao exercício de boas escolhas. Ao contrário de uma consciência madura, a consciência imatura não se baseia na Palavra, no Verbo encarnado, o modelo da nova criação, mas baseia-se em disposições alheias para tomar as suas decisões. Procura a sua integração a partir da consciência de outros, torna-se assim representante de uma outra consciência. Dessa forma, a pessoa com uma consciência imatura não consegue tomar decisões por si própria, mas, sempre influenciada pela decisão de outros. Não poderá, portanto, ter um encontro real e profundo com Cristo e viver inteiramente a sua experiência humana, se permanecer com uma consciência infantil e dependente da aprovação de outrem.³⁸⁸

Nada é princípio unificador a não ser a realidade do amor trinitário. Somente o amor de Deus é o tecido unitário que mantém, favorece e realiza a realidade da pessoa. Trata-se de entrar na ótica do amor, de se pensar, se compreender e progredir com a inteligência do amor. Então se cresce na integração. [...] Trata-se, então, de descobrir-se amado. [...] para ver-se na realidade e de verdade, é preciso pedir ao Espírito Santo. E ele nos conduzirá até Cristo, que é o único que nos pode dizer como se vê, porque nos olha de tal modo que não hesita em dar a própria vida a fim de nos recuperar para a vida.³⁸⁹

³⁸⁷ RUPNIK, 2004, p. 36.

³⁸⁸ MERTON, 2003, p. 39.

³⁸⁹ RUPNIK, 2004, p. 39-40.

O exame de consciência assim entendido mostra que não se trata de uma atitude intimista ou puramente psicológica. É um diálogo com Deus que vê sua criatura como ela é, e não como é vista pelos outros ou por si mesma, a partir da visão fragmentada do pecado. O exame de consciência é oração, é uma comunicação real com o Criador. E nessa comunicação a memória da pessoa vai sendo preenchida pelas lembranças, que são as imagens concretas da pessoa, advindas da memória de Deus. O exame torna-se então uma contemplação na qual a pessoa reassume o sentido espiritual da vida, por meio de um olhar sobre o seu dia, a partir da ótica de Deus que preenche cada instante com amor.³⁹⁰

No exame de consciência a vida é lida a partir da sua verdadeira chave de leitura, que é a Páscoa de Cristo, que confirma o sentido do amor de Deus por cada ser humano. Portanto, na dimensão contemplativa do exame de consciência se é inserido no verdadeiro conhecimento de si mesmo, dos outros, e de todas as circunstâncias ao seu redor. É um olhar aprofundado de Deus sobre a vida que ajuda a pessoa a encontrar-se inteira e disponível para viver a vida segundo a vontade de Deus, e entendendo as coisas que lhe acontecem. Permite assim uma maior acolhida do amor de Deus e a compreensão de que o Senhor é “amor em todas as suas obras.”³⁹¹ Dessa maneira é possível a compreensão do verdadeiro sentido da existência humana, a partir da escuta de Deus que fala por meio das outras pessoas, dos encontros, e de cada acontecimento. Assim o exame de consciência tem um caráter essencialmente sapiencial, pois busca ler a vida pessoal por meio da sabedoria de Deus e contemplá-la a partir de como Deus a vê.³⁹²

O exame de consciência assim vivido é um caminho seguro para o cultivo da vida interior, uma vez que está permeado pelo olhar misericordioso de Deus, e somente a misericórdia de Deus conduz para um verdadeiro processo de conversão. No exercício do exame de consciência, depois de repassar o dia contemplando-o por meio do olhar de Deus, a pessoa percebe as situações do dia em que faltou amor, e as apresenta ao Senhor, que acolhe e transforma. Assim, a pessoa adquire o sentimento de arrependimento, que a aproxima de Deus, e não o de culpa diante da inadequação a uma lei.³⁹³

³⁹⁰ RUPNIK, 2004, p. 51-53.

³⁹¹ SI 145,13b.

³⁹² RUPNIK, 2004, p. 53-54.

³⁹³ RUPNIK, 2004, p. 57.

O exame de consciência, no seu verdadeiro sentido, espiritual, somente é possível graças ao seu momento fundante, ao evento com que começa a parábola cristã, isto é, a experiência do perdão, do renascimento, da salvação. É por isso que alguém se observa e se examina sempre na chave da salvação vivida. Sobre esse pano de fundo, o exame de consciência é também um primeiro âmbito de discernimento.³⁹⁴

Além de iniciar com a dimensão do perdão, da misericórdia de Deus que vem ao encontro da criatura ferida pela mancha do pecado, essa prática não encerra como uma oração exclusivamente ligada ao passado, mas remete ao futuro. A pessoa, na luz do Espírito Santo revisita a sua vida, percebe seus pensamentos, atitudes, inspirações e projetos, portanto, é uma oração que constrói o seu futuro. E além de ser um primeiro passo para o discernimento, da mesma forma deve anteceder uma boa confissão e orientação espiritual. Existe, portanto, um estreito laço entre o exame de consciência, a confissão e a orientação espiritual.³⁹⁵

É importante utilizar o exame para adquirir uma exata consciência de quem se é, do processo de conversão que se está vivendo, dos passos na fé que foram dados, e daqueles que ainda deverão ser dados. Ao conscientizar-se sobre si, suas falhas, pecados e limitações, a pessoa consegue olhar com maior misericórdia os seus irmãos e irmãs. Consegue ainda, reconhecer com maior autonomia que tudo que recebe é dom gratuito do amor de Deus. Nesse contexto, tomando consciência de si e do agir de Deus, pode-se prolongar por algumas semanas no exame algum ponto da vida que mereça maior atenção, por ainda não refletir uma consciência amadurecida da graça de Deus. Dessa forma, o exame será um grande auxílio para uma boa preparação à confissão, pois oferece uma verdadeira tomada de consciência por meio do perdão. A preparação então se realiza pela tomada de consciência do amor infinito de Deus, que perdoa, e da resistência a esse amor, o pecado ainda vivido. Essa correta compreensão leva ao sentimento de arrependimento, fundamental para a reconciliação sacramental.³⁹⁶ A consciência humana pode ser formada pelo exame de consciência. Uma formação que contribui para uma percepção profunda do pecado como uma ofensa e negação do Amor de

³⁹⁴ RUPNIK, 2004, p. 58.

³⁹⁵ RUPNIK, 2004, p. 59.

³⁹⁶ RUPNIK, 2004, p. 63-64.

Deus e como uma rejeição de sua Palavra e chamado.³⁹⁷ É a partir da compreensão da miséria humana que surgirá a verdadeira oração.³⁹⁸

O exame de consciência não pode tomar muito tempo. Não é uma oração longa e sim o momento de uma forte tomada de consciência de si em Deus e de Deus na própria vida. O exame de consciência não é um exercício escrupuloso, e sim uma experiência feliz da redenção, na qual se aprende o sadio realismo que nos faz demitizar os perfeccionismos moralistas, voluntaristas, psicológicos, para que experimentemos a contínua graça da transformação da nossa vivência no princípio da morte e da ressurreição de Cristo.³⁹⁹

Dessa forma, o exame de consciência torna-se uma parada providencial na caminhada diária, em que a pessoa, dentro da circunstância em que está inserida, pode olhar o conjunto das suas ações e motivações e tomar consciência. Sentindo-se mais livre e responsável por si mesma e menos escrava do passado.⁴⁰⁰ O exame de consciência vivido nessa perspectiva possibilita um novo olhar, mais profundo e contemplativo, sobre a própria vida, Deus e a sua criação.

3.3 CONTEMPLAÇÃO

A contemplação é outro passo fundamental para a vivência interior, ela pode acontecer de duas maneiras: A primeira, num sentido estrito é uma intuição imediata e de certa forma passiva, da realidade mais interior, do eu espiritual e da presença de Deus em cada ser humano. A segunda maneira é uma forma mediata e ativa, na qual a intuição é alcançada de certa maneira por esforços próprios, sempre auxiliados pela ação misteriosa da graça de Deus.⁴⁰¹ A contemplação é uma forma de gratidão diante da vida. “É uma percepção vívida do fato de que a vida e o ser em nós procedem de uma fonte invisível, transcendente e infinitamente

³⁹⁷ CENCINI, 2012, p. 60.

³⁹⁸ GRÜN; DUFNER, 2014, p. 9.

³⁹⁹ RUPNIK, 2004, p. 71.

⁴⁰⁰ CENCINI, 2012, p. 56.

⁴⁰¹ MERTON, 2017, p. 81.

abundante. [...] é, acima de tudo, a consciência da realidade dessa fonte.”⁴⁰²

Contemplação no mais alto sentido é uma *simples intuição da verdade* (*simplex intuitus veritatis*) em que o pensamento se contenta em repousar numa contemplação meditativa, sem atos específicos de raciocínio, da mesma maneira que um artista fica a contemplar um quadro. No sentido estrito, contemplação é uma simples intuição de Deus, análoga ao processo natural descrito acima, mas produzido imediatamente na alma pelo próprio Deus, dando-lhe uma direta, mas, obscura apreciação experimental de Deus como Ele é em Si Mesmo.⁴⁰³

Para Merton, o segredo da plena identidade humana está escondido em Deus. Somente Deus pode conduzir o ser humano ao seu autêntico ser, ao seu verdadeiro eu. Entretanto, esse trabalho é uma ação conjunta, que solicita a ação do ser humano, que precisa desejar a sua verdadeira identidade e trabalhar para alcançá-la, com Cristo e em Cristo. É através da fé que a humanidade se aproxima de Deus e recebe a sua verdadeira existência. E é a contemplação o maior e mais precioso dom, pois ajuda a pessoa a enxergar o trabalho que Deus quer realizar.⁴⁰⁴ “Para aqueles que contemplam a beleza do Senhor, o que é opaco torna-se transparente; a natureza, o tempo e as pessoas são transformadas; e nós próprios somos transfigurados.”⁴⁰⁵

Segundo Nouwen, a contemplação é o ato de ver, de tornar visível aquilo que está invisível à visão comum. Vê-se a partir de dentro, do coração, com o coração. O mundo sensível aponta para além de si mesmo, aponta para a fonte da sabedoria, para o Criador de todas as coisas. Dessa forma, contemplar é ver as coisas como realmente são. É perceber a verdadeira ligação em toda a criação. Na contemplação é possível a libertação da venda que impede a humanidade de enxergar claramente.⁴⁰⁶ A contemplação pode ainda ser compreendida como “um

⁴⁰² MERTON, 2017, p. 17.

⁴⁰³ MERTON, Thomas. *Águas de Siloé*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1957. p. 373.

⁴⁰⁴ MERTON, 2017, p. 44.

⁴⁰⁵ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 50.

⁴⁰⁶ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 37-38.

íntimo conhecimento de Deus que flui numa amorosa união com Sua vontade.”⁴⁰⁷

Na contemplação é possível perceber que toda a vida é um dom, que uma pessoa é mais do que aparenta ser. E assim, reconhecer que as vidas das outras pessoas são grandes dádivas de Deus. As pessoas deixam de serem apenas personagens a desempenhar um papel qualquer, para tornarem-se irmãos e irmãs na comunidade humana.⁴⁰⁸

Ao contemplar a criação, em vez de manipular e dominar, é possível ver a natureza como uma dádiva de Deus, e assim tomar consciência do devido cuidado para com ela.⁴⁰⁹ “Somente quando a natureza for respeitada em seus próprios direitos poderemos descobrir o lado interior da natureza, o lado voltado para Deus, que chamamos de criação.”⁴¹⁰ Ao enxergar o mundo com um olhar contemplativo é possível perceber que a natureza é manifestação da grande história de amor de Deus. A partir do ciclo das suas vidas, os animais e plantas podem ensinar aos seres humanos sobre nascimento, crescimento, amadurecimento, esperança e paciência.⁴¹¹

É preciso desenvolver uma nova compreensão teológica da natureza, que ensina a ler a natureza – da matéria às pessoas – como *linguagem divina de sinais*. Assim aprenderemos a ouvir e ver, degustar e sentir a *Deus em todas as coisas* e *todas as coisas em Deus*. Como criação, a natureza é mais que um sistema de informações que identificamos para dominar e reconstruir.⁴¹²

Para reconhecer Deus no mundo é fundamental a contemplação. Contemplar Deus no mundo é uma busca e uma visão que acontecem no coração, por meio do coração. Essa contemplação precisa ser simples. Assim, a oração contemplativa favorecerá para que a Palavra de Deus desça da mente ao coração. Deve-se, portanto, ser livre de raciocínios prolongados. É o desejo de experimentar, sentir o sabor, o gosto da

⁴⁰⁷ MERTON, 2017, p. 56-57.

⁴⁰⁸ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 45.

⁴⁰⁹ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 40.

⁴¹⁰ MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da vida:** o Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002. p. 124.

⁴¹¹ NOUWEN, 1997, p. 93.

⁴¹² MOLTMANN, 2002, p. 138.

experiência que deve conduzir, e não a busca por apreciações e conceitos teológicos.⁴¹³

A oração contemplativa leva-nos, com frequência, a um encontro íntimo com o amor de Deus, que se revela em Jesus. Numa tal experiência, cada vez nos apercebemos com mais intensidade que Deus não está contra nós, mas do nosso lado; não está longe de nós, mas ao nosso lado; não está fora de nós, mas no mais profundo do nosso ser. Quando tiramos uns momentos para refletir num lugar tranquilo, a nossa mente e o nosso coração ficam sossegados e, neste sossego, tornam-se mais profundos e mais amplos, recebendo/revelando a característica eterna da vida em toda a sua plenitude. É neste discernimento interior do abraço eterno de Deus que encontramos a nossa verdadeira liberdade.⁴¹⁴

A contemplação não está circunscrita ao âmbito de mosteiros, eremitérios, montes ou casas de retiro. Nem é um convite para apenas poucos escolhidos. É fato que existam aqueles que são chamados para uma vida mais plena de contemplação, e que dedicam horas de seu dia na oração contemplativa. Porém, a contemplação como vista não consiste em momentos de oração apenas, mas está ligada a uma visão de mundo. Uma forma de ser e estar no mundo. Portanto, a contemplação é uma proposta e um chamado, também para aqueles que estão inseridos no século. Todo ser humano é chamado a ser, como ensina Santo Inácio de Loyola – contemplativo na ação.

A contemplação exige humildade e abandono de si, pois, mais que um ato que se alcance por mérito e esforço, é um abandonar-se no amor de Deus, que permeia toda a criação. É preciso renunciar a todo propósito que se tenha como resultado da contemplação. A contemplação é livre de expectativas e resultados. É um simples acontecer. É um caminhar na presença de Deus. A Contemplação não tem um propósito fora dela mesma. Porém, pode-se falar de um efeito próprio da experiência contemplativa: tornar mais intenso e mais simples o amor a Deus e ao próximo. A contemplação está unida e identificada com o amor. Esse é o

⁴¹³ NOUWEN, 1997, p. 104-105.

⁴¹⁴ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 47.

seu propósito e a sua fonte.⁴¹⁵ Aquele que é capaz da contemplação, torna-se sempre mais grato e humilde.

3.4 HUMILDADE

A humildade é a coragem que permite a descida ao fundo do ser onde se encontram os aspectos mais sombrios da alma. Essa coragem só adquire aquele que não conta apenas com suas forças e virtudes, mas confia em Deus, o único que pode verdadeiramente livrar o ser humano das suas sombras.⁴¹⁶ “A humildade é a pedagogia escolhida por Deus, à qual a pessoa adere e conforma seu caminho, conflitos, provações, para que tudo entre no plano misterioso da Comunidade divina.”⁴¹⁷

A palavra latina *humilitas* está relacionada com húmus, com terra. A humildade, portanto, é o reconciliar-nos com nossa condição terrena, com o peso que nos puxa para baixo, com o mundo dos nossos instintos, com o nosso lado sombrio. A humildade é a coragem de aceitar a verdade sobre si mesmo.⁴¹⁸

Na tradição bíblica e patrística a humildade não é considerada uma virtude moral ou social, e sim uma atitude religiosa. O caminho da humildade leva a criatura ao seu Criador, fazendo-a descer à própria condição humana. Para Santo Agostinho, a humildade consiste em reconhecer a própria dimensão humana e, portanto, que não se é Deus, e conhecer a si próprio com honestidade. E essa atitude só é possível porque imita a humildade de Cristo. Por isso a humildade não deve ser entendida como uma virtude adquirida, mas, antes, como a atitude religiosa que une os seres humanos a Cristo. O próprio Agostinho afirma que é melhor o pecado com a humildade do que a virtude sem a humildade. Isso, pois o ser humano não pode chegar sozinho a Deus. Somente se aproxima de Deus por meio da humildade, que é a porta que

⁴¹⁵ MERTON, 2017, p. 85.

⁴¹⁶ GRÜN, Anselm. **Humildade e experiência de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2014b. p. 15.

⁴¹⁷ BOFF, Lina. Orgulho. In: YUNES; BINGEMER, 2001. p. 143.

⁴¹⁸ GRÜN; DUFNER, 2014, p. 11.

leva para Deus, a partir da confissão da incapacidade de, por si só, ser santo e piedoso.⁴¹⁹

A humildade, portanto, nasce de uma experiência de Deus. Não é algo que se possa alcançar por meio da ascese, mas, sim, algo que nos sobrevem quando experimentamos Deus como o mistério infinito e nos experimentamos a nós mesmos como homens finitos, como criaturas do divino criador.⁴²⁰

Uma pessoa sem humildade procura reprimir o seu lado sombrio e desagradável, como se assim ele fosse desaparecer. Só ao admitir as suas fraquezas, a pessoa poderá preservar-se dos mecanismos que ocultam as sombras interiores. De acordo com Jung, a humildade é necessária para o relacionamento com o inconsciente. Para ele, a humildade também é necessária para adquirir confiança em relação às outras pessoas. Ao contrário do orgulho que isola sempre mais o ser humano. Enquanto não forem acolhidas e manifestadas as fraquezas, a pessoa não existirá de maneira plena e suas relações serão superficiais. Somente a partir da humildade e acolhida da própria humanidade fragilizada, com seus erros e quedas, torna-se possível a verdadeira comunhão entre as pessoas.⁴²¹

Nos grandes santos coincidem perfeita humildade e perfeita integridade. Ambas acabam sendo praticamente a mesma coisa. O santo é diferente dos demais precisamente porque é humilde. A humildade consiste em ser precisamente a pessoa que se é de fato diante de Deus.⁴²²

A vida humana é um paradoxo. Ao mesmo tempo em que o ser humano deve lutar e se empenhar para vencer suas fraquezas e pecados, percebe que por si só não conseguirá. Somente depois de lutar, poderá reconhecer humildemente que necessita da graça de Deus. Assim a humildade é a constatação do próprio fracasso.⁴²³ A ascese não conduz à força e, sim, à fraqueza, à experiência de que não conseguimos nos fazer

⁴¹⁹ GRÜN; DUFNER, 2014, p. 36-37.

⁴²⁰ GRÜN; DUFNER, 2014, p. 38.

⁴²¹ GRÜN; DUFNER, 2014, p. 49-50.

⁴²² MERTON, 2017, p. 99.

⁴²³ GRÜN, 2014b, p. 15.

melhores por nós mesmos, de que dependemos total e inteiramente da graça de Deus. É preciso, então, se abandonar integralmente à graça divina, deixar-se cair nos braços de Deus.⁴²⁴ “É nisto que consiste o paradoxo do caminho espiritual, que precisamente em nossa fraqueza nós adquirimos o sentido para a graça de Deus.”⁴²⁵

Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder. Por conseguinte, com todo o ânimo prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que pouso sobre mim a força de Cristo. Por isto, me comprazo nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte.⁴²⁶

Uma espiritualidade orientada pela humildade conduz à verdade interior, à aceitação e ao humor. No humor, a pessoa faz uma contemplação de tudo que existe em si, e de que ela é constituída de barro. A partir dessa visão chega-se à compreensão de que nada que é humano deve ser causa de espanto. No humor, experimenta-se a reconciliação consigo mesmo, com a condição finita e terrena, enfim, a pessoa aceita a si mesma como realmente é.⁴²⁷

3.4.1 Reconciliação

A reconciliação é um passo fundamental para que a graça de Deus se manifeste. Para acolher a reconciliação é necessária uma atitude de humildade para reconhecer a necessidade do perdão de Deus, que é amor⁴²⁸ e reconcilia a humanidade consigo. Acolher a reconciliação de Deus Pai, por meio de seu Filho, para viver como reconciliado consigo mesmo e com todas as criaturas. São Paulo apresenta essa verdade na carta dirigida à comunidade de Corinto com estas palavras:

Tudo isso vem de Deus, que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da

⁴²⁴ GRÜN; DUFNER, 2014, p. 98.

⁴²⁵ GRÜN; DUFNER, 2014, p. 101.

⁴²⁶ 2Cr. 12,9-10.

⁴²⁷ GRÜN; DUFNER, 2014, p. 113.

⁴²⁸ 1Jo 4,8.

reconciliação. Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens suas faltas e pondo em nós a palavra da reconciliação. Sendo assim, em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta. Em nome de Cristo suplicamos: reconciliai-vos com Deus. Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que, por ele, nos tornemos justa de Deus.⁴²⁹

No mistério da encarnação de Cristo, que proporciona à natureza humana, ferida pelo pecado, a reconciliação com Deus, o ser humano torna-se partícipe da filiação divina. Desse modo, todos os batizados participam também da missão de Jesus, Profeta, Pastor e Sacerdote. Por participar de tão grande missão, são chamados também a acolher e perdoar, a continuar a missão redentora de Cristo. Aquele que acolhe a misericórdia de Deus, participando do ministério de Cristo, pode ser manifestação afetiva e efetiva da misericórdia de Deus na vida de outros homens e mulheres. De acordo com Cencini:

Enquanto não houver uma experiência plena do perdão, o pecado, ou o medo do pecado, continuará a perturbar o nosso presente e a deformar o nosso passado, tornando-nos inimigos da vida. Pelo contrário, o perdão, que nos vem do Pai, reconcilia-nos com nossa história, e não apenas com Deus; faz-nos descobrir não só o nosso mal, mas também o nosso bem. O perdão de Deus é festa, não somente penitência, porque nos liberta do medo de termos errado sempre na vida, de um passado que seria melhor esquecer, como também de sermos falidos porque fracos e atraídos pelo mal.⁴³⁰

O primeiro e fundamental perdão que a pessoa precisa acolher é o perdão de Deus. “Só percebe a necessidade do perdão quem experimenta a força extraordinária do amor. [...] É preciso colocar-se dentro do

⁴²⁹ 2Cor 5,18-21.

⁴³⁰ CENCINI, 2012, p. 97.

mistério do Amor para perceber o significado e o alcance do perdão.”⁴³¹ É necessária a consciência de ser perdoado por Deus, pois esse perdão estabelece a reconciliação com a imagem que a pessoa tem de si. Deus Pai, por meio do seu Filho e do Espírito Santo, reconciliou a humanidade, consigo e em si mesma. Acolher o perdão e a reconciliação oferecidos por Deus é aceitar a imagem atual que o ser humano tem, de pessoas que procuram, com um trabalho lento e humilde, acolher a vontade de Deus e colaborar com o seu Reino de Amor. Deve-se acolher o perdão divino, entendendo que por mais que se busque realizar a vontade de Deus, não se pode iludir-se com a ideia de atingir a perfeição, de ser perfeito. Para que sempre mais surja a perfeição do amor, é necessário deixar de lado a ilusão de ser perfeito e assumir o papel de criatura redimida. Assumir o papel de pessoa reconciliada com Deus, consigo mesma e com todas as outras criaturas, compreendendo, porém, que ainda se está no caminho.⁴³²

Da dinâmica de assumir-se como ser reconciliado com Deus e consigo mesmo, o ser humano estará sempre aberto à reconciliação com toda a humanidade. “Ao perdoar-nos, Deus cria em nós um coração novo, *modelado sobre o seu, capaz de perdoar à sua maneira.*”⁴³³ Embora o perdão não seja uma expressão espontânea da natureza humana, é possível dar o perdão, graças à ação de Deus na pessoa. A participação na filiação de Cristo possibilita ao ser humano a capacidade de perdoar.⁴³⁴

A pessoa é um ser de relação e só pode realizar-se por meio das relações. No centro da vida interior é possível, como visto, encontrar-se com Deus, consigo mesmo e com todos os seres humanos, é possível formar comunidade. O perdão surge, assim, como “o coração da vida comunitária.”⁴³⁵ A vida interior é uma radical abertura ao plano de Deus, que chamou para si um povo. Dessa forma, um importante caminho para o cultivo da vida interior é o da reconciliação. A vida interior gera abertura ao outro, e a abertura ao outro por meio do perdão e da reconciliação, frutifica a vida interior. Da compreensão de que “a ciência de Deus é o perdão,”⁴³⁶ surgirá a possibilidade de uma integração de todas as realidades humanas.

⁴³¹ MENDONÇA, José T. **Pai nosso que estais na terra:** o Pai-nosso aberto a crentes e não crentes. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 103-104.

⁴³² CENCINI, 2012, p. 91.

⁴³³ CENCINI, 2012, p. 110.

⁴³⁴ MENDONÇA, 2013, p. 108.

⁴³⁵ CENCINI, 2012, p. 118.

⁴³⁶ MENDONÇA, 2013. p. 105.

3.4.2 Integração das fraquezas

É natural ao ser humano, diante da percepção de uma fraqueza, negá-la ou dela fugir. Porém é essencial para o seu amadurecimento que as fraquezas, juntamente com tudo o que o ser humano é, seja nele integrado. Algumas pessoas podem até ter um crescimento em virtudes e viverem de certa maneira a generosidade, porém, ao não acolher sua natureza e consequentes fraquezas, agirão sempre mais rigidamente. Não sendo possível o desabrochar do verdadeiro amor cristão.

A fraqueza fere a autoimagem que a pessoa cria de si. Em última análise, busca-se a santidade apenas fugindo das fraquezas e situações de pecado, contando-se apenas com as próprias forças humanas, e pedindo a Deus a libertação dos pecados e fraquezas. O que é um erro, pois Deus age na fraqueza humana. É necessário, assim, assumir a fraqueza, saber integrá-la no conjunto da vida. Somente assim se acolhe efetivamente a ação misericordiosa de Deus que vem ao encontro da humanidade ferida.⁴³⁷ Pois “Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores.”⁴³⁸

É fundamental para a vivência interior a integração das capacidades, talentos, alegrias e de todo o bem que o ser humano possa produzir, bem como de suas fraquezas, pecados, traumas, dores e escuridão. Aquilo que não está integrado torna-se desintegrador. Uma história pessoal que não está integrada gera problemas de fé e não possibilita uma adesão profunda ao mistério de Cristo. Importa, assim, uma integração completa, a partir da compreensão da reconciliação garantida pela encarnação, morte e ressurreição de Cristo, de tudo aquilo que a pessoa é. Inclusive daquilo que, a priori, manche a sua imagem de filho e filha de Deus. Pois só a partir dessa integração, as situações negativas deixam de exercer influência destrutiva para a pessoa humana. Ao serem integradas, elas perdem força.⁴³⁹

“Das fragilidades claramente reconhecidas e iluminadas pela graça podem brotar caminhos de humildade, de terna confiança em Deus, de paciência com os outros, de profunda compaixão diante das fraquezas

⁴³⁷ LOUF, André. **Na fragilidade a nossa força**. São Paulo: Mundo e Missão, 2016c. p. 24-25.

⁴³⁸ Rm. 5,9.

⁴³⁹ CENCINI, Amedeo. **A árvore da vida**: proposta de modelo de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 170-171.

alheias.”⁴⁴⁰ “A verdadeira experiência de Deus não só nos integra interiormente, mas também está integrada na realidade.”⁴⁴¹ Somente por meio da humildade que conduz a pessoa ao acolhimento de tudo que a constitui, com suas luzes e sombras, talentos e fragilidades, medo e coragem, é que a pessoa chega ao seu verdadeiro eu.

O ser humano em seu eu verdadeiro reconhece que Deus é a sua fonte. Sua dependência de Deus para o seu ser pessoal não é experimentado como submissão opressiva ou como incerteza radical, mas como a base ontológica da sua comunhão com Deus e como uma *dependência completamente confiável*: a fonte suprema nunca deixará de fluir para as suas criaturas.⁴⁴²

A vida interior não deve, portanto, ser compreendida como algo alcançado por força de méritos pessoais. Antes, ela consiste em acolher a sua humanidade, integrando tudo aquilo que é próprio da sua natureza, para que a graça de Deus se manifeste. E diante da ação misericordiosa de Deus cabe à criatura render-se. Assim, será possível dizer com o apóstolo dos gentios: “prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que pouse sobre mim a força de Cristo.”⁴⁴³

Ao viver o processo de integração, a pessoa torna-se integradora. É capaz de assumir e construir comunhão com o Corpo de Cristo, a sua Igreja. Ao acolher a fraqueza, toda a humanidade se encontra, e desse encontro surgirá a experiência mais bela, a de ser filho e filha amados por Deus e de viver a experiência da liberdade interior de não ser Deus. Ser apenas o que Deus vê e com amor desejou.

3.4.3 Permanecer no Amor de Deus

Viver um encontro profundo com Deus, que leve a entrar em sua relação de amor é a aventura mais importante da vida do ser humano.⁴⁴⁴ Tudo começa em Deus, Ele desejou a existência humana. É Deus que cria

⁴⁴⁰ FERNÁNDEZ, Victor M. **Teologia espiritual encarnada**: profundidade espiritual em ação. São Paulo: Paulus, 2007. p. 72.

⁴⁴¹ BUELTA, 2007, p. 111.

⁴⁴² BONOWITZ, 2015, p. 40.

⁴⁴³ 2Cor. 12,9.

⁴⁴⁴ BUELTA, 2007, p. 34.

e que busca o ser humano quando esse o rejeita por meio do pecado. É Deus que envia seu filho, o novo Adão, para recriar a humanidade e restabelecer o laço de amizade rompido pelo primeiro Adão. É próprio de Deus o ato de antecipar-se, de buscar, de descer ao ouvir o clamor do seu povo.⁴⁴⁵ É preciso humildade para reconhecer que a ação criadora de Deus e o ato de reconciliação, por meio da encarnação de Cristo, são dons gratuitos de Deus e não méritos humanos, e assim, entregar-se a essa dinâmica de amor gratuito. “Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele.”⁴⁴⁶ “Essas palavras da primeira Carta de João exprimem, com singular clareza, o centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a consequente imagem do homem e de seu caminho.”⁴⁴⁷

Somos seres *recebidos como dom*, portanto, também amados, amados *desde sempre*, amados porque existentes e, na realidade, ainda antes de existir, *já* amados (ou pré-diletos), porque chamados à vida gratuitamente, quando ainda não podíamos exhibir qualquer direito, nem qualquer mérito nesse sentido; amados, portanto, *muito*, como ninguém poderia imaginar, muito mais que nós mesmos desejamos ser benquistos, de um amor que nenhuma aventura existencial posterior poderá desmentir ou diminuir; e assim, seguros deste amor, do ponto de vista psicológico, não confiamos a esperança de nossa amabilidade às fortunas incertas das relações humanas, pois tal amabilidade é um bem já assegurado e sacia para sempre a sede de amor do ser humano; porquanto diz respeito a ele, o Doador do dom, amados por uma Vontade boa, boa justamente porque nos preferiu à não existência tornando-nos amáveis, até o ponto de dar o seu Filho pela nossa salvação.⁴⁴⁸

Toda experiência interior conduz para o amor, mesmo que, em um primeiro momento, pareça ao ser humano que conduza apenas a sua parte fraca e sombria. O movimento da vida interior capacita o ser humano para

⁴⁴⁵ Ex 3,7-10.

⁴⁴⁶ 1Jo 4,16.

⁴⁴⁷ BENTO XVI, 2006, p. 7; DCE 1.

⁴⁴⁸ CENCINI, 2007, p. 184-185.

a compreensão de que foi criado no amor e é capaz de amar, é capaz de Deus. Deus, ao criar o ser humano, inseriu em seu coração um desejo que o conduz novamente a Ele. Deus não cessa de atrair a humanidade a si. E somente encontrando e permanecendo em Deus o ser humano encontrará seu verdadeiro sentido, sua verdadeira felicidade.⁴⁴⁹ Será inteiro.

Ao experimentar o amor de Deus em seu coração por meio da contemplação, o ser humano pode se sentir inteiro, integrado e não mais tão fragmentado e disperso. Pois a necessidade de sentir-se amado, sentir-se parte de algo e totalmente integrado, só será saciada por completo diante de Deus no céu. Porém, na experiência terrestre, essa necessidade já começa a ser saciada, ao experimentar em profundidade esse amor e ao permanecer nele. Nessa experiência que ilumina a vida é possível perceber a unidade de todas as coisas.

Somente na experiência do amor de Deus é possível ao ser humano empreender o caminho em busca de um estado interior que o livre da dependência das opiniões alheias e da necessidade de julgar e criticar, que tantas vezes parece inerente ao caminho do cristão. Ultrapassar a necessidade de constante comparação é um longo caminho de fé, que percorrido no amor de Deus, conduz ao verdadeiro eu.⁴⁵⁰ E possibilita a humanidade acolher a participação na filiação divina de Cristo e a fraternidade que resulta de tal filiação.

São Paulo, ao falar do caminho cristão de unidade e dos dons para percorrê-lo, indica: “Aspirai aos dons mais altos. Aliás, passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos.”⁴⁵¹ Em seguida, apresenta a supremacia da caridade em relação a todas as obras que o ser humano pode empreender. É o Deus amor que cria a humanidade, que recria, sustenta e alimenta em Jesus Cristo, que anima e fortalece no Espírito. É Deus que permite ao ser humano participar de sua comunhão trinitária de amor, e assim se realizar também no amor. O Ser humano não apenas é convidado a experimentar o Amor de Deus, mas permanecer e agir movido por esse amor. Viver no Espírito, em última análise é amar.

A realidade do Espírito e a do amor exibem a mesma estrutura, realizam-se no ser-a-partir-de-si e ser/estar-com-o-outro. [...] vida conforme o Espírito é *vida em relação*. Isso pressupõe a disposição para o êxtase, para sair de si a fim de encontrar a si

⁴⁴⁹ CATECISMO..., 2000, p. 21; CIC 27.

⁴⁵⁰ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 143.

⁴⁵¹ 1Cr 12,31.

mesmo no outro e com ele. Assim como o Espírito atua na criação sem limitar a liberdade desta e sem deixar de ser o Espírito indisponível de Deus, da mesma maneira ser/estar-com-o-outro não significa nem violentar o outro nem abandonar a si mesmo.⁴⁵²

Nesse caminho de amor é possível perceber que a união com Cristo é união com todos os outros aos quais Ele se entrega. Só é possível pertencer a Cristo, sendo parte de seu corpo, pertencendo a todos aqueles que são ou serão Seus. Portanto, a comunhão que se estabelece no amor conduz o ser humano para fora de si. O cristão torna-se um só corpo com seus irmãos e irmãs em Cristo. Assim, o amor a Deus e o amor ao próximo tornam-se inseparáveis. Deus que se encarnou por meio de Jesus de Nazaré atrai toda a humanidade a si.⁴⁵³

Ao trilhar esses caminhos é possível ao ser humano o sentimento de sentir-se livre em sua casa interior, acolhendo e integrando suas sombras e luzes. Ao discernir e integrar os diferentes movimentos da vida interior, o ser humano assume a responsabilidade por sua vida. É possível assim, lentamente, ultrapassar os desafios que impedem uma vida no Espírito.

A partir da oração, contemplação, vivência interior é que nascerá a vida em comunidade. Portanto, o percurso interior precede o percurso exterior. É importante que assim seja. É necessário espiritualmente conhecer a Deus e a si mesmo, para então conhecer e ver o outro como pessoa, como um ser com quem se deve relacionar-se. É preciso sentir-se amado por Deus, para amar a Deus e a si mesmo, de modo a amar aos outros seres humanos. Assim, a comunhão com Deus precede a comunhão com toda a humanidade. O caminho interior direciona para o caminho exterior, para a comunidade.⁴⁵⁴ E para que esse caminho seja fecundo, não é aconselhável que seja empreendido sozinho, mas que conte com a ajuda de um orientador espiritual. Em última análise, a vida interior é despertada por Deus que é amor, é vivida no amor, e conduz para a plena experiência de amor.

⁴⁵² BERND, 2012, p. 403-497. p. cit. 489.

⁴⁵³ BENTO XVI, 2006, p. 21; DCE 14.

⁴⁵⁴ NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2017a, p. 174.

CONCLUSÃO

A natureza da vida interior, a partir da compreensão da teologia espiritual e mística contemporâneas, em especial de Thomas Merton e Henry Nouwen, tem características, muitas vezes, divergentes da visão de vida interior comumente apresentada em manuais de espiritualidade. A vida interior para eles tem início com o despertar de Deus e se fundamenta na entrega a Deus da fragilidade humana e na compreensão de que tudo é dom. Deus, que é amor, cria e conduz o ser humano no amor e para o amor. Em última análise, a vida espiritual é uma rendição total. E, justamente, por isso torna-se mais difícil. É necessário ao ser humano passar da visão intimista, individualista e autossuficiente para a noção das relações de filiação e fraternidade.

Para o ser humano contemporâneo, motivado a superar e suprimir todo tipo de fracasso, limite e sofrimento, torna-se mais satisfatório atingir uma *vida interior* que seja medida pelo sucesso e superação de níveis. Assim, a possibilidade de mensurar as conquistas alcançadas, os obstáculos vencidos, ou os degraus subidos, apresentada por uma teologia e mística mais fundadas na obtenção de virtudes, torna-se característica fundamental da vida espiritual.

Entretanto, a natureza da vida interior, compreendida na teologia espiritual e mística contemporâneas, demonstra a beleza e profundidade de uma vida rendida diante da grandeza de seu criador; uma vida que acolhe a sua finitude diante do único que é Infinito, Perfeito, Bom e Verdadeiro. Portanto, mais do que virtudes a serem conquistadas, a vida interior proporciona a integração de tudo o que é humano e humaniza a pessoa, inclusive suas fragilidades. Na vivência interior a pessoa é chamada a assumir a vida não com a pretensão de medir constantemente seu desempenho, a partir de seus próprios progressos ou em comparação aos outros. Mas como um chamado à aceitação de sua humanidade, finitude e dependência de Deus.

Nesse contexto, o ser humano é convidado a assumir seu eu verdadeiro e não mais viver na pura exterioridade e ilusão de um falso eu, que é fruto do pecado. O Eu verdadeiro, aquele desejado e sonhado por Deus, é o único que pode relacionar-se de verdade, pois a relação nasce de dentro, do seu interior. É na interioridade partilhada da pessoa que acontece o encontro consigo mesmo, com Deus e com toda a humanidade.

O fundamento da pessoa é o amor, e a pessoa é livre para aderir ou não a esse amor. Ao aderir ao amor, realiza-se como pessoa, ao negá-lo, nega a sua identidade e vive a ilusão de um falso eu. A realização espiritual do cristão não é uma simples afirmação individualista, mas a

plena consciência e participação no corpo de Cristo, que é a sua Igreja. O caminho interior leva ao conhecimento de seu próprio Eu e nele a presença de Deus conduz o ser humano aos seus irmãos. A vida no Espírito proporciona a compreensão de que toda pessoa é chamada à relação de filiação com Deus e nessa relação a assumir o relacionamento de fraternidade com toda humanidade. A unidade no amor é um dos frutos do eu interior.

Deus se manifesta na estrutura antropológica de cada ser humano. Jamais violenta essa estrutura. Para cada ser humano existe um caminho único para se relacionar com Deus. Cabe a cada ser humano, guiado pelo Espírito Santo, encontrar e trilhar esse caminho. Nessa perspectiva o ministério da orientação espiritual surge como uma valiosa relação de ajuda e acompanhamento para aquele que deseja trilhar o caminho da vida interior.

Por meio da vida espiritual é possível ao ser humano uma superação de sua fragmentação que o possibilite reconciliar-se consigo, com Deus e com toda a criação. Ao acolher o amor de Deus e assumir a presença de Cristo em si, e assim a vida nova, a pessoa pode amar, ser amada e anunciar o Deus de amor. Em suma, a vida interior possibilita o acesso ao eu verdadeiro, que em última análise é o próprio Deus que habita na criatura. Assim, o ser humano é chamado a ser a manifestação do amor de Deus.

Os caminhos traçados por essa pesquisa auxiliaram no aprofundamento do tema da vida interior. Devido à abrangência e complexidade do tema, outras pesquisas poderão desenvolver e apresentar outros desafios e novos caminhos para o cultivo da vida espiritual. De fato, não é pretensão desse trabalho esgotar a temática aqui refletida. A vida interior sugere sempre ser fiel ao contexto e à cultura de cada momento da história. Cabe ao ser humano, guiado pelo Espírito de Deus, descobrir e trilhar o caminho da graça que o tempo presente lhe manifesta.

REFERÊNCIAS

- A NUVEM DO NÃO SABER. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1987.
- AGOSTINHO DE HIPONA. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- ARDUINI, Juvenal. **Antropologia: ousar para reinventar a humanidade**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BARRY, William A. **A direção espiritual e o encontro com Deus: uma indagação teológica**. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____; CONNOLLY, William j. **A prática da direção espiritual**. São Paulo: Loyola, 1985.
- BENTO XVI. **Carta encíclica Deus Caritas Est**. São Paulo: Loyola, 2006.
- BERNARD, Charles A. **Introdução à teologia espiritual**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- BERND, Jochen H. Pneumatologia. In SCHNEIDER, Theodor (Org.). **Manual de Dogmática**, v. 1. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BINGEMER, Maria C. L. **Teilhard de Chardin: Um místico em comunhão com o universo**. Disponível em: <[https://revistaeclesiacbrasilera .itf.edu.br/reb/article/view/299](https://revistaeclesiacbrasilera.itf.edu.br/reb/article/view/299)>. Acesso em: 29 abr. 2021.
- BOFF, Lina. Orgulho. In: YUNES, Eliana; BINGEMER, Maria C. L. (Orgs.). **Pecados**. São Paulo: Loyola, 2001.
- BONOWITZ, Bernardo. Mastigando as novas sementes de contemplação. In: PAISER, Fernando A. S. (Org.). **Mertonianum 100**. São Paulo: Riemma, 2015.
- BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: CNBB, 2014.

BUELTA, Benjamín G. **Orar em um mundo fragmentado**. São Paulo: Loyola, 2007.

BUENO, Francisco S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da Língua Portuguesa**. V. 6. Santos: Brasília, 1974.

CARIAS, Celso Pinto. Fé cristã: resposta humana à iniciativa amorosa de Deus. In: RUBIO, Alfonso G. (Org.). **O humano integrado**: abordagens de antropologia teológica. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARVALHO, José Jorge. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, Maria C. L. (Org.). **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1992.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CENCINI, Amedeo. **A árvore da vida**: proposta de modelo de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. **Viver reconciliados**: aspectos psicológicos. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

CHITTISTER, Joan. **O sopro da vida interior**: a oração como experiência de misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus**. Vaticano: 2004. Disponível em: <https://www.vatican.a/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-ste_wardship_po.html>. Acesso em: 11 ago. 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2019.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, decretos, declarações. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

COSTA, Alfredo S. **História e fundamentos da espiritualidade cristã**. Belo Horizonte: [s.n.] 2020.

FERNÁNDEZ, Victor M. **Teologia espiritual encarnada: profundidade espiritual em ação**. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO, Papa. **A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja**. Org. Giuliano Vigini. São Paulo: Paralela, 2014.

_____. **Audiência Geral: catequese 31 – A meditação**. Biblioteca do Palácio Apostólico, 28 abr. 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco-20210428_udienza-generale.html>. Acesso em 29 maio 2021.

_____. **Carta Apostólica *Patris Corde***. Vaticano: 2020. PC 2. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20201208_patris-corde.html> Acesso em: 27 mai. 2021.

_____. **Carta encíclica *Fratelli Tutti***. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. **Carta Encíclica *Gaudete Et Exsultate***. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. Brasília: CNBB, 2015.

_____. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: paulinas, 2013.

GALIMBERTI, Umberto. **Os vícios capitais e os novos vícios**. São Paulo: Paulus, 2004.

GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. **Espiritualidade a partir de si mesmo**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Humildade e experiência de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2014b.

_____; HALÍK, Tomás. **Livrar-se de Deus? Quando a crença e a descrença se encontram**. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Mística: descobrir o espaço interior**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2014a.

_____. **O Ser fragmentado**: da cisão à integração. 11 ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2020.

_____. **Ser uma pessoa inteira**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

HALÍK, Tomás. **A noite do confessor**: a fé num mundo de incerteza. Petrópolis: Vozes, 2016b.

_____. **Não sem esperança**: o retorno da religião em tempos pós-otimistas. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. **Toque as feridas**: Sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação. Petrópolis: Vozes, 2016a.

HORTAL, Jesus; **Os sacramentos da Igreja na sua dimensão canônico-pastoral**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

LADARIA, Luis F. **Introdução à antropologia teológica**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

LEPARGNEUR, Hubert. **A secularização**. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

LISIEUX, Teresinha de. **Obras completas**: escritos e últimos colóquios. São Paulo: Paulus, 2002.

LOUF, André. **Conselhos para a vida espiritual**. São Paulo: Mundo e Missão, 2016a.

_____. *Generati dallo Spirito*. Magnano: Edizioni Qiqajon, 2007. p. 59-82 apud COSTA, Alfredo S. **História e fundamentos da espiritualidade cristã**. Belo Horizonte: [s.n.] 2020. Apostila.

_____. **Na fragilidade a nossa força**. São Paulo: Mundo e Missão, 2016c.

_____. **O homem interior**. São Paulo: Mundo e Missão, 2016b.

LOYOLA, Inácio de. **Exercícios espirituais**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

LYON, David. **Pós modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

MARTIN, Ralph P. **Filipenses**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MARTÍNEZ, Nancy R. F. Na “escola” do Espírito: o peregrino aprende a “ler” a Deus. **Itaici**: revista de espiritualidade inaciana, ano 18, n. 77. p. 51-60, 2009.

MENDONÇA, José T. **A mística do instante**: o tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. **Pai nosso que estais na terra**: o Pai-nosso aberto a crentes e não crentes. São Paulo: Paulinas, 2013.

METZ, Johann B. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.

MERTON, Thomas. **A experiência interior**: notas sobre a contemplação. Org. William H. Shannon. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Águas de Siloé**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1957.

_____. **A montanha dos sete patamares**. 5. ed. Rio de Janeiro: Petra, 2018.

_____. **Direção espiritual e meditação**. Petrópolis: Vozes, 1965.

_____. **Homem algum é uma ilha**. Campinas: Versus, 2003.

_____. **Novas sementes de Contemplação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **O homem novo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da vida**: o Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002.

MONDONI, Danilo. **História e teologia da espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 2014.

NOUWEN, Henri J. M.; CHRISTENSEN, Michael J.; LAIRD, Rebecca J. **Acompanhamento Espiritual**: sabedoria para percorrer o longo caminho da fé. 2. ed. Braga: Editorial A. O., 2017b.

_____; _____. **Formação Espiritual**: seguindo os movimentos do Espírito. Braga: Editorial A. O., 2017a.

_____. **Mosaicos do presente**: vida no Espírito. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____. **Pobres palhaços em Roma**: reflexões sobre solidão, celibato, oração e contemplação. Petrópolis: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, José A. N. **Perfeição ou santidade e outros textos espirituais**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

POLLIN, François S; TISSOT, Joseph. **A vida interior**: simplificada e reconduzida ao seu fundamento. 2. ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2019.

QUEVEDO, Luiz G. Saber escutar, para saber escolher: oração e discernimento. **Itaici**: revista de espiritualidade inaciana, ano 21, n. 100. p. 5-16, 2015.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo**: Preleções sobre o Símbolo Apóstólico. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

RUBIO, Alfonso G. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e reflexão cristãs. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

RUPNIK, Marko I. **O discernimento**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **O exame de consciência**: para viver como redimidos. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. **Para uma antropologia de comunhão**: pessoa, cultura da páscoa. Bauru: UDESC, 2005a.

_____. **“Procuo meus irmãos”**: lectio divina sobre José do Egito. São Paulo: Paulinas, 2005b.

_____. **Segundo o Espírito**: a teologia espiritual no caminho com a Igreja do Papa Francisco. Brasília: Edições CNBB, 2019.

SANT’ANNA, Affonso R. Orgulho. In: Yunes, Eliana; BINGEMER, Maria C. L. (Orgs.). **Pecados**. São Paulo: Loyola, 2001.

SPIDLÍK, Tomás. **A arte de purificar o coração**. São Paulo: Paulinas, 2005.

SUDBRACK, Josef. **Mística**: a busca do sentido e a experiência do absoluto. São Paulo: Loyola, 2017.

TENACE, Michelina. **Para uma antropologia de comunhão**: da imagem à semelhança: a salvação como divinização. Trad. Cláudio Antonio Pedrini. Bauru: UDESC, 2005.